

# Revista da Semana

ANO XLIV -:- N.º 9  
27 de Fevereiro de 1943  
Cr\$ 1,50 em todo o Brasil



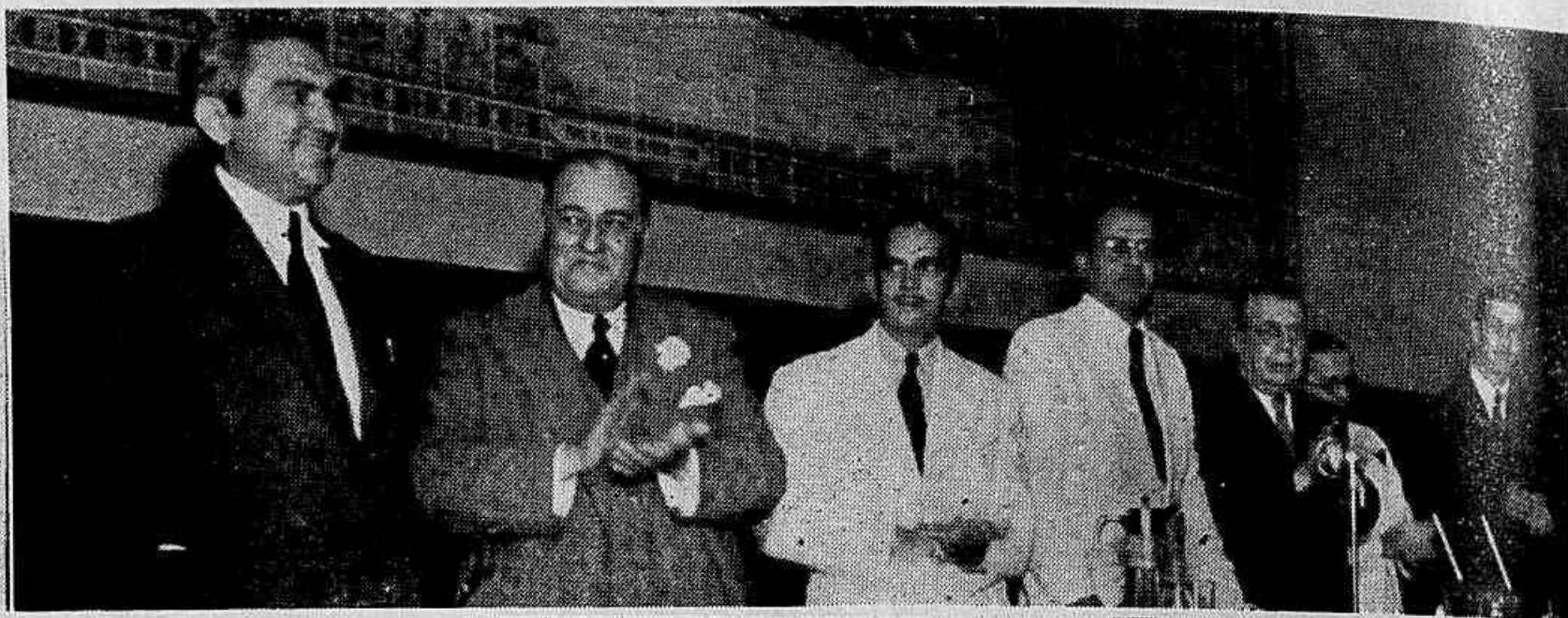
## OS NEGROS NA GUERRA

(REPORTAGEM  
NO TEXTO)



# INAUGURADO O PREGÃO IMOBILIÁRIO

## FLAGRANTES DO GRANDE ACONTECIMENTO



A' esquerda, o sr. Armando Couto Brito, presidente do Pregão, discursando. Em cima, e ao lado, quando era homenageado o sr. Milton Ferreira de Carvalho com uma salva de palmas, estando a assistência de pé.

Os aspectos fotográficos desta página se relacionam com o ato inaugural do Pregão Imobiliário, instituição idealizada, organizada e realizada pelo sr. Milton Ferreira de Carvalho, que a propuzera aos seus colegas corretores de imóveis desta capital, os quais na sua maioria a prestigiaram, imbuindo-se do sentido que a mesma pretende imprimir às transações de que se ocupam. E' o Pregão Imobiliário um organismo de concentração de pedidos e ofertas de propriedades e valores imobiliários; de zelo pela celeridade e segurança das transações; de sistematização das praxes das operações imobiliárias; de favorecimento da disseminação da propriedade dentro dos propósitos da política social do Brasil; de proteção e dis-



Durante a solenidade de inauguração do Pregão Imobiliário, foi prestada significativa manifestação de apreço ao sr. Milton Ferreira de Carvalho, *leader* da classe, pela sua relevante atuação à frente do grande movimento de congregação dos corretores de imóveis. Na gravura s. s. quando agradecia a homenagem.



Grande assistência compareceu á inauguração do Pregão Imobiliário, fazendo-se notar a presença de elevado numero de representantes da imprensa. As gravuras acima e ao lado são aspectos parciais da assistência.



ciplinação do trabalho profissional dos corretores de imóveis. E' um programa amplo a se desdobrar noutros pontos que a ele naturalmente se prendam, inclusive este, que é capital: identificação publica do mandato e do mandatário, o que apartará a duvida dos pretendentes, inspirará confiança aos proprietários, dará plena autoridade ao corretor. Será a anulação da burla, da má fé e dos pseudo profissionais.

Os corretores do Pregão Imobiliário obedecem a um "Decálogo", que é o seu código de ética; a uma tabela de comissões, que é o seu regimento de custas; e a um regulamento de transações imobiliárias, que estabelece as relações entre o corretor e as partes, e as destas entre si, tudo nos termos de convênio aprovado pelos Sindicatos do Rio e de São Paulo.

Mas, se o que está expresso é garantia bastante aos que penetram no mundo da corretagem de imóveis, há mais ainda uma razão da preferéncia com que devem ser distinguidos os corretores do Pregão Imobiliário, colocados sob a égide deste instituto, que é o recinto permanente dos melhores negócios de cada semana. A cerimonia da instalação do Pregão Imobiliário verificou-se no salão nobre do Liceu Literário Português, doravante, ás sextas-feiras, o centro de tais reuniões, tão práticas, de tão evidentes vantagens, de consequências tão benéficas numa cidade de crescimento vertiginoso qual a nossa.



# O HOMEM O SEU ESPELHO

Por HERMAN LIMA

**T**ODOS nós temos o nosso espelho pessoal, para uso próprio.

É ele que nos mostra o rosto que pensamos apresentar aos outros, as atitudes que imaginamos ter na vida pública ou particular, como também nos revela, ao nosso modo de ver, a face e o jeito dos que nos rodeiam, de perto ou de longe.

Como o grau da visão nesse espelho depende certamente da maior ou menor capacidade de auto-crítica do observador, nada mais natural que a imagem, formada pela criatura, á sua semelhança, seja, ás vezes, na realidade, tão diversa do que lhe parece.

Ainda agora, no prefácio de suas "Memórias", André Maurois se refere ao duplo que todos nós carregamos conosco, aquilo a que ele chama a Personagem — na qual se concentram as qualidades e os defeitos atribuídos pelo público ou pela posteridade aos homens notórios — tantas vezes, por seu turno, absolutamente alheia á verdadeira personalidade em foco. "A personagem é o homem que os outros imaginam que somos ou fomos. Pode ser múltipla: Duas personagens diferentes, contraditórias, ou mesmo inimigas uma da outra, podem nos sobreviver no espírito dos amigos e inimigos, e depois da nossa morte continuarem uma luta da qual a nossa imagem póstuma tenha sido a parada inicial".

Buscando fugir a esse perigo que é o primeiro a acentuar, o destre reporter dos "Silêncios do Coronel Bramble" procura dar de si o que acredita mais expressivo e mais específico. Pode-se, de fato, sem o menor esforço, aceitar a legitimidade de tudo o que ele evoca, mas, no final das contas, o que ressalta desta autobiografia movimentada e atraente é que é preciso acima de tudo desconfiar da Personagem, capaz na verdade das artimanhas mais imprevistas, pois o Maurois que aqui se despe, por assim dizer, deante de nós, não é outro senão o que sempre conhecemos, bolindo nas suas letras, manejando os seus conceitos envolventes e armando, na floresta da grande literatura, a rede dourada e flexuosa da sua arte fácil — isto é, o Maurois-Personagem, cujo espelho pessoal acabou por trai-lo redondamente.

Nesse ponto de vista, o livro chega mesmo a ser desconcertante, pelo divorcio entre a intenção que o ditou e o resultado atingido — ou seja pelo novo exemplo que nos dá da criação se sobrepondo ao criador. Na verdade, por menos que se tenha lido o autor de "Climats", o escritor de logo surge de dentro de sua obra literária, tal qual o homem que se retrata nestas páginas. Muito dificilmente o leitor, por menos arguto, sofrerá assim qualquer desilusão com algumas de suas confissões, em nada diferentes das que fazem, nos seus livros, as criaturas do seu mundo imaginário.

O que decepciona, sim, é sabermos desse modo que o antigo industrial de Elbeuf não pertence em absoluto ao numero dos escritores dicotomizados — cuja substancia literaria seja uma e outro o seu teor humano — como o que ele próprio, aliás, se encarrega de acentuar, neste passo: "Todo escritor tem seus temas pessoais, projeções dos fortes sentimentos que o levariam a escrever; e, queiram ou não, seus livros firmam-se sobre essas ideias centrais".

Ora, o que essas "Memórias" revelam é justamente o contrario. Nada, na sua larga bagagem de letras, segundo ele confessa, foi amassado com o sangue das criações laboriosas que fazem da obra de arte verdadeira um parto de dores como o da mulher. Toda a sua arte demonstra iniludivelmente — como ainda agora acontece com estas "Memórias" — aquilo a que os ingleses chamam dum modo insubstituível — "cleverness" — e que é inteligencia, esperteza, habilidade, jeito especial, de cambulhada.

Maurois sempre foi "clever" em excesso. O que nalguns autores poderia ser mesmo desejavel, tornou-se no seu caso o seu mal maior. No collegio, sentindo-se inferior por ser judeu (na hora do caso Dreyfus) e por via de certo defeito da coluna dorsal, que o diminuía aos olhos dos colegas, resolve tornar-se campeão de ginastica e o consegue rapidamente. "Corpo estirado, pés juntos, eu me regirava em sol na barra, e saltava de trapezio em trapezio, e corava com um salto os exercicios nas paralelas. O triunfo na ginastica,

como na politica ou na guerra, depende da boa escolha do momento exato. Um movimento feliz falha se sobrevem meio segundo fora de tempo".

O jovem Maurois de então sabia já muito mais ainda: sabia que é preciso, não somente aproveitar, mas preparar também esse "momento exato" de que tudo depende na vida, segundo a hermeneutica dos oportunistas. Muita vez essa "cleverness", agindo providencialmente, chega a milagres de presciencia, como no caso de sua afeição precoce á literatura inglesa e mais que á literatura, talvez, á lingua inglesa tão pouco presada na França.

Sabe-se que durante a guerra de 14, Maurois serviu durante anos como official de ligação com as tropas britanicas acantonadas no solo francês, do que decorreria uma serie de conhecimentos e amizades de prol na Inglaterra, escritores, "ladies" e "lords". Até o colapso da França, quando teve de fugir para os Estados Unidos, que já percorrera numa "tourné" de frutuosas conferencias, suas viagens a Londres eram frequentes para "week ends" nos risinhos condados ingleses, conferencias pagas e reuniões aristocraticas, onde figurava como conviva de honra.

Desse verdadeiro borboletear pela vida, pupilo da sorte que foi até ha bem pouco, é que nos dá conta, dum modo sempre sedutor, esse livro de recordações duma quasi total felicidade — a que a asa da desgraça, quando o aflora, é culminantemente, para mais breve ressaibo de dor. Vencedor dos primeiros premios do collegio, influente nos exitos comerciais da firma hereditaria, autor aureolado desde a saída do primeiro livro, conferencista bafejado pelo publico de dois continentes — quem perpassa duma ponta a outra dessas "Memórias" é o homem bem plantado no mundo, refinado e dono da senha magica do "Abre-te, Sesamo", para todas as portas, aquele que quasi julgamos em ponto de calçar os punhos de renda de Buffon, antes de começar a encher as suas laudas.

Seu projeto de mandar a esposa plausivel estudar em Oxford, enquanto atingia a idade de casar, é um requinte de nobre da decadencia. Até mesmo o amor de Janine, morta em flor de juventude e de beleza, decorre como num conto bem urdido, a fecho de ouro: "A hora em que começam os barulhos da rua e guincham, as portas onduladas dos armazens, sai em busca de flores. Voltei com uma braçada de lilazes e de rosas. "Pobre Ginette! — pensei comigo". É a primeira vez que as flores não são lidadas por você mesma. "...Falei alto áquele corpo imovel". O homem ao natural que assim agisse, seria pouco menos que um monstro de insensibilidade. Só a Personagem poderia ter semelhante atitude, mas Maurois se acha tão penetrado desse clima de literatura que nem de tal coisa se apercebe — e assim a primeira mostra de fraqueza humana que lhe escapa, ao recordar como á hora do armistício de 40 se trancou num quarto, para chorar como uma criança, parece falsa. Pela primeira vez em que parece ser mesmo o homem real que fale, o leitor desconfiado começa a duvidar de que não esteja em cena ainda uma vez a Personagem...

Esse livro é assim uma cruel armadilha da criatura contra o seu criador, como se o pequeno mundo das personagens de Maurois se tivesse divertido em empregar-lhe a sua propria imagem e semelhança. O certo é que nenhuma confissão poderia ser mais nefasta a seu autor do que este rol de vantagens apregoadas na primeira pessoa.

As criaturas felizes devem calar a sua historia. O homem egoista por excelencia detesta os felizes. O que se procura saber na vida dos grandes escritores e dos artistas universais é se na verdade seus dias foram marcados por horas de fel e de lagrimas, pão escasso e mingua de amor, se Beethoven rangia os dentes na impotencia de ouvir, se erá Dostoiewsky, depois dum ataque epileptico, atenasado por um credor mais impiedoso, ou que o nosso velho Machado de Assis misturasse a limpidez dos seus periodos de diamante á humilhação de certas regras do mais estúpido formalismo burocratico. Isso é o que exigimos dos grandes criadores de beleza, em troca da mesquinha dose de simpatia ou admiração que lhes chegemos, eventualmente, a tributar...

Revista  
da  
Semana





Reposo em clima adorável, 500 mts. alt. Passeios, águas minerais, matas, cascatas, água, diversões. Fazenda Santa Rita (Parada Eng.º Neri Ferreira), a duas horas do Rio. Tel. Mendes 61 — No Rio. Confeitaria Pascoal.

## ASMÁTICO!

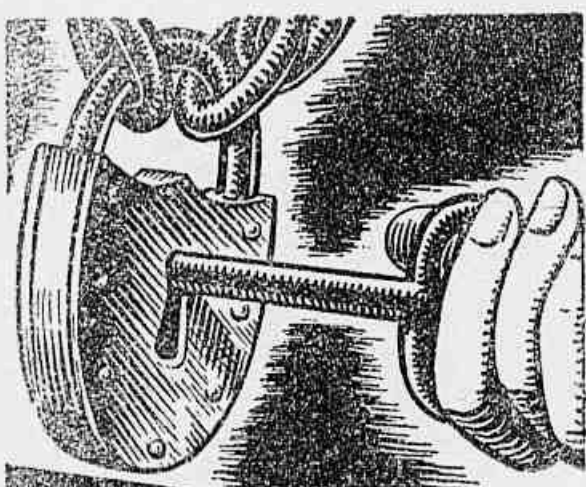
Se já tentou tudo,  
eis a sua salvação!

★ Para melhorar prontamente as terríveis manifestações da asma, como dispnéia, influências, defluxos, bronquites, catarros agudos e crônicos, coqueluche, cansaço, chiado de peito, tosse rebelde sufocação, há um medicamento infalível: o Remédio REYNGATE, a salvação dos asmáticos — composição unicamente vegetal — que dá um alívio imediato. Além disso faz desaparecer gradualmente todos os sintomas até conseguir curas brilhantes em 2 ou 3 meses, mesmo em casos velhos e desenganchados. Muitos médicos atestam o grande valor deste remédio, receitando-o. Experimente e ficará incorporado aos milhares em todo o mundo que elogiam o Remédio

## REYNGATE

a salvação dos asmáticos

Em todas as boas farmácias e drogarias  
Distribuidores: ANAJO FREITAS & CIA.



**LAXOLAGAR**  
GRANADO

COMBATE A  
PRISÃO DE VENTRE  
E NORMALISA AS  
FUNÇÕES DO TUBO  
DIGESTIVO



Numeros atrasados desta

Revista em Sergipe

Procurar a LIVRARIA REGINA

Rua João Pessoa, 137 — Aracaju

# REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das Revistas nacionais.

Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, na Feira Internacional de S. Paulo em 1933

## ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr. \$ 63,00; Seis meses — Cr. \$ 32,00  
Registrada: Um ano — Cr. \$ 80,00; Seis meses — Cr. \$ 40,00

## ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr. \$ 170,00; Seis meses — Cr. \$ 90,00

O número avulso custa Cr. \$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado: Cr. \$ 2,00

RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — RIO DE JANEIRO

Telefones: — Direção 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447;  
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Telefone 4-7866  
Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434. Lourenço Marques. No Uruguai: Moratori & Cia. — Constituyente 1745, Montevideo. Na Argentina: INTER-PRENSA — Florida 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — B. Aires.

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA.

Diretor: Gratuliano Brito

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 44 PAGINAS

## OUTROS RIRAM... AMIGOS DO ALHEIO



— Creio que o senhor  
não querará roubar-me...

— Não, senhor! Eu apenas aplico o clorofórmio.

— Vês este relógio?  
Ganhei-o numa corrida.  
— Com quem?  
— Com o dono, dois  
cachorros e um guarda-  
noturno.



— E' escusado seguir-me, amigo. Só levo niqueis comigo.

— Seu patife! Porque não disse há mais tempo?

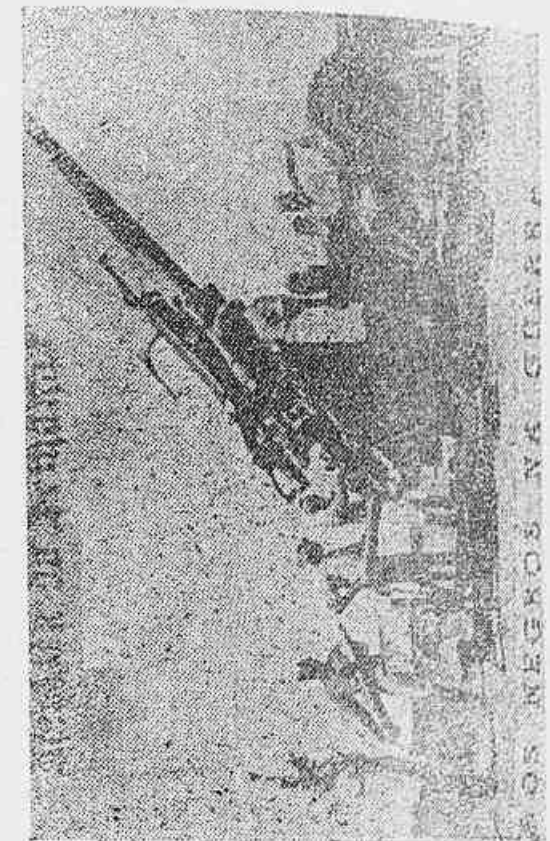
— Quanto tem você aí,  
no cofre?  
— Nove mil e quinhentos.  
— Que desaforo! Nem  
ao menos dez mil réis!  
— Mas acalme-se. Eu  
inteiro a quantia do meu  
bolso!



## O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da República, constará na própria capa do número a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o território nacional o preço da capa.

## A nossa capa



A fotografia de nossa capa de hoje mostra como os nativos da África estão tomando parte ativa nas operações que tendem a expulsar do seu continente as forças do eixo.

Vemos, assim, a guarnição de um canhão anti-aéreo pronta a entrar em ação, às ordens do oficial inglês. Nessas baterias, quase todo o trabalho especializado, como se vê dessa foto e de outras publicadas nas páginas da nossa revista, é feito pelos africanos.

O treino especial que lhes ministram os oficiais britânicos é magnificamente aproveitado por esses soldados de cor, em condições aliás especialíssimas para certas operações de guerra naquela região de clima rigoroso para os europeus.

A belíssima fotografia nos foi oferecida, especialmente para este número, pelo B. N. S.



Essa algo intrigante que se chama formosura é o que toda mulher ambiciona. A base é uma cutis delicadamente asseada. Use diariamente o

**SABONETE DE REUTER**  
para conservação.



## A voz humana

A voz humana, senhores, não é somente, como ao vulgo parece, uma intérprete dos pensamentos: ela o é principalmente das afecções e movimentos inarticulados do nosso animo; as palavras não são, por que assim o digamos, senão o corpo da frase, e os gestos o seu traje; mas o calor e alma do discurso é o tom que o acompanha, e alguma outra coisa ainda mais sutil, mais indefinível e mais sem nome que o repassa. Para compreender bem a fundo esta verdade é mister haver feito por necessidade e por espaço de tão largos anos, como eu, um não interrompido e distraído estudo sobre a expressão falada. Os a quem sua desgraça houver iniciado nesta ciência, advinharia muitas virtudes e não menos vilanias pelo mero som e modulação da voz humana: para os habituados a ver pelos ouvidos, dificilmente se achará cortezão ou comediante, que por mais que estude as dissimulações, lhes possa dar trocados ou falsificados os sentimentos, que lições ele não conheça.

A. F. Castilho



# O CARREIRO E O CAVALO

Conto do escritor flamengo CYRIEL BUISSÉ

A vida foi curta e — o que sem dúvida é um paradoxo — ao mesmo tempo muito lenta e muito rápida.

A meio da calçada recentemente concertada, brincavam, rebolando-se na areia amarela, três crianças. Eu as tenho ainda bem diante dos olhos e creio que sempre assim as hei de ver, como sempre me hei de lembrar da cena que então se passou. Eram elas: uma menina de sete ou oito anos, de rosto avermelhado, largos olhos azues impregnados de candura, cabelos negros e espessos, caindo em desordem na nuca e pelas faces; um pequeno de quatro ou cinco anos, gorducho, corado e louro, com um ar de gnomo, calções remendados, largos e compridos de mais para ele; e finalmente um bebê sem idade propriamente dita, de grandes olhos sem expressão e farripas louras, finamente aneladas.

Não sei de que é que eles brincavam. Provavelmente de nada. Remexiam a areia com as mãozinhas sujas; espojavam-se ao sol; gosavam como animaizinhos a doçura do ar primaveril. Ninguém as vigiava; a aldeia inteira parecia adormecida numa sésta ditosa aos dois lados da estrada interminável, ornada de filas de plátanos.

Sentado num banco, à sombra, diante da única hospedaria da terra, eu próprio me amodorrara, fatigado dum longo passeio de bicicleta. Por aquele esplendoroso e quente dia de Maio, tinha já nas pernas os meus quarenta quilómetros; e faltava-me vencer outros tantos para chegar ao fim da excursão. Cochilava de vez em quando; tirava de vez em quando meia fumaça do cachimbo; e a minha boa máquina, a minha esbelta companheira de estrada descansava também.

Nisto, gritos agudos, gritos de terror me arrancaram ao delicioso bem estar. Levantei-me, sobresaltado, olhei em volta; e o espetáculo que se me ofereceu, um momento me deteve, estarecido e como pregado no chão.

Na rua, bem diante de mim, e no lugar exato onde ha pouco traquinavam as crianças, um vasto e pesado carro de campo, passava puxado por um cavalo escuro e sem quasi fazer barulho na areia que cobria o calcamento. E simultaneamente, como ao clarão do mesmo relâmpago, enquanto as mãos frementes me premiam as têmporas e a boca se me abria para gritar mas sem poder emitir um som, vi o carreiro dormindo de barriga para o ar debaixo do toldo, as duas crianças maiores, a menina e o pequeno, fugindo para a beira da estrada, e, no meio, o bebê, sentado, sózinho, sem dar pelo perigo que o ameaçava. Não tive tempo de acudir. O cavalo estava já em cima dele!

Não, na realidade, não estava. No momento mesmo em que eu julgava assistir a um esmagamento horrível, vi o excelente animal parar um quinto de segundo, baixar o focinho para o menino, como para o fangar, e depois, afastando largamente as patas, as dianteiras como as trazeiras, passar lentamente, com o carro, por cima do inocente, sem lhe tocar.

Gritos alarmados; portas violentamente abertas; a menina e o pequeno berrando debaixo de palmadas — e uma mulher se precipita, lívida, desgrenhada, transformada e apanha, intacto, o bebê. Despertado por todo aquele barulho o carreiro salta ao chão, volta-se e, compreendendo o que acaba de se passar, desata as chicotadas ao cavalo, por entre pragas e maldições furibundas.

Só então eu intervenho. Aproximo-me com lágrimas nos olhos. Sinto que vou estrangular aquele homem. Já bem perto, porém, e sem poder explicar como, nem por que, fico calmo, perfeitamente calmo. E com voz doce, voz de reconciliação, que lhe digo, batendo-lhe devagarinho no ombro.

— Agradada, não batas mais no animal nem tomar alguma coisa.

O homem volta-se, deixa de bater, olha-me desconfiadamente ainda tremendo de cólera. E durante um segundo se passa entre nós um drama inexplicável. Se ele torna a bater, uma só vez que seja, salto-lhe em cima, derrubou-o e estrangulo-o. Tão certo como dois e dois serem quatro! Se não torna a bater, eu lhe perdôo; sinto que praticarei uma boa ação e que a minha ternura fará vibrar nele, pela primeira vez, uma fibra de humanidade.

Não torna a bater. Deve ter lido na chama estranha do meu olhar, aquilo que inevitavelmente eu daria. Deve ter sentido, na sua alma inculta, como ao contato dum fluido simbólico, a doçura e a piedade que irradiavam da minha. Subitamente serenado, atira o chicote para debaixo do toldo, trava o carro e vem ter comigo.

No grupo gesticulante que se formou a meio da estrada está a mulher da hospedaria. Chamo-a e encomendo-lhe dois copos de vinho. Depois, aproximo-me do cavalo e, tomando-lhe a cabeça entre as mãos, afago-a efusivamente.

— Amigo... digo ao carreiro — vamos lhe dar um pouco de aveia, não acha?

— Como o senhor quizer... responde ele, em voz baixa, um tanto envergonhado.

Vem a mulherzinha com os copos. "Tocamos" amistosamente. Peço para o cavalo uma porção de aveia que a hospedeira se apressa a trazer num cesto.

O carreiro tira o freio do animal; e, enquanto este mastiga esfoameadamente a aveia dentro do cesto que lhe ofereço com a mão esquerda, continuo a acariciar-lhe com a direita a cabeça e a crina. Faço isso longamente, comodamente, num gesto vagaroso e repetido, insistindo nos mesmos lugares. E de repente, abalado pela emoção, desato totalmente a chorar. Não posso conter as lágrimas; apesar de todos os meus esforços, elas correm, correm; e molham os últimos grãos que o animal apanha no fundo do cesto, rebuscando com os beiços estendidos.

Acabou-se a aveia. O cesto está vazio; o carreiro reajusta o freio do cavalo, para a partida. Estendo ao homem a mão direita em que escondi uma moeda de dois francos.

— Tome lá, para beber mais um copo pelo caminho...

De tão impressionado, o homem não ousa falar nem olhar para mim.

Detenho-me ainda um momento para ver o carro afastar-se. Alguma coisa deixou de estar certa porque, logo adiante, o carreiro parou, saltou a terra. Vi-o concertar qualquer coisa nos arreios do cavalo. E, terminado esse arranjo, antes de subir para o assento, passou a mão repetidamente pela crina do animal e por fim lhe abraçou o pescoço, com verdadeiro afeto. Voltou para o seu lugar; empunhou o chicote do ofício, mas, em vez de fazer descer a longa correia flageladora, agitou-a bem acima do corpo do cavalo, alegremente, como uma saudação animadora e festiva. E então, com um fundo suspiro de alívio, cavalguei a máquina e prosegui no meu caminho.

## Banco Industrial Brasileiro S. A.

Capital Cr.\$ 10.000.000,00

### MATRIZ

Rua General Camara, 71

Fone: 43-8830 — Telegramas: "CASABANCA" — Caixa Postal 785

### FILIAIS NO DISTRITO FEDERAL:

BANDEIRA  
MADUREIRA  
MEIER

Praça da Bandeira, 305  
Rua Maria Freitas, 13  
Rua Frederico Meier, 8

Fone: 48-0212  
Fone: 29-6606  
Fone: 29-5355

### FILIAIS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:

NITEROI  
CAMPOS  
PETROPOLIS  
BARRA DO PIRAÍ  
CAMBUCI  
ITAPERUNA  
NOVA IGUAÇU  
VOLTA REDONDA

Rua Coronel Gomes Machado, 81  
Rua Barão de Cotegipe, 94  
Avenida 15 de Novembro, 453  
Rua Julio Braga, 36  
Avenida 13 Maio, 82  
Avenida Cardozo Moreira, 90  
Avenida Marechal Floriano, 2127  
Rua Paulo de Frontin, 2

Fone: 6508  
Fone: 1167  
Fone: 4460  
Fone: 245  
Fone: "Posto"  
Fone: "Posto"  
Fone: 1  
Fone: 16

Todas as operações bancárias às melhores taxas







# A SEMANA EM REVISTA

GUERRA DITADORA  
DE MODA

Tudo aquilo que no princípio do actual conflito parecia bem longe do terreno das eventualidades prováveis, vir sendo, pouco a pouco, posto em prática nos países beligerantes. Recentemente, notícias da Inglaterra nos dão ciência de que esta prestes a ser resolvida a discussão da *roupa de guerra*. Um verdadeiro uniforme nacional, em que ficarão abafados o colarinho e a gravata. Cremos que será um espectáculo quasi divertido a vida diária numa das grandes cidades inglesas, depois de adotada a breca e a blusa figuras, operamente equaladas — por fóra muitos setores de trabalho sem saída a derradeira etapa. E a última renda individual, em prol do esfôr-

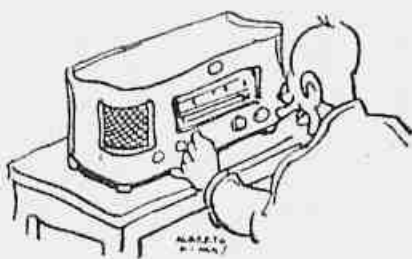


uma<sup>ma</sup> vaia estrondosa. Depois de muita luta, muita peripécia burlesca, a pequena foi salva por um senhor de idade cuja ligeireza no nado arrancou aplausos calorosos do público presente.

No terceiro ato a quasi suicida declarou simplesmente que se chamava Fulana de Tal Madruga, residente à rua tal, numero tal, etc. Francamente dona Madruga!

E ESTA ?

Sem duvida o nosso século é a época dos campeonatos. Perdurando, embora, a guerra, ela não apresenta mais as características de selvageria doutros tempos em que o homem



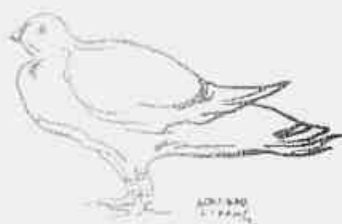
se empenhava com o ardor das lutas corpo-a-corpo. Agora a civilização, mesmo na guerra nos afastou de qualquer possibilidade de esforço sério — tudo pode ser obtido facilmente, com o auxílio de um instrumento, de um dos mil que a humanidade tem ao seu alcance.

Nesta situação o homem foi obrigado a procurar no atletismo, no esporte, de um modo geral, um derivativo para sua ansia de movimento e de construção. Em vez de rachar lenha, como o camponez antigo, o homem contemporâneo joga *foot-ball* como bem notou Alexis Carrel. Entretanto, a civilização não nos conduziu até aí. Transformou a humanidade em uma multidão de loucos, empolgada pelas neuroses coletivas. Daí a mania do record, do *fazer-cada-vez-mais-depressa* em todos os setores. Existe campeão de tudo. Ainda agora um cidadão na Colômbia bateu o *record* de captação de palavras pelo rádio: captou 100 palavras por minutos! Grande imbecil!

*FLAVIO*

A MENSAGEM VEIO DO MAR

O emprego do pombo como condutor de mensagens data de época tão antiga, que é mesmo difícil apontar-lhe as origens. A capacidade que essa aveinha tem de se orientar, a resistência que apresenta para o voo, são virtudes por assim dizer militares, que o homem apro-



Estas considerações vêm a propósito de um pombo agora capturado no Chile, trazendo um anel, no qual foi encontrada uma mensagem redigida em código secreto. Concluíram os técnicos que o pombo deveria ter sido solto em pleno mar, de bordo de alguma embarcação.

Que encerrariam as misteriosas inscrições? Que estranha mensagem seria essa, vinda do mar?

OUTRA VEZ SEM  
COMER

Capiti é, positivamente, um problema para a Inglaterra. Tudo vai muito bem quando, de repente, o rapaz linguça: não quer comer. Agita-se um Império, vibram as linhas telegráficas e telefônicas, rangem as máquinas impressoras de todos os jornais, inquietam-se os corações. E' que a boa nutrição do mahatma é uma condição essencial de paz na India. De uns tempos para cá êle do, etc. Pois agora resolve cusando de novo o alimento cedente repetiu-se. Boletim espaço a espaço, informando saúde do excêntrico personafinal com esses caprichos?



## TEATRO POPULAR

Os suicídios nas barcas de Niterói são de tal maneira comuns que chega a dar prova de vulgaridade, hoje, aquele que procura esse trampolim para dar o último passo.

Tais suicídios caíram no ridículo, sobretudo, porque é raro aquele que atinge, realmente, o seu ideal —

A gente para assistir, muita gente parou... A frequência é que a coisa virou uma exibição. E agora vai para ali fazer a sua cena, e depois de um adeus espetacular, atirou-se ao mar. Então o mestre da barca demorou-se muito tempo pelo qual o mestre recebeu

—



UMA refeição equilibrada vale por um dia de boa disposição. Equilibre suas refeições com Malzbier da Brahma. Saborosa, nutritiva e refrescante, Malzbier da Brahma completa suas refeições. Rica em malte, a Malzbier da Brahma alimenta. Levemente adocicada, a Malzbier da Brahma constitui sempre um presente para o seu paladar.



J.W.T.

# Malzbier

CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A. BRASILEIRA — RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO





## INSOMNIA?

Cuidado! Você está se intoxicando!

Quando não é possível conciliar o sono, é porque os tóxicos estão se acumulando no organismo, intoxicando o sangue. Elimine esse perigo tomando diariamente o "Sal de Fructa" Eno — de sabor agradável e de efeito revigorante. Eno limpa o systema intestinal, purifica o sangue e evita a insônia. Mas... só o Eno pôde produzir estes resultados.

**'SAL DE FRUCTA' ENO**



**P**ARA conservar os dentes brancos e fortes, as gengivas perfeitas, o hálito sadio e agradável, use PYOTYL, o dentífrico que preenche todas as exigências de uma higiene bucal completa.

# PYOTYL

"O CRIADOR DE SORRISOS"

o dentífrico mais completo  
— creme dental e líquido

EM TODAS AS BOAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

### PRISÃO de VENTRE?



Numeros atrasados desta  
Revista no Pará

Pedir a

ALBANO H. MARTINS & CIA.

Travessa Campos Sales, 85 - Belém

### DOR de ESTOMAGO?



## Mocidade censitaria

Tal como numa colmeia imensa, prosseguem ativamente os trabalhos do Serviço Nacional de Recenseamento, sob a orientação dos srs. Dr. Raphael Xavier e dr. Carneiro Felipe.

Centenas de jovens se revezam em três turnos para atender às necessidades daquela espécie de "laboratório" onde estão sendo apuradas as nossas possibilidades econômicas e culturais.

Tudo bom brasileiro está familiarizado com o boletim daquele Serviço, pois o teve em seu poder durante algum tempo afim de estudar as respostas a serem dadas da maneira mais exata possível. São esses mesmos boletins que hoje passam pelas mãos de centenas de outros brasileiros, mais atentos ainda, para que o seu trabalho não deixe nada a desejar. A's vezes, o companheiro ao lado de quem trabalhamos durante mezes não comparece mais. "Foi convocado", é a explicação lacônica. Virá uma moça substituí-lo. E assim, no serviço de codificação, mãos ageis de meninas, como passaros irrequietos, esvoaçam sobre aqueles papéis sizudos, aplicando-lhes carimbos de que somente elas conhecem o segredo. E a tinta vermelha, sujando embora as mãozinhas, vai deixando sobre os boletins em tinta preta a marca indelevel dos carimbos. Para um leigo, aquilo é simplesmente indecifrável: XO-AA-6-A-1... Que vem a ser isso? Quer dizer: brasileiro nato, fala correntemente o português e pertence á religião católica.

7X, por exemplo, lembra-nos a velha e querida França, hoje tão amargurada, e que nos legou em todos os tempos imorredouras tradições de cultura; 6X é a fria e impavida Inglaterra (a loura Albion, como dizia um poeta) heroína solitária, Walkyria de lenda, resistindo ao invasor em sua ilha encantada...

30: Tio Sam, Estados Unidos! "Amigo, venha cá, deixe-me dar-lhe um aperto de mão! Família boa? Nada de novo?" São essas palavras de boa vizinhança, de camaradagem amistosa que nos vêm á mente quando deparamos com um quesito que leva a codificação 30.

Si alguém diz que é da Paraíba, merece 08; Ceará, 06; Rio Grande do Sul, 21. Mas, si algum desabusado não desejou entrar em minúcias que considerou desnecessárias e gritou bem alto apenas isto: "sou brasileiro"! então nós lhe aplicamos a codificação 24 (Brasil, sem especificação).

E por aí adiante vai prosseguindo o trabalho gigantesco e quase ininterrupto da apuração do Serviço Nacional de Recenseamento.

Mas aquela colmeia de jovens de diversas classes sociais, após a cansaça de um trabalho de longas horas, sentiu um dia a necessidade de se divertir em sociedade, de se unir em bloco. E dessa idéia nasceu o GRÊMIO CENSITARIO, cujo diretor é Nelson Nobre, do Censo Agrícola. Fazem parte do seu programa, jogos, reuniões dançantes e interpretações de peças teatrais dos nossos melhores autores. E' de admirar o que eles têm conseguido neste ultimo setor, tratando-se de amadores sem o menor tirocinio.

Ha pouco tempo interpretaram ao microfone do Rádio Club do Brasil a peça "Vidas Cruzadas", de Elias Cecilio. Só por motivo da escolha valia a pena ouvir-se a irradiação, tão saturada está essa peça de sentido profundamente humano. Renato Murce, ao fazer a apresentação do Grémio, disse entre outras estas palavras: "Eles quasi nada ficam devendo aos profissionais". Nós vamos um pouquinho mais longe. Consideramos aquela timidez de principiantes um dado a favor dos censitarios, pois desconhecem ainda o exagero e a enfase que prejudicam e estragam muitos profissionais.

A 21 do corrente, no Ginástico Português, sob os auspícios do Serviço Nacional de Teatro, o Grémio Censitario levou á cena a peça de Bastos Tigre intitulada "Senhorita Vitamina".

Os interpretes, Helio de Moura, Aguinaldo Camargo, Trentino Marino, Nelson Nobre, Geraldo Guimarães, Helena Teixeira, Iára Cunha e Eda Cardoso, dos Censos Demográfico e Agrícola, do Gabinete Técnico e da Sistematização, portaram-se á altura das responsabilidades que lhes foram confiadas. Desejamos, entretanto, salientar a interpretação realmente notável de Geraldo Guimarães no papel de um velho fazendeiro de Minas, cheio de achaques e que ficou bom de uma hora para a outra graças á influencia encantadora da "Senhorita Vitamina". Nenhum profissional "de longo curso" teria feito melhor do que esse marinheiro de primeira viagem. Vocação é uma coisa muito seria.

Parabéns a todos, principalmente a Nelson Nobre, que deve ter trabalhado muito para conseguir que o Grémio Censitario alcançasse um sucesso tão grande.

E assim vamos nós todos, funcionarios do Serviço Nacional de Recenseamento, colocando cada um por sua vez uma pedra no monumento da grandeza de nossa patria.

De que maneira serves ao Brasil, o mocidade censitaria?

Com as mãos sujas de tinta...e com o cerebro trepidando de ideais!

IGNEZ MARIZ



# MOVIMENTO

MISTA VIDA DE MENINA, "cadernos duma menina provinciana de fins do século XIX", por Helena Morley — Rio de Janeiro, 1942.

A leitura destas páginas faz bem à gente. É o diário duma menina — já bem crescida, de certo — de família pouco abastada e moradora em Diamantina. E, tendo começado em 1895, termina em 1895.

O dia da menina, sem de certo imaginar todo o resultado da tarefa que lhe impunha, lá se tomar o hábito de registrar as suas observações ou impressões de cada dia. Naquela idade, num fundo de província, que podia a criaturinha assinalar, digno de ser guardado e mais tarde relido, e um dia, finalmente, publicado em livro? Com efeito, *Mista vida de menina* não se assemelha nada ao *Journal* dos Goncourt nem ao de Amiel... Mas a sua ingenuidade assume, não raro, uma feição de finura, de subtileza, com efeitos de encantamento. Os seus curtos capítulos: de meia página a página e meia, e em linguagem que de certo a sra. Helena Morley fez agora questão de conservar tal qual encerram quasi sempre alguma nota curiosa senão intensamente comovedora. Sem a preocupação de estar claro, de ser lida e como se contasse as coisas a si mesma, para as fixar, para não esquecer, enleva-nos pela espontaneidade, a sinceridade; e a cada momento, para não esquecer, nos surpreende pela eloquência. Na sua candura, passam lampejos de agudeza, de ternura e até — oh, prodígio dos prodígios! de bom senso. Transmite-nos para que a aceitemos e dalgum modo a tornemos nossa, a sua maneira de pensar e de sentir, desde os casos mais pungentes aos mais anedóticos. E os seus assuntos, em tão reduzido meio e ambiente que diríamos sempre igual, variam de modo a causar inveja aos cronistas das grandes cidades.

Assimela nos fala consecutivamente: do correctivo que recebeu por querer ir a um baile carnavalesco; da visita duma Bem-vinda lá a casa, para participar o seu próximo casamento com um ex-soldado, mutilado duma perna e que não poderá ganhar o pão de ambos nem sequer o seu próprio — "mas não faz mal, porque viver a gente vê de qualquer jeito; Deus é quem ajuda"; do horror de ver duas vizinhas enforcando um gato; do ladrão misterioso que apavora Diamantina; da confissão duma velha viciada na bebida, que a todas as perguntas responde "muito", "muito", até que o sacerdote a manda ir, com Deus, cosinhar a mona; da conversa dos velhos, "sempre a mesma coisa"; duma chácara que lhe inspira esta frase: "Não, eu não teria pressa de ir para o céu, se morasse no Beriberi"; dum padre mexeriqueiro e denunciador de travessuras; da negra que, acusada de quasi matar à pancada o marido molengo e maldraço, explica: "Mas eu não quize matar; ele é que é mesmo de raça de gente que morre"; duma sabia avózinha que, percebendo a menina invejosa da sorte doutrem, lhe diz sentenciosamente: "Deus sabe a quem dá sorte..." E lembranças destas, destas saídas, destas graças do pensamento ou da sensibilidade duma menina está cheio o volume.



Numa nota liminar, escrita agora, explica a sra. Helena Morley os comos e porquês do livro. E, dirigindo-se a suas netas, termina: "Vocês que nasceram na abundância... não precisam de ter penas das meninas pobres, pelo fato de serem pobres. Nós éramos infelizes! A felicidade não consiste em bens materiais mas na harmonia do lar, na alegria entre a família, na vida simples, sem ambições — coisas que a fortuna não traz muitas vezes leva."



SACRÍFÍCIO DE FABIANO, romance de Jayme Cardoso — Rio de Janeiro, 1942.

O sr. Jayme Cardoso é um tipo, hoje bem raro, de escritor. Representa uma estirpe rara que, se não está prestes a extinguir-se, sobreviverá graças a uma resistência milagrosa. Mantém na literatura moderna de ficção a aristocracia dos conceitos, a nobreza do gesto e a dignidade dos que preferem a impopularidade e todas as hostilidades ao desatino que lhes resultaria de transigirem consigo mesmos.

O seu romance surge, como uma peça de singular acabamento, quando a produção literária começa, em tantos casos, a feição paradoxal de obra ao mesmo precipitada e imbuída de ansiedade e desleixada. Há uma febre de realização e uma grande preguiça de apuro. Há a falta da maioria dos romancistas e outros escritores profissionais tornou-se mesquinha quantitativo. Homens de letras dos mais ufanos do seu êxito e, pelo índice numérico, das tiragens, com mais razão para isso, desprezam — diz-se — mas talvez algo de fato desconheçam os princípios rudimentares da arte e as mais simples regras de construção. Mostram segurança de observação, riqueza de imaginação, mas inexplicavelmente lhes falta o critério preciso para considerarem que só uma forma escoreta e sem brilho o pleno valor e a verdadeira expressão àqueles dotes naturais.

E como se fala, alegam, eles. Perdão! Escrevem como fala quem erradamente julga. Então por que a massa indistinta, anônima, não sabe falar, estarão os homens de letras, os pensadores, os idealizadores, os artistas dispensados de saber escrever? E em que consistirá a sua real missão? Em acompanhar os néscios ou em os educar? Em falar, de tão singelo no fundo, à força de discutido se tornou complexo; e quasi impossível, a pena traz-lo à baila. A chicana, o sofisma tomaram conta dele e consequentemente a beleza, aos olhos da multidão ledora, certa confusão. Instituíram uma espécie de arte. Mas a reacção há de vir, não pode absolutamente falhar. Há de se formar a corrente contrária, o movimento de regresso aos moldes esmerados dum Ruy, um Machado, um Bilac, e que, na sua pureza clássica, não impedem — reservada naturalmente a linguagem dos diálogos rústicos ou entre gente ignara — de abordar qualquer assunto, em qualquer meio, para toda e qualquer descrição. As letras atravessam uma espécie depromável de moda. Ou uma epidemia. Esperemos que ela passe.

Sim, esperemos. E neste meio tempo vamos registrando com especial regosio, com encanto, livros como o *Sacrício de Fabiano*, tão diferentes dos "feitos à máquina", que nos sentimos tentados a qualificá-los de feitos à mão. Trata-se dum romance de ação vaga ou debil mas de análise profunda. Não há entrecho, ou tão lentamente ele se desenvolve, que o podemos, e em verdade sem prejuízo do livro, considerar inexistente. Todo o valor reside no estudo psicológico e na observação do ambiente. O autor nos oferece o retrato em imagem, movimento e vibração duma intimidade, entre esboços mais ou menos vivos e palpitantes doutros caracteres, outros sentimentos, outros espécimes ou fragmentos humanos. O protagonista sofre na sua vida uma reviravolta cruel. Esta situação de angústia foi determinada por as pessoas de bom senso, do bom senso de toda a gente, considerariam Fabiano declarou imprescindível, em certa passagem de documento oficial, seu chefe hierárquico quiz pontificar que "não havia vírgulas indispensa-

# LITERÁRIO

veis". Fabiano exaltou-se. Para ele uma vírgula era uma criação do espírito, uma vida positiva, uma entidade. "Vale tanto quanto eu... ou quanto nós..." Por isso foi demitido. E o que se segue é a história comentada, estilizada, a interpretação por um filósofo entre benévolo e cético, que é ao mesmo tempo um fino artista, da luta de Fabiano para voltar a ganhar simplesmente a sua vida. Por entre as respostas dos que tudo prometem, tudo garantem, mas sem nunca dizerem exatamente o que nem para quando; as evasivas dos mais egoístas; os comentários inúteis, se não desastrosos, dos mais tolos; as frases de solidariedade compassiva dos mais hipócritas — vai Fabiano insistindo nas tentativas, sofrendo revêzes, beirando desesperos, conseguindo em todo o caso refazer as forças e reacender a ilusão para continuar. Surgem no seu percurso episódios de beleza e tristeza impressionantes, como aquele em que o herói, obrigado a desfazer-se das suas estantes de livros, não pode resistir à separação integral, e, guardando, para não cair de fome, o dinheiro obtido pelas estantes, volta ao "sebo" e torna a comprar, bem mais caros, naturalmente, todos os volumes, que vendeu. É uma página que, pela clareza, a transparência verbal, lembra Anatole France, e pela veemência, o requinte da sensibilidade, faz lembrar os Goncourt. E todo o livro apresenta essa limpidez de expressão e esse veemente fundo emotivo. Em verdade Fabiano se nos comunica e nos fica pertencendo. E tanto assim, que nos regosiamos ao verificar que a sua via dolorosa não vai até ao Calvário e ao vé-lo, a ele, reintegrado na antiga situação e conformado com a vida — como qualquer de nós.

J. L.

Principe de Galles

NÃO HA CHARUTO IGUAL AO PRINCE DE GALLES!

Costa, Penna & Cia. J. FELIX-BAHIA

## LIVRARIA ESPANHOLA

(FUNDADA, EM 1903, POR SAMUEL NÚÑEZ LÓPEZ)

CIÊNCIAS — ARTE — LITERATURA

JOSÉ NÚÑEZ MACÍAS

Matriz: RUA TREZE DE MAIO, 17

Telefone 42-9742

Filial: SENADOR DANTAS, 46-A

Telefone 43-3339

RIO DE JANEIRO

TRATAR UMA INDIGESTÃO COM VIOLÊNCIA não adianta

Seja amigo do seu estômago!

Purgantes podem prejudicar o estômago; o que ele precisa é de um correctivo que normalize a digestão. Tenha sempre à mão Fostex, que não contém cáusticos nem laxantes.

COMPRIMIDOS FOSTEX

Fácil de tomar e dosar



ESCRAGNOLLE DORIA

# TEMPOS DE GUERRA

A presente luta armada de quasi globo inteiro lança o sexo feminino á ferocidade de uma Guerra composta de guerras, tantos são no mundo universo os pontos de batalha pelos ares, sobre aguas e sobre terras.

Sem remontar por demais na Historia indique-se ligeiramente no passado algumas sombras mulheris projetadas nas sombrias télas das guerras.

Na téla da Guerra dos Cem Anos aparece em sombra maior Joana d'Arc, libertadora depois prisioneira. A vida da Donzela de Orléans é universalmente conhecida, a sua gloria mordicada, até antipatrioticamente, por sabotadores da Historia. Ao tribunal desta Joana d'Arc comparece intemerata, vigor da França nas forças de uma mulher. A Igreja ouviu a Justiça e á heretica, á feiticeira, á queimada de Ruão deu imagem de santa nos altares de seus templos, a despeito dos blasfemadores da pena.

Em Março de 1922 um breve de Pio XI declarou Joana d'Arc padroeira secundária e guardiã da França. Um hino das vespéras de sua festa principia por saudal-a com um *Salve virilis pectoris Virgo*, a sacrificada pelas chamas da fogueira a receber o incenso dos turibulos.

A sombra de Joana d'Arc é acompanhada na Historia por outra de francesa heroica, a de Joana Laisné ou Joana Hachette, com uma *hachette* ou machadinha defensora de Beauvais aos assaltos de Carlos o Temerario.

Outras mulheres inscreveram nomes no rol interminável dos sucessos historicos.

Registram estes feitos femininos sem menção de suas autoras. Desconhecido é da anciã de Argos que do ponto estrategico de um telhado mandou certa telha á cabeça de Pyrrho e tão certa que o matou logo. Livraram-se os romanos de pelear contra elefantes, hoje possivelmente tidos por tanks, tirados de florestas e manados pelo temível rei do Epiro.

A historia patria, porção da conglobada historia universal, também recebe algumas sombras femininas para telas do passado, embora sejam sombras de menos realce que outras dos anais de outros povos.

A conquista do nosso setentrião pelos holandeses lhes foi duplo empreendimento custoso e ingrato no qual só avultou a figura aristocrata de Nassau. A Bahia primeiro, depois Pernambuco souberam dizer alto lá ao invasor, gastando-lhe as forças, mingando-lhe os recursos, expulsando-o afinal para sempre.

Na reacção pernambucana de 1645 contra batavos celebrisaram-se as mulheres de Tejuco-papo, localidade por elas defendida na repulsa de três investidas de inimigo. Nas duas primeiras as defensoras da praça forneceram aos homens munições e agua, uma das valorosas, de crucifixo na mão, pedindo aos pelejadores que não fraqueassem. Em terceira investida conseguiu a gente batava varar a cerca de anteparo a Tejuco-papo. As mulheres da povoação, invocando S. Cosme e S. Damião, atiraram-se á luta saindo vitoriosas enquanto os homens empurravam o inimigo da mata para o mar.

As mulheres de Tejuco-papo arriscaram a vida pela patria, D. Maria de Souza sacrificou o coração. Aquela fidalga pernambucana perdera dois filhos e um genro na luta armada.

Perdendo terceiro filho chamou os dois ultimos descendentes exortando-os a substituírem o irmão tombado na batalha. Pintor nosso, Correia de Lima, deixou em téla a cena da renuncia materna de D. Maria de Souza, servindo-lhe de modelos para representação dos filhos da heroica progenitora uma menina e um menino depois figuras da nossa mais alta sociedade.

Na invasão de Pernambuco pelos holandeses, Clara Camarão avantajou-se em bravura a ponto de Brito Freire, historiando sucessos da época, dizer que os homens tinham aprendido com uma mulher a ser valorosos.

Ainda no seculo XVII, Rosa Maria de Siqueira, paulista, filha de pais ricos e nobres, casada com pessoa da sua igualha social, o desembargador Souto Maior, ao viajar para Lisboa em nau bem artilhada, a viu presa de corsarios dos Estados Barbarescos em sucessivas abordagens procurando apoderar-se de navio, passageiros e carga.

Entre pavores de uns e denodo de outros, Rosa de Siqueira antepoz o combate ao medo. Daquela participou por varios modos até que os corsarios desanimados se fossem sem presa mar alóra deixando a nau chegar a Lisboa onde a intrépida passageira se tornou logo alvo de intensa curiosidade publica, narradas suas proezas.

Ainda de novo no seculo XVII uma joven de dezoito anos, Maria Ursula de Abreu Lencastre, tomando o nome de Baltazar do Couto Cardoso, passou a Lisboa



## A Voluntaria da Patria

D. JOANNA FRANCISCA LEAL SOUZA.

Sacudindo a exempção, que a desprendia  
Do dever de a mãe patria defender,  
Corre ás armas armada em galhardia  
P'ra valente entre os bravos combatter.

(Desenho e versos de Setembro de 1865).

onde teve praça em tropa de partida para a India; sempre teatro de pelepas portuguesas. Após quatorze anos de serviços belicos recolheu-se a lar conjugal desposando antigo governador de Gôa, Arraes de Mello.

Corrido no tempo o seculo XVIII, no seguinte entrava o Brasil no esforço pela sua Independencia preparada por D. João VI no eleva-o a reino e no dotá-o de importantes instituições publicas. Se isto não é preparar vida autonoma então...

A um filho de D. João VI, a D. Pedro I seria dado proclamar a nossa Independencia não sem relutancia de Portugal. Tal relutancia se assinalou na Bahia onde o general Madeira entendeu cumprir seu dever de soldado a quem um posto foi confiado. Não neguemos aos outros o que para nós reclamamos no cumprimento do dever.

Filha de português, brasileira de berço, em a nativa Bahia, uma joven alistou-se como soldado para a Restauração da provincia na guerra chamada do Recôncavo. Foi a joven Maria Quiteria de Jesus Medeiros, de disfarce masculino na indumentaria, disfarce logo descoberto sem que se lhe tolhesse o assentar praça.

De como se portou belicamente diz o decreto imperial de 20 de Agosto de 1823 ao conceder a D. Maria de Jesus a venera de cavaleiro do 'Cruseiro, assinalando "os serviços militares que com denodo, raro entre as demais de seu sexo, prestára á causa da independencia do Imperio".

A D. Maria de Jesus foi concedido o uso excepcional de uniforme completado por um saíote que a Maria Graham, a viajante inglesa, lembrou o traje dos *highlanders* dos batalhões escoceses, que na guerra de agora ainda se vão á Africa do Norte com a sua farda tradicional e as suas cornamusas, sem que nada disso lhes diminua a sêde de combater e o ardente desejo de alcançar o tão significativo V da vitória.

No seculo em que viveu e foi honrada pelo Estado a voluntaria D. Maria de Jesus viveu também outra joven que comtudo não logrou a sôrte da antecessora.

Logo após uma campanha no Uruguai, proxima esta da campanha libertadora contra Rosas, entrou o Brasil em terceira campanha contra Solano Lopez oposto a conselho de falecido pae no aviso de viver em paz com o Brasil. Preferio Solano a guerra e, dadas as condições em que a preferio, tivemos de aceitar o desafio.

A vibração patria de 1822 lutando pela Independencia renasceu no Brasil de 1864 defendendo brios ultrajados. Não só forças do exercito, da armada, policiais, e da guarda nacional se empenharam na guerra do Paraguai. Em Janeiro de 1865 o ministerio Furtado, por um decreto referendado por todos os seus componentes, apelou para o patriotismo brasileiro. Surgiram os batalhões dos Voluntarios da Patria, honrando-se o imperador com o título que chamava ás armas centenas de cidadãos que, arregimentados, tantos serviços haviam de prestar, muitos de merito especial no fragor dos combates mais renhidos como o da segunda batalha de Tuiuti, a 3 de Novembro de 1867, por nossa parte dirigida pelo tenente-general visconde de Porto Alegre, o Marques de Souza de Caseros.

No decurso da guerra do Paraguai apareceu uma joven a desejar alistar-se num corpo de voluntarios da patria. Chamava-se Jovita Alves Feitosa. Nascera cearense, a 8 de Março de 1848, na povoação de Brejo Seco, em Inhamuns. Eram-lhe paes Simão de Oliveira e D. Maria Rodrigues de Oliveira. Um irmão de Jovita, Jesuino, como voluntario da patria fôra ao Paraguai.

Aos doze anos de idade Jovita perdeu mãe, aos dezesseis seguiu para a vila de Jaicós, no Piauí, para aprender musica com um tio, mestre da arte na dita vila.

Ao ouvir noticias da guerra do Paraguai, lembrada da conduta fraterna, Jovita partio de Jaicós para Teresina, a pé, por um caminho agreste e perigoso. Cortára os cabelos, vestira-se grosseiramente, cobrira-se com um chapéo de couro.

Neste traje, mal chegada á capital do Piauí, dirigio-se ao palacio da presidencia da provincia então administrada por Franklin Doria, o futuro barão de Loreto.

O presidente ordenou a Jovita que no dia seguinte fosse a praça de soldado. Não faltou quem sob a indumentaria masculina de Jovita a reconhecesse por mulher.

Na tarde marcada para aquartelamento, a 9 de Julho de 1865, seguida por uma multidão, foi Jovita á residencia do chefe de policia, Dr. José Manoel de Freitas. Procedeu este a interrogatorio do estranho voluntario, interrogatorio tomado por termo pelo escrivão Raimundo Dias de Macedo.

Perguntada porque chorava na presença da autoridade, Jovita respondeu por se vêr em trajes de homem perante muita gente e também por supôr que sendo descoberta a recusariam como soldado.

Conferido a Jovita o posto de 2.º sargento de voluntarios, pelo presidente Franklin Doria, com escalas pela Paraíba, pelo Maranhão seguiu o sargento Jovita para o Rio de Janeiro. O pae, vindo de Caxias a Teresina, não conseguira desviar a filha do proposito militar. Baldados os seus esforços abençoou-a.

Adestrada rapidamente no manejo de armas, Jovita usava com garbo calça, saíote, fardeta e boné, trazendo o cabelo á escovinha.

No Maranhão fôra Jovita muito obsequiada por uma terra tradicionalmente hospitaleira. Na Paraíba, de passagem, recebeu custoso anel de brilhantes; em Pernambuco o presidente da provincia, o conselheiro Paranguá lhe deu lugar a seu lado num camarote de teatro.

A 9 de Setembro de 1865 chegou Jovita ao Rio de Janeiro com o contingente que com ela saíra do Norte. Na capital do Imperio tanto recebeu entusiastica recepção quanto o mais formal dos desenganos.

Ministro da Guerra o general visconde de Camamu, foi negada praça a Jovita. "por não haver permissão para tanto nas leis e regulamentos militares". Foi facultado a Jovita junto a corpos em campanha prestar serviços compatíveis com o seu sexo. "serviços cuja importancia podiam tornar a voluntaria tão digna de consideração como de louvores tinha sido o seu patriotico offerecimento".

Profunda tristes e acentuado nervosismo causou a Jovita a resolução oficial. Ao quartel do Campo de Santa Anna tendo acudido muitos visitantes, uns comelidos, outros simples abelhudos, Jovita lhes respondeu com brevidade sarcastica, fruto de cruel desilusão.

Dissuadida de golpe e sempre pesadosa, Jovita conheceu no Rio de Janeiro dias amargos, por ultimo a residir na rua das Mangueiras, actual rua Visconde de Mangueira. Em casa de habitação coletiva conheceu Jovita um engenheiro inglês, Guilherme Noot, a serviço de companhia de sua nação no Rio de Janeiro.

Finalizado contrato tecnico com a companhia, o engenheiro se dispôs a regressar á Patria. Morava então Noot na praia do Russell. Sem coragem de despedir-se de Jovita o engenheiro redigiu em inglês um bilhete de adeus. Mandado traduzir por Jovita, encaminhou-se esta para o aposento de Noot no Russell e aí poz termo a seus dias.

Fim tão tragico comoveu o Rio de Janeiro de 1867. *Tracos Biograficos de Jovita* vieram a publico por cuidados de *Um Fluminense*. Prefaciado pelo dr. José Maria Velho da Silva, deu-se á estampa um poemeto assinado por Siso de Facheiro, visto velmente um pseudonimo, celebrando "uma flôr dos sertões", antes decantada por Muniz Barreto e Juvenal Galeno, este dando letra a hino de Libanio Colás em honra de Jovita.

Na época outra brasileira se apresentou ao serviço das armas como voluntaria da patria. Foi D. Joana Francisca Leal Souza, de offerecimento agradecido, que não aceito. Desenho do tempo mostra-a em traje de voluntaria, o mesmo de Jovita, de quem á sua chegada ao Rio de Janeiro disséra a imprensa: "o seu retrato anda por todas as mãos, ella em pessoa é procurada com anciedade, todos a querem vêr, e todos a querem conhecer, todos almejam por apertar-lhe a mão, e sabe Deus quantos aspiram por abraçá-la". Depois...

DURMA

feliz e  
com saúde

NUM COLCHÃO

ventilado  
de molas

HOLLYWOOD

Ouvidor, 59 - Tel. 43-7134  
DECORAÇÕES: Seção dirigida por  
GILBERT DE PARIS





# Nostalgias

Conto brasileiro

De HUGO CARVALHO RAHOS

(ILUSTRAÇÃO DE MOURA)

"Já que váis brevemente á Chapada, vê se ainda se encontra legivelmente o meu nome num tronco novo de genipapeiro que fica junto à casa do teu agregado (se é que ainda o mantens), próximo a umas madeiras, e aí talhado por mim a última vez que lá estive. Olha, não te esqueças de dar algumas tarrafadas ao poço do Periquito, de limpar as bacias bem sujo e garranchento; e também, ao do "Mané Flôr", que diziam os caipiras, aonde ia todas as tardes, a comprida canoa sobraçada, farnel d'iscas a tiracolo, descalço às vezes, pinto de preto e em mangas de camisa quase sempre — tal o nosso Casimiro, o Alfeu dos "Jeus oito annos", — a cantar velhas trovas nas estradas...

As férias, em tardes luminosas de que já não tenho notí-  
vezes calorentos de Dezembro a Março, quando o murici  
amadurecidos, embalsamavam o chapadão. Passava  
tando correios, a tua espingarda ou outra qualquer ao  
vezes só, quasi sempre acompanhado dum moleque, o Ma-  
laimundo do agregado, baixotes e barrigudinhos, que se  
da longa fieira de peixes quando de retorno.

e acauans guinchavam na galharada esguia dos cerra-  
arvoredo denso de ao pé dos correios. Havia o trile  
e cigarras ao mormaço; e, galgando a outra banda, —  
arada que descera brusca para de novo abrir-se o céu,  
olívico, ao sol glorioso, descambando além, na Barra, —  
les, o olho reluzente e globoso de roedor espreitando em  
assustadiços das moitas da beirada, atravessavam aos  
tempo grotescos e graciosos a rampa d'argila vermelha,  
se do outro lado, no catigueiro recendente. Não raro,  
do dos travessões de mato que aí cobrem habitualmente  
beiras, uma caninana inofensiva e modorrenta passava  
is, em coleios flexuosos, farfalhando as folhas secas der-

Apressava o passo, a gargantear velhos motivos da terra, ora esse dengoso *Compadre Chegadinho* dos batuques e muclirões da roça, ora aquela dolente melopéa do *Balador*, tão simples e evocadora:

*Eh! baladô!...*

*Eh! baladô!...*

*Bateu baia na porteira,*

*A porteira não quebrou!...*

Assim, alegremente, fazia os dous quilômetros que nos separavam do poço onde dormiam, no remanso das aguas, os cardumes de avoadas e jeripocas, sob as coivaras.

No "Manoel Flôr", tapera antiga que, como todas as taperas, diziam mal assombrada, e de que restavam apenas os moirões de aroeira, carcomidos e negros, metia-me pelo atravancado dos gravatás, goiabeiras silvestres, taquaral estralejante e o sarandí da beira do rio, tomava pelo trilho inculto que levava á pedreira favorável, e aí, junto dum "chiqueiro" abandonado sob cujas taquaras apodren-tadas adensavam os mandís chorões, desenrolava a linha, iscava o anzol, impunha silencio inviolável ao moleque, e eis-me todo entregue ás emoções variadissimas da pescaria...

Voltavamos ao sitio pelo anoitecer, ao assomar a lua no quadrante turquesa e ouro, quando caga-fogos e vagalumes luzeluziam nas baixadas, eu um tanto fatigado da caminhada, mãos e rosto arranhados pelo cipoal, chupando às vezes o dedo dolorido duma ferrada de jurupensem, mas pronto a recommear no dia seguinte, o Raymundo atrás, sopesando a grossa cambada e, nela discriminando já, com olho de dono, os bagres e lobós que lhe seriam como premio adjudicados.

De longe, ouvia-se o reclinhar lamuriendo da gangorra no terreiro

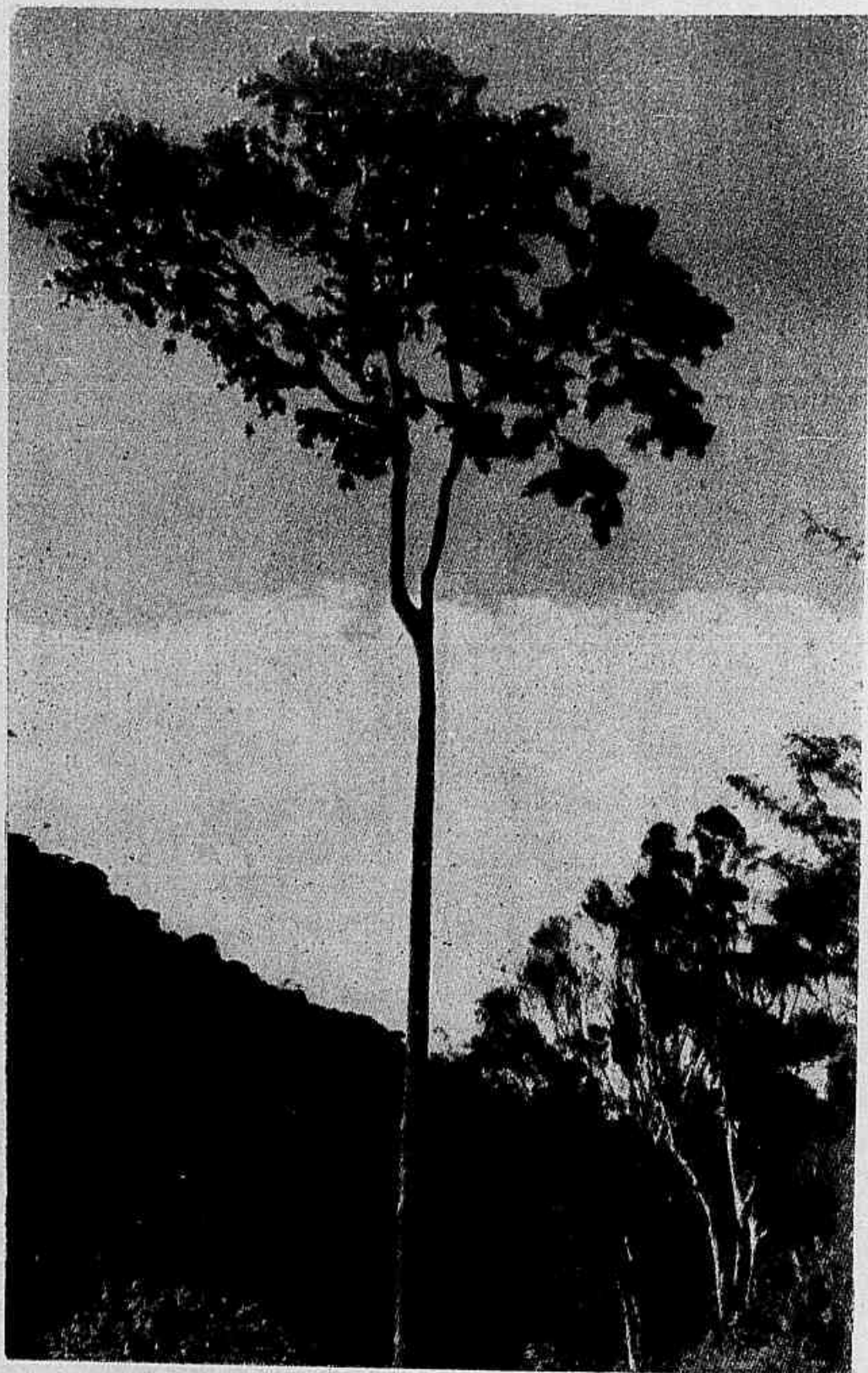
(Continua na pág. 42)



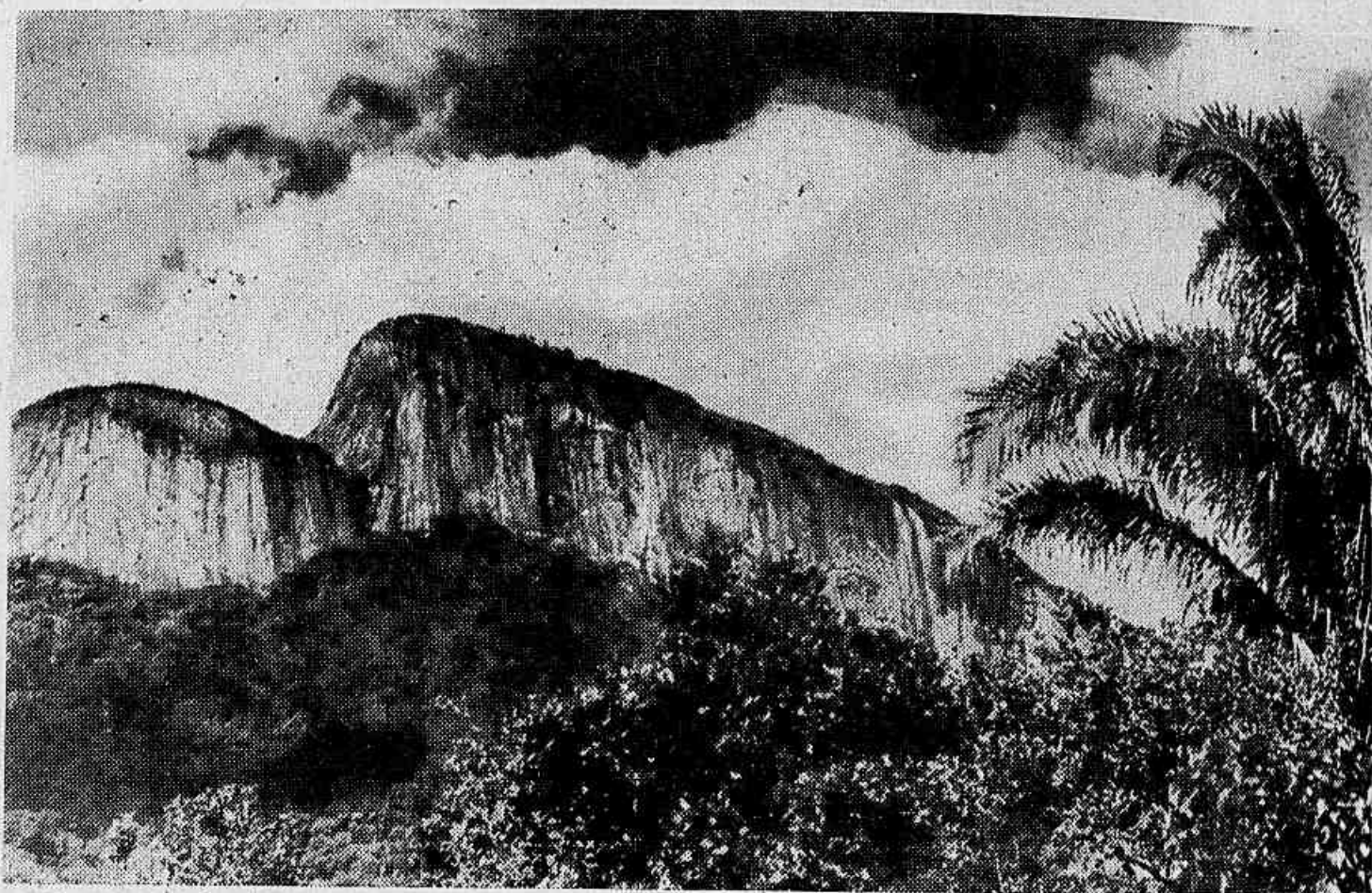
# NOSSA TERRA

FOTOS DO DR.  
RAUL PONTUAL

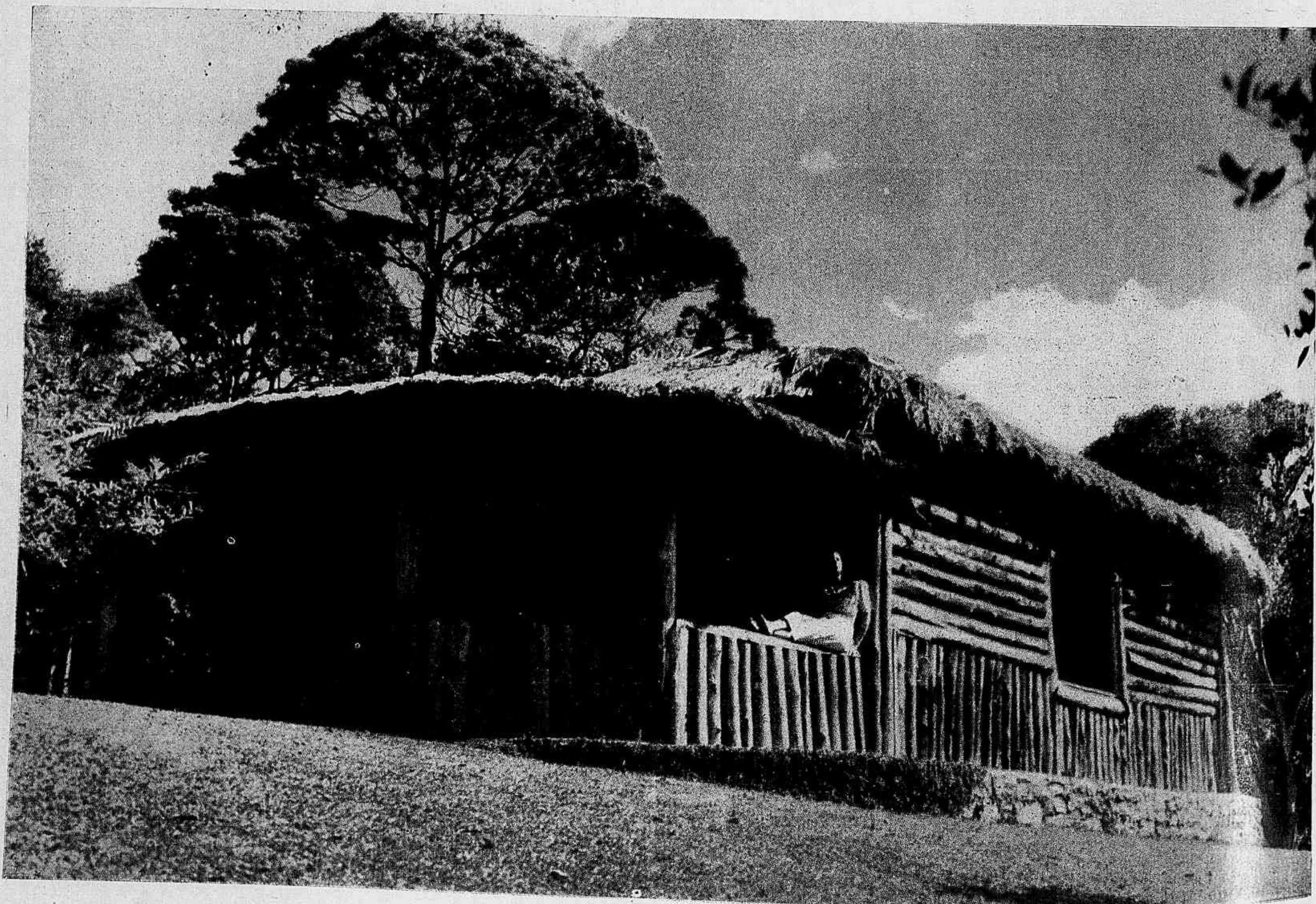
## O parque do carioca



Uma árvore altaneira, apumada contra o céu escampo. Ha milhares, como esta, refrescando e purificando os ares do parque.



Os dois Irmãos, colosso de pedra, dominando os horizontes do parque. E' um sinete da terra brasileira, imponente e colorida, que marca estupendamente a paisagem amavel.



A cabana do Capim Melado, refugio rustico, entre o recorte aristocrático das aléias de seixos polidos e os terraços debruados de cerâmicas azuis, vindas das fábricas do Porto, ha muitos lustros.

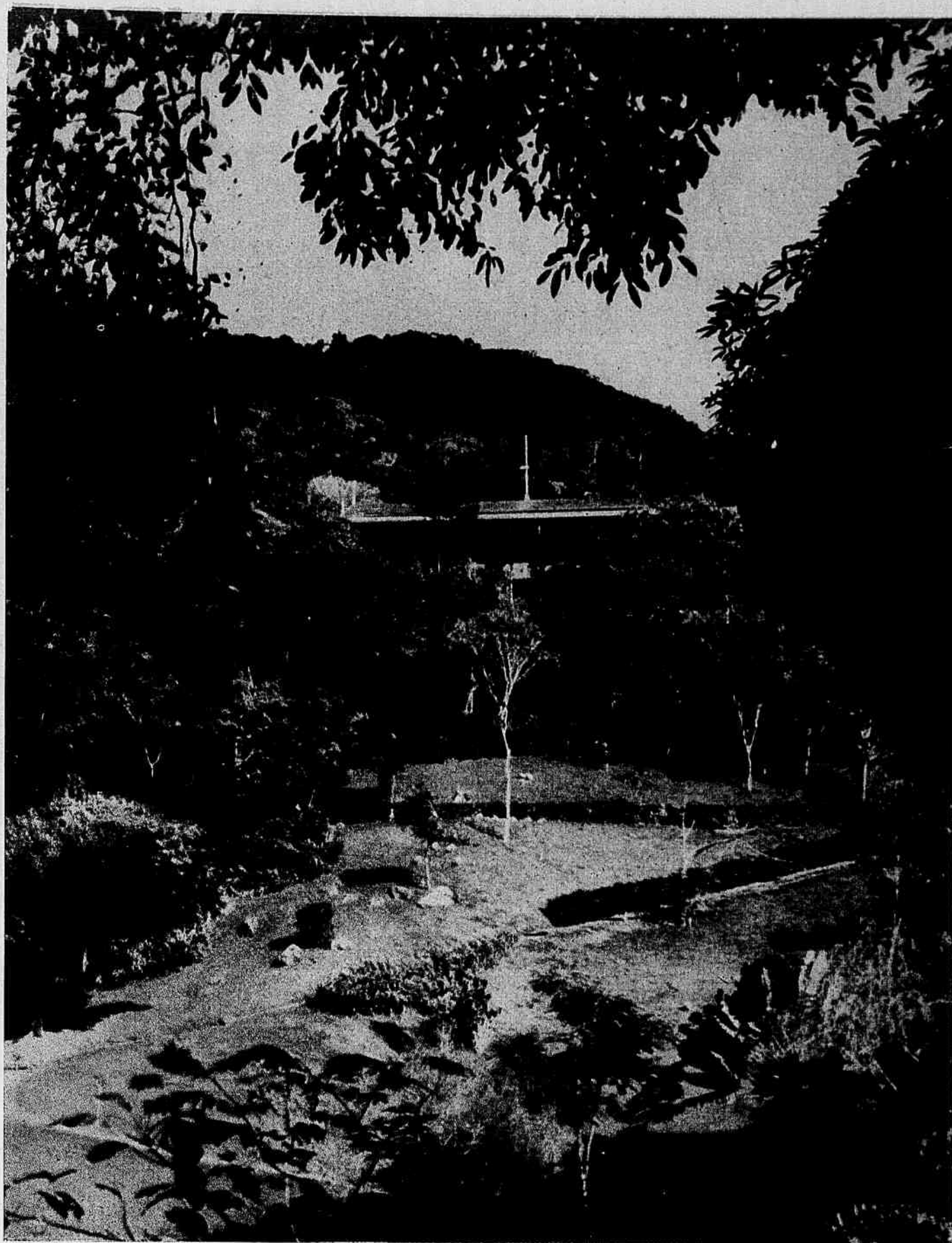




Catarina, que é o encanto da garotada, nas visitas domingueiras. Esperta, bem que sabe receber de golpe os niqueis que vão depois para o bolso do guarda. Para ela chegam os bonbons e as frutas que sempre lhe oferece um gurí mais animoso.

O carioca, especialmente o desta hora, criou-se olhando e amando o mar. Copacabana, Ipanema, Leblon — não ha espetáculo que mais seduza a visão dos rapazes e das moças desta cidade de todas as belezas. Mas, o Rio não é só curva de praia dourada. Ao lado das ondas, não muito longe que o seu rumor não chegue lá, temos alguns parques tão belos como os da Europa. E' preciso não esquecê-los, pois seria

Um delicioso remanso do lago, por onde deslizam as parselhas de cisnes tranquilos como os do soneto célebre. Um salgueiro chora, ao fundo, as suas máguas, mirando-se no espelho líquido.

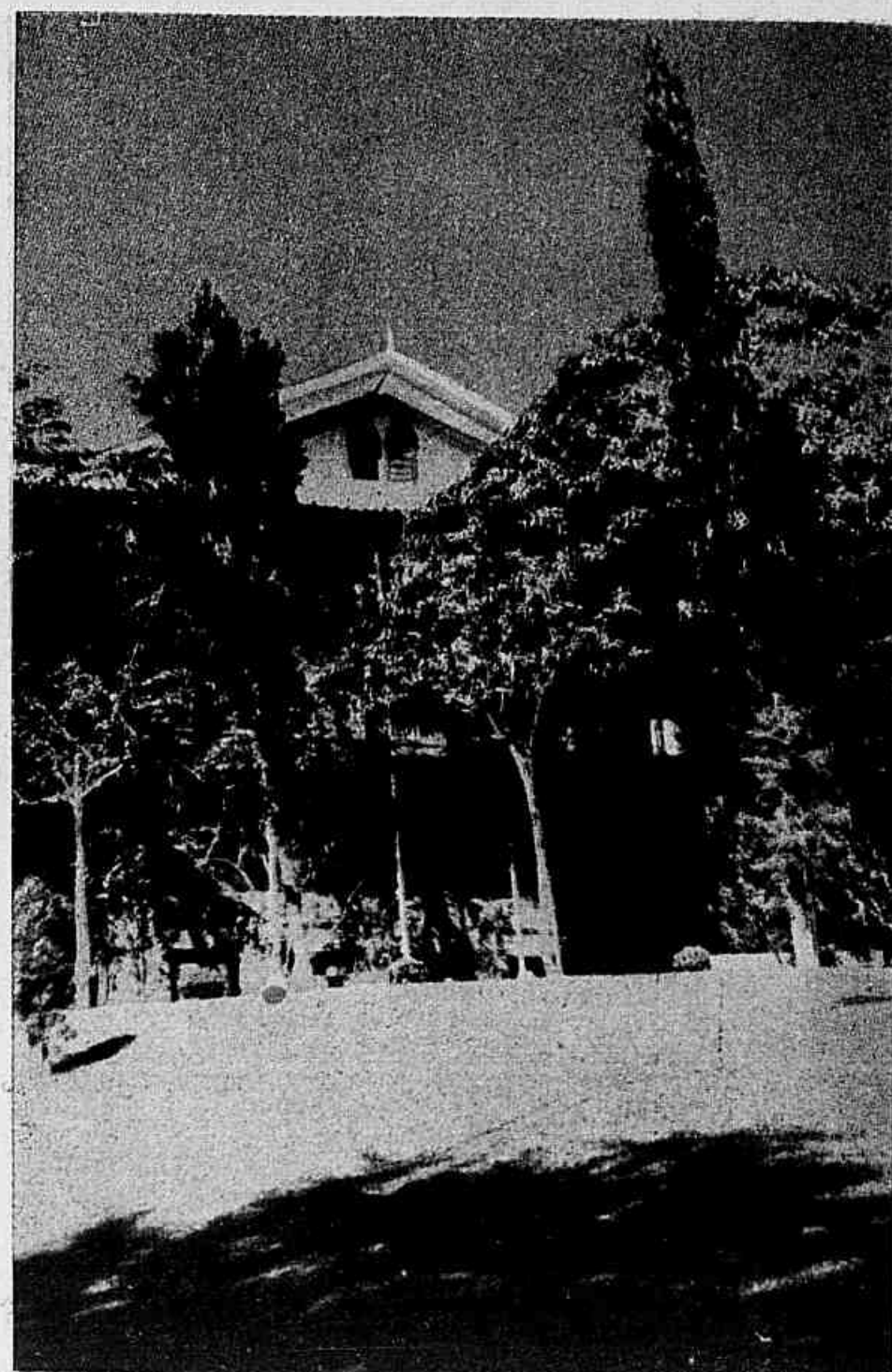


Ao alto — Vista geral do parque, mostrando diversos planos do jardim, a vegetação suntuosa, a montanha e o teto antigo solar, onde se está hoje instalando o Museu da Cidade.

ingratidão para com dádiva tão linda das mãos de Deus e dos homens de boa vontade. A reação nesse sentido já se vem, aliás, marcando, embora em ritmo lento. Já aos domingos verdadeiras multidões demandam justamente o mais bonito de todos os jardins cariocas, o Parque da Cidade, adquirido recentemente pela Prefeitura, e onde hoje podemos apreciar sem o privilégio dos donos de vivendas principescas, uma verdadeira obra prima no gênero, legítimo parque inglês, com os seus gramados trepando pelos cerros suaves, árvores floridas, uma repêsa povoada pelos cisnes e a moldura da montanha e do mar que se descortina do alto, fazendo do conjunto um momento de pura felicidade visual.

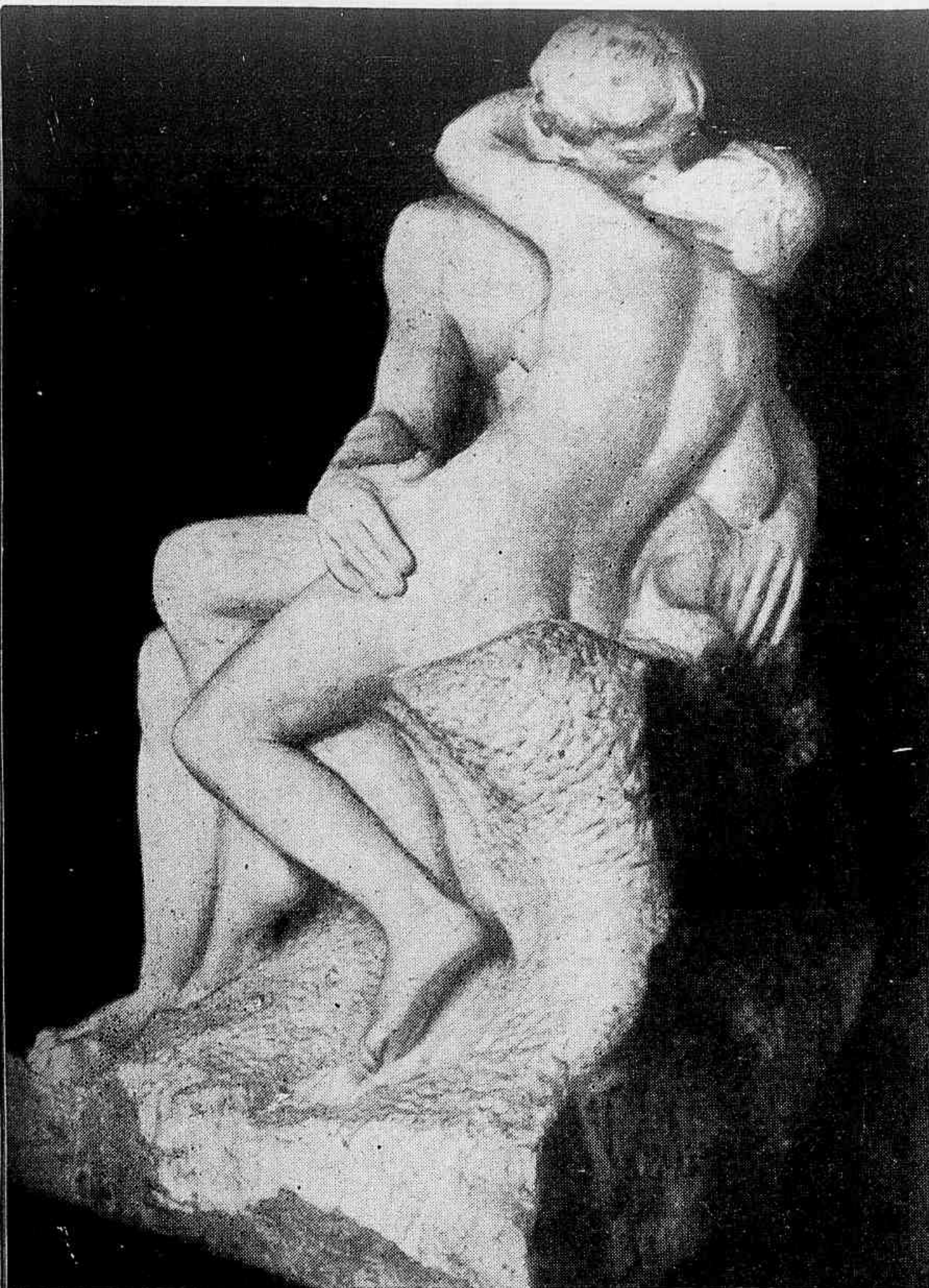
Nestas fotos, vemos alguns dos aspectos mais característicos do lindíssimo jardim municipal do carioca.

A' direita — Um recanto do parque, vendo-se entre as arvores o chalé residencial da família Guinle, primitiva proprietária do parque. Repousado entre as frondes verdes, sob o céu sempre azul — que delicia as horas não seriam neste pedacinho do paraíso de nossos dias!





# Tapete Mágico



O beijo, de Rodin. Este marmore, miraculoso de doçura e de emoção, é todo um poema de amor juvenil. Não ha talvez, na estatuaría de tempo algum, outro abraço mais terno, outra efusão de mais comovente afeto do que a destas duas jovens criaturas de pedra que se entregam á carícia mais transcendente que o homem pode desfrutar na terra. O polido da escultura, igual ao setim duma epiderme feminina, empresta ao corpo da rapariga, um esto de carne palpitante e luminosa, que a mão é tentada a aflorar para se convencer de que vive apenas pela magia da arte imperecível.



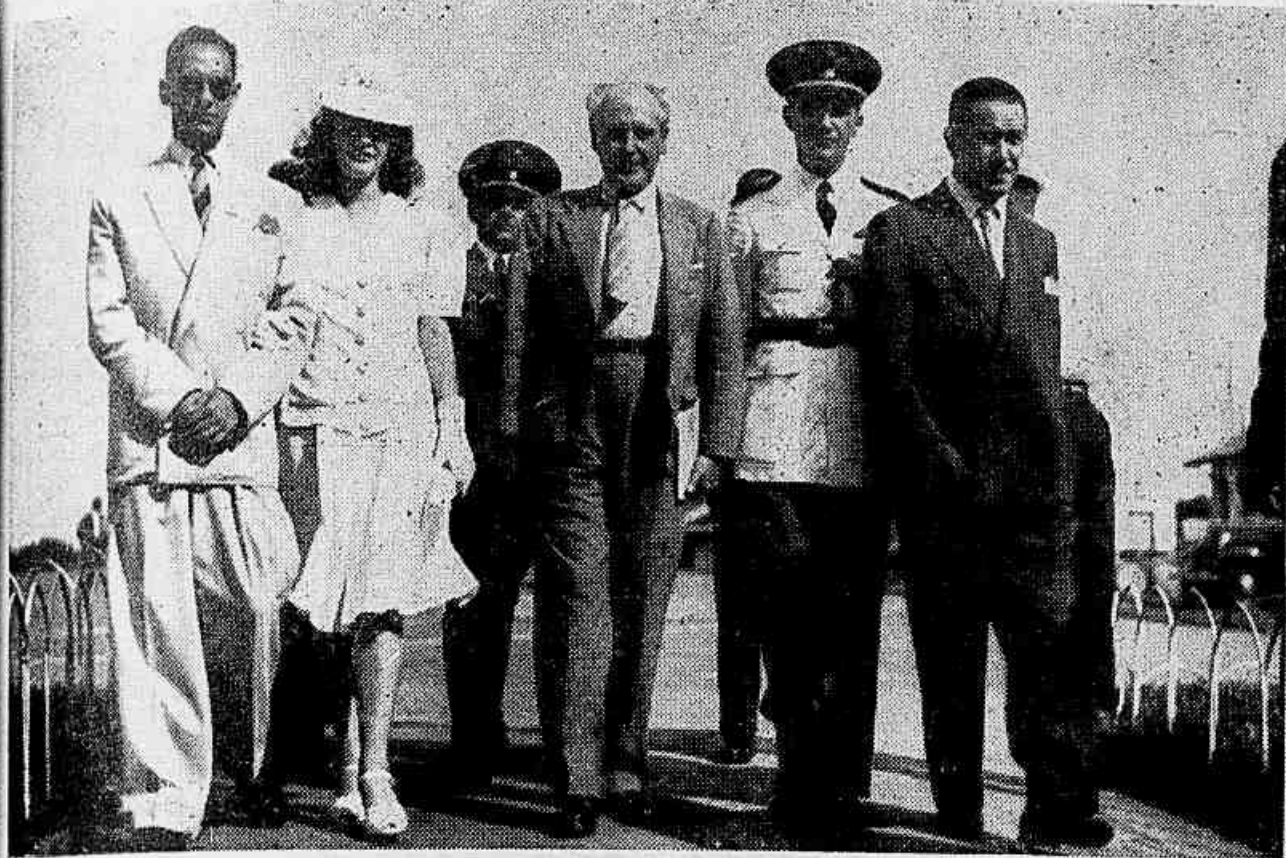
Esta jovem polinesiana, filha do governador nativo da ilha de Manoa, é uma beleza típica, como as que Somerset Maugham gosta de evocar nos seus contos admiráveis das ilhas dos mares do Sul. Na sua graça adolescente, esta pequena sereia das ondas do Pacifico ha de saber, certamente, cantar como as suas irmãs mitologicas que andavam, dia e noite, infatigavelmente, assediando a resistencia do heroi grego...

Um aspecto que todo o mundo sonha rever, o mais cedo possível, em seu antigo esplendor: o coração de Paris, a antiga Lutécia, conhecido depois como Ilha de França, encerrando, entre os dois braços do Sena, a Igreja de Notre Dame. Ha três anos vem esta querida estampa vilipendiada pela presença odiosa dos nazistas que acorrentaram a França ao poste de todas as infamias e sacrificios. Paris, Cidade Luz, capital do mundo espiritual, ponto de convergencia dos anseios de todos aqueles cuja cultura foi abeberada nas puras fontes das letras francesas, é hoje como uma ferida dolorosa que todos nós, que a amamos sempre, sentimos sangrando, no fundo do coração. Seu martirio de cidade escravizada dura ha três anos, que são bem três seculos de trevas. O clarão da alvorada começou, todavia, a bruxolear no horizonte. Esperemos que a graça de Deus baixe de novo, muito breve, sobre a paisagem mais nobre e mais amavel do mundo.





# DE SÃO PAULO



Flagrante apanhado por ocasião da passagem, por São Paulo, do embaixador do Equador.



Eleições realizadas na Associação Paulista de Medicina para a nova diretoria.



Eleição da diretoria do Departamento de Medicina Militar recentemente criado na Associação Paulista de Medicina.

**Quando fôr a São Paulo**

... não deixe V. S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

**Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil**

★

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

**CASA ANGLO BRASILEIRA**

Succadora de **MAPPIN STORES**  
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

## Araguari -- Minas Geraes



Vista parcial da "Vila dos Pobres de S. Vicente de Paulo", construída pela Sociedade de S. Vicente de Paulo: local para abrigo e assistência a indigentes. Vê-se o prédio principal, recentemente inaugurado. Mede 25 metros a sua fachada e é dotado de magnífico consultório médico, instalação elétrica (força e luz) em todos os quartos. Ao fundo são vistas algumas das sete casinhas destinadas a habitações. Cada uma com 4 quartos, podendo conter até 3 camas, todas com luz elétrica. Há mais dois prédios, sendo um também de grande área, onde existem a cozinha, a sala de jantar e o dispensário. Vê-se também a capela. Há ainda uma escola municipal, instalada em prédio de propriedade da Sociedade Vicentina, doado á mesma para esse fim. A Soc. S. V. P. socorre atualmente 320 indivíduos, dando-lhes de tudo. Algumas dezenas estão internadas na "Vila", outros recebem o socorro para a sua subsistência em dias determinados. Cozam de assistência médica e farmacêutica. Tudo inteiramente de graça. A Soc. S. V. P. retirou das ruas de Araguari, há mais de 2 anos, os mendigos que esmolavam ás quartas e sábados, organizando um perfeito serviço de assistência e distribuição de viveres e socorros por meio de fichas e cartões de racionamento. Todo o serviço de assistência foi organizado sob a orientação e direção do advogado João Alamy, Filho presidente do Conselho Particular local da Soc. S. V. P.



# TAUNAY

O RETRATO LIRICO DE UMA PATRIA NAS PAGINAS VIVAS DE UM ROMANCE — TAUNAY, HOMEM DE LETRAS E DE LUTAS — PRIMEIRO AUTOR CINEMATOGRAFICO BRASILEIRO — O QUE ELE PENSAVA DA ALEGRIA E DA TRISTEZA — SUAS RECORDAÇÕES DA POLICIA ALEMÃ...

A 22 p.p. fez cem anos que nasceu, nesta Sebastianópolis enso-larada e pitoresca, êsse brasileiro que se chamou Alfredo d'Escagnolle Taunay, o artista incomparável de *Inocência*, o poeta da *Retirada da Laguna*, o primeiro correspondente de guerra do Brasil (Campanha do Paraguai), o esplêndido reporter das descrições do sertão, cuja obra é uma fonte de belezas, um evangelho de brasilidade.

Assim, não foi apenas a ocorrência da data que motivou esta nota. Num instante em que todos os valores da Pátria se mobilizam, em que os moços procuram as fontes perenes da inspiração nacional, não são necessários pretextos para lembrarmos personagens como Taunay; porque aqueles que souberam servir ao seu país, com sinceridade e amor, não deixarão de receber justiça das gerações porvindouras, única recompensa dos abnegados, único prêmio dos heróis.

Remexendo as recordações de infância e de adolescência, que brasileiro não encontrará, bem no fundo do seu pensamento, um vestígio suave de *Inocência*, êsse livro que encerra a imagem do Brasil? Que guarda nas suas páginas a [sugestão formidável das distâncias, o sabor estupendo das paisagens cheias de sol e de vento. E o desfile das paixões, a música wagneriana dos sentimentos, tôda a confusão psicológica de uma raça de mestiços que o Autor soube compreender — e amar — tão bem. Brasil humano da hospitalidade sertaneja, Brasil claro e sussurrante dos grandes rios, Pindorama cheio de mistérios dos curupiras e das iaras...

"Pousos sucedem a pousos, e nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está caindo. Por tôda parte, a calma da campina não arroteada, por tôda parte, a vegetação virgem, como quando aí surgiu pela vez primeira.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se à maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquele solo, fertilizado aliás por um sem número de límpidos e borbulhantes regatos, ribeirões e rios, cujos contingentes são outros tantos tributários do claro e fundo Paraná ou, na contra-vertente, do portentoso Paraguai.

Essa areia solta e um tanto grossa tem côr uniforme que reverbera com intensidade os raios do sol, quando nela batem de chapa. Em alguns pontos é tão fôfa e movediça que os animais das tropas viajeiras arquejam de cansaço, ao vencerem aquele terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canela."

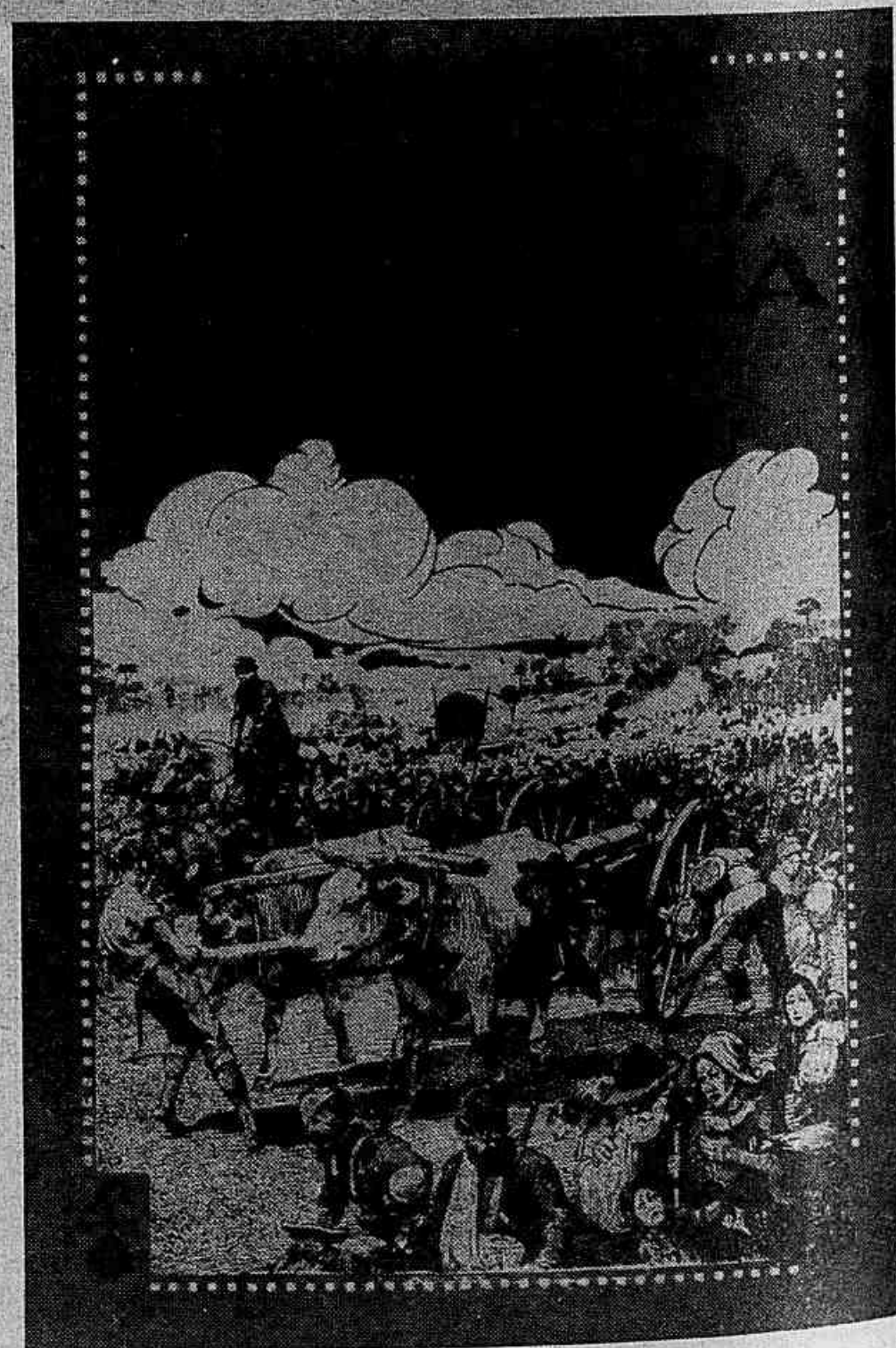
*Inocência* não é apenas um repositório de descrições geográficas. Existe neste livro muita reflexão, muito conceito, poderíamos mesmo dizer que Taunay foi um dos pioneiros do romance psicológico entre nós, êsse romance que hoje parece predominar, sobre qualquer outro, na literatura universal. Entre muitas outras coisas, destacamos ali o seguinte trecho sobre estados de espírito:

"Causa-nos involuntário cismar a contemplação de grande massa líquida a rolar, a rolar mansamente, tangida por força oculta.

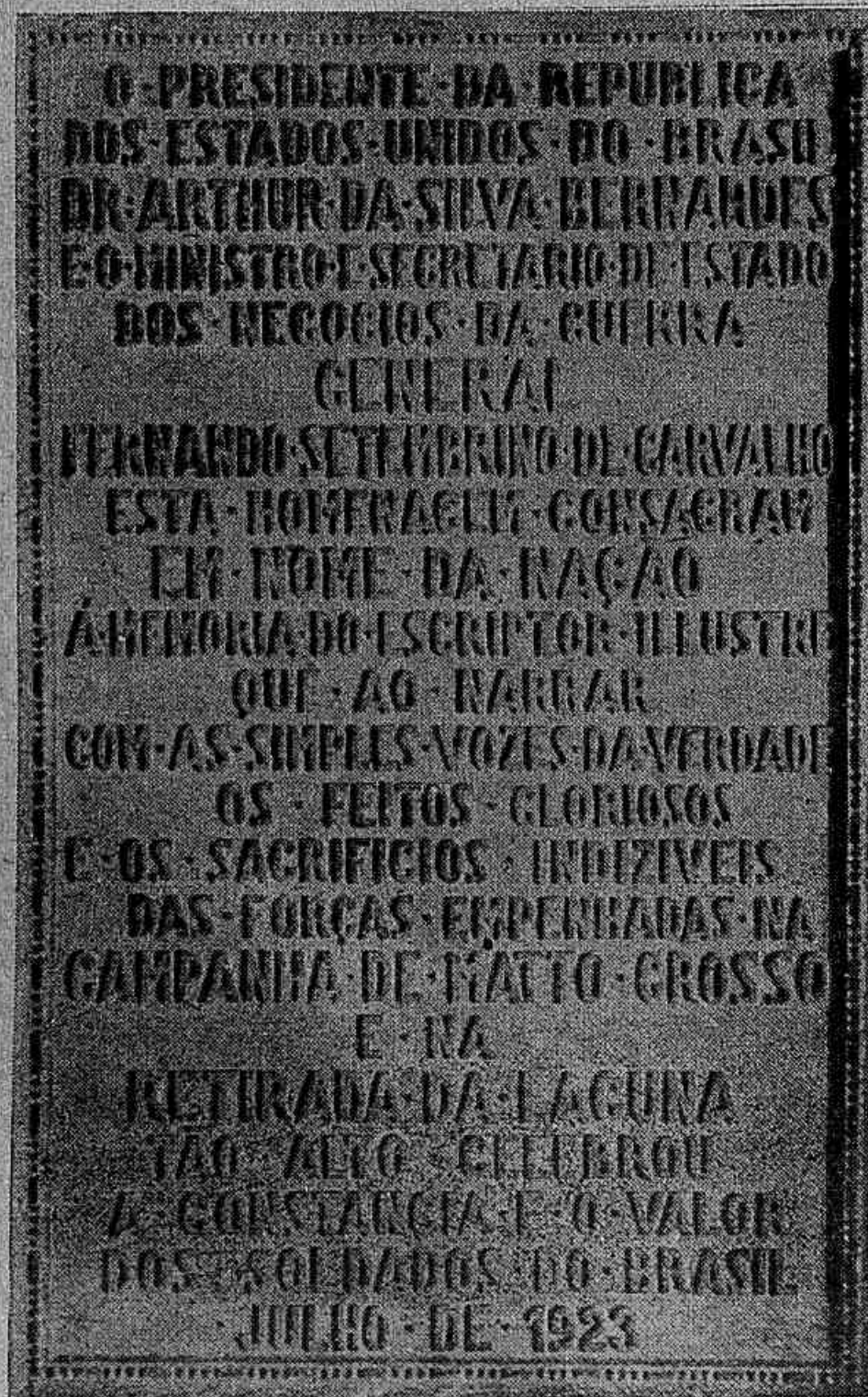
Bem como a ondulação incessante e monótona do oceano agita a alma, assim também aquele perpassar perene, quase silencioso, de uma corren-

A' esquerda: Placa dedicatoria do monumento ao Visconde de Taunay.

A' direita: Frontispício de "A Retirada da Laguna".



Este retrato é de autoria de L. A. Moreaux, tendo sido oferecido em 1876 ao então major dr. Alfredo d'Escagnolle Taunay, pelos oficiais da guarnição do Rio de Janeiro "como lembrança e homenagem dos seus amigos do Exército". Atualmente encontra-se em poder do dr. Afonso Taunay.







Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade...

*Viagem, Céus e Terras do Brasil, Curiosidades Naturais do Paraná, Visões do Sertão, Viagens de Outeira* são documentários formidáveis do Brasil hinterlândico, onde os sociólogos e estudiosos de hoje encontram informações preciosas sobre o nosso passado, que, de certo modo, ainda é o nosso presente...

Na época, ele trouxe à curiosidade das populações litorâneas, os relatórios empolgantes das nossas façanhas guerreiras, as crônicas pitorescas de uma terra desconhecida. Com isso, é possível que haja logrado *escandalizar* os francesistas da Corte, mas foi assim que legou ao nosso País um dos maiores monumentos de sua literatura — *A Retirada da Laguna* — quiçá uma das maiores epopeias guerreiras do mundo. Se é fato que a História só vale quando a escrevem, porque só os documentos *permanecem*, resistindo à erosão dos séculos, devemos atribuir a este livro um papel incalculável em relação à Pátria. Evidenciando as qualidades militares da nossa gente, testemunhando a capacidade de renúncia e de idealismo dos nossos soldados, é a *certidão de idade* de um povo, o *manifesto* de uma nação aurorescente, lançado aos amplos céus do futuro.



Da parte de fora, agarrou-lhe Cirino nas mãos.

te caudal, insensivelmente nos levam a meditar.

E quando, o homem medita, torna-se triste.

Franca e espontânea é a alegria, como todo o fato repentino da natureza. A tristeza é uma vaga aspiração, metafísica, uma ilação inquieta e quasi dolorosa da contingência material.

Ninguém se prepara para ficar alegre. A melancolia, pelo contrário, aos poucos é que chega como efeito de fenômenos psicológicos a encadear-se uns nos outros".

Realmente espantoso o número de edições alcançado pelo romance, em português e em idiomas estrangeiros. Existem 23 edições brasileiras; traduções em francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, croata, sueco, dinamarquês, polaco, flamengo e japonês, em um verdadeiro *record*, talvez não ultrapassado por nenhum outro romance brasileiro. Além disso ha, relacionado com ele, um particular interessante: é que em 1915 foi realizada no Brasil, pelo ator Capellani, a primeira película cinematográfica que teve um romance brasileiro por tema.

A este romance, cuja vida tem sido uma sucessão de triunfos, o Autor chamou, na primeira edição, "uma narrativa campestre e despresticiosa, um livro singelo e sem futuro."

Mas Taunay não foi escritor de um único livro. Pelo contrário, sua bibliografia é vasta e variadíssima, dentro do plano geral de um tema único — o Brasil.

Aí mesmo reside o seu maior mérito. Numa época em que possuíamos características coloniais autênticas, no domínio literário, ele, europeu pela educação recebida, filho que era de um membro do Instituto de França — prefere fechar os olhos aos deslumbramentos dalém mar e escrever sobre o Brasil, descrevendo-lhe as paisagens e as populações, os costumes, as lendas e a história.

E' verdade que não foi um estilista. Não dispôs dos mágicos recursos de um Euclides, da musicalidade admirável de um Alencar; entretanto, foi mais objetivo, habituando-se a escrever ao ritmo incerto das andaduras, nas intermináveis viagens pela nossa carta geográfica. *Cenas de*

Na sua bagagem literária destacam-se ainda os romances *A Mocidade de Trajano, Lágrimas do Coração, Ouro sobre Azul, O Encilhamento, No Declínio* e muitos outros volumes de contos, de crítica literária, de teatro, de corografia e etnologia brasileira. Na música e na pintura deixou algumas composições, demonstrando uma ação criadora verdadeiramente onímoda.



Tudo quanto enchia a salinha havia saído para a rua...

Casando-se com d. Cristina Teixeira Leite, filha do Barão de Vassouras, em 1874, ligou-se assim a uma tradicional família fluminense, circunstância que mais o credenciou ao título recebido de Sua Majestade, a quem seria eternamente fiel. Note-se que ele foi um dos nossos poucos *monarquistas doutrinários*, escrevendo ardorosamente pela imprensa.

Integrando o grupo fundador da Academia Brasileira de Letras, ali ocupou a cadeira n. 13, que tem como patrono Francisco Otaviano.

Certa vez, contrariado nas lutas políticas, partiu para a Europa, onde esteve numa longa viagem de estudos. Jornalista sempre, narrou curiosas passagens do seu roteiro pelo velho mundo; entre os quais um rápido contacto com a polícia alemã (ainda não era a Gestapo) quando atravessou a fronteira da França, em direção ao Império do Kaiser. Conta ele, com grande humor, o diálogo que se passou, por causa de um caixote de livros que conduzia:

"São obras proibidas?" perguntaram-me; "não sei", respondi com verdade. "Se quiserem, verifiquem". Aberto o caixote, passaram rápida revista, mas pareceram esbarrar diante de um dos volumes da magnífica *Geografia Universal* de Elisée Réclus: a França. O nome, com efeito, do autor não é de boa nota, mas a obra tem coisas excelentes, muito sérias e de verdadeiro valor científico. "Para lê-lo", repliquei E, reunindo um tanto dificilmente os retalhos de alemão que ainda conservo em memória, fiz ver que as páginas estavam quase todas cortadas. Consultaram entre si, foram ouvir uns empregados de categoria superior e afinal o Elisée Réclus transpôs a fronteira, em companhia de alguns romances ingleses e das *Harmonias da Natureza* de Bernardin de Saint-Pierre."

N. R. — As ilustrações desta página são de vigéssima terceira edição de "Inocência", assinadas pelo desenhista Framta Richter.



# Eterno Esquecimento

por *Hormino Lyra*

Poucos amigos se viam mais unidos que êstes dois — Longino e Amora, esposos extremamente afetuosos mas a justa medida, sem exageros, os quais tiveram a desdita de ser apresentados a um casal de velhos ricos.

A senhora, Dona Fortunanda, ocupada continuamente da infelicidade sua, pela falta de carinho do extravagante espôso, era muito triste. Doutor Bolacha, em moço obstinado conquistador de corações, sem as ilusões da velhice, perseverava nos hábitos da mocidade.

No meio das melhores relações, Dona Fortunanda punha a calva à mostra ao marido, exagerando às vezes um caso fortuito.

Via-se em apuros Doutor Bolacha na presença do casal Longino - Amora; e tudo fazia por evitar os destemperos da ciumenta companheira.

Em conversa com outro velhote da mesma têmpera, dizia êle ser Dona Amora anjo encantador da principal hierarquia celeste *uma garola do outro mundo*:

A arteriosclerose, havia muito, vinha em ofensiva torturante a perseguir Dona Fortunanda, mas esta resistia heroicamente, procurando deter-lhe a marcha em defensiva tardia. Em certa época, porém, subjugou-a, levando-a definitivamente à cama; e veio por etapas, tomando um dêdo, um pé, uma perna, com o endurecimento das túnicas arteriais, e foi prosseguindo até como que lhe tomar de assalto o coração; ficando-lhe paralizados, por completo, os movimentos voluntários e privados, em seguida os nervos da sua sensibilidade.

Viuvo Doutor Bolacha, sem parer tes no Rio, Longino ofereceu-lhe a casa por simples delicadeza.

Aceitou o oferecimento mas, por pouco tempo, afim de não morrer de tédio; pois, dentro de dois meses, iria até a Europa.

Constrangido, permitiu Longino a intromissão dêle no seu lar.

Agora, mais do que nunca, se defendia Doutor Bolacha da ancianidade. Fazia tudo que lhe ensinavam para minorar a calvície e por voltarem os fiapos da cabeça à cor primitiva. A coloração dos cabelos ia além das sete côres do arco da velha, parecia porta de tinturaria!

No aniversário de Dona Amora fez-lhe presente de uma jóia no valor de dez mil cruzeiros.

Reclamou Longino contra a magnanimidade.

Contestou o velho, dizendo-lhe morava com o casal, ha dois mezes, sem jamais se sentir tão bem. Nem crianças havia em casa, embora façam falta, pois são elas a alegria do lar.

Dona Amora, dias depois e por mero gracejo, mostrou vontade de possuir um colar de pérolas do Oriente. O marido, com certa displicência, prometeu-lhe mas, então, com pouquíssima probabilidade.

Na ausência dêste, com ares paternais, Doutor Bolacha propôs à senhora dar-lhe o dinheiro para a compra do colar.

Rejeitou-o. O espôso não concordaria nem era isso direito.

— Tudo se consegue, insistia o hóspede. Dar-lhe-ei um bilhete premiado; ao seu marido a senhora dirá que o comprou por causa de um sonho e mandá-lo-á conferir em qualquer bilhetaria, e êle próprio lhe trará o dinheiro.

— Como? Não compreendo...

— Irei a certo amigo de uma agência de loteria e pedir-lhe-ei que me cêda certa fração de bilhete premiado. O amigo cede-ma. Pago-lhe a importancia do prêmio. A senhora pedirá então ao seu marido conferi-la. Compreendeu agora?

— Sim.

— Com dinheiro tudo se consegue, minha senhora. Eu lhe farei o presente da joia sem o Longino desconfiar. A senhora não me ficará querendo mal por isso. Muito mais lhe devo eu pelo trabalho que lhe dou, pelas gentilezas que me dispensa. Não tenha acanhamento. Sou rico, como sabe, e isso não me faz falta.

— *Truc* engraçado.

— Toda a vida moderna não passa de um *truc*. Até a alimentação é quasi artificial.

— Não aceito a sua proposta, porque não quero enganar o meu marido. A mulher, que engana o marido uma vez, engana-o sempre.

— Isso não tem importancia. Não é deshonestidade.

— Vou mentir.

— Sem as mentiras convencionais, desapareceria a alta sociedade.

Convenceu-a de transigir com o seu modo de ver. E, no dia seguinte, o marido trazia de fato certa quantia recebida no postigo de uma agência de loteria. Ela, algum tanto nervosa, encarregou-o de comprar ao seu gosto o colar. Ele, contente pelo suposto êxito do sonho, comprou-o.

No outro dia, quando saiu o marido para trabalhar no banco onde era funcionário exemplar, adornou Dona Amora o lindo pescôço com a joia e foi mostrá-la a Doutor Bolacha, no próprio dormitório, e agradecer-lhe de todo o coração a lembrança.

Com muita amabilidade, disse não precisava ela mostrar-se-lhe tão agradecida e elogiou-lhe maliciosamente o pescôço: o colar não era joia mais preciosa... Dona Amora ficou bastante comovida ao receber o elogio. Aproveitando o momento oportuno Doutor Bolacha aproximou-se dela com o fim de abrandar-lhe ainda mais o coração e mover a ternura para com o pseudoinfeliz.

As duas serviçais, ambas de confiança, daqui por diante cochichavam... Havia quasi todos os dias serviço fora de casa para as empregadas. E o velho, que saía sempre, cada vez mais caseiro. E a senhora, que fôra tão singela, cada dia mais enfeitada.

No fim de dois meses, decorridos da cena do agradecimento, foi Doutor Bolacha até a Europa.

Não pôde Longino ir a bordo despedir-se do hospede; e, quando voltou para casa, depois das dezoito horas, teve por surpresa o aviso epistolar da partida da espôsa em companhia do velho corruto.

Pensando maduramente acêrca do acontecimento imprevisto, convenceu-se de haver um único responsavel pelo incidente: êle próprio, que fôra de imprevidência incrível, permitindo a permanência do estranho na intimidade do lar. Tinha pressentimentos de se maquinar alguma coisa contra a sua tranquilidade; mas, agora, já era tarde: o mal estava feito. A mulher não era culpada, pois não tivera, em verdade, grande zelo por ela.

Uma porção de dias levou a dizer e a redizer de si para si, com frequência, a mesma coisa.

Depois, procurou esquecer o passado, suportando com constancia a vontade irrevogavel do destino.

Doutor Bolacha voltou da Europa, porque o advogado de Longino mandou propôr o desquite à mulher dêste em Paris. E, certo dia, estavam os dois parados na esquina da Rua do Ouvidor com Avenida Rio Branco, mirando os mostruários de uma casa comercial, quando ao longe surgiu Longino.

Ficou Dona Amora embaraçada, apertando as mãos nervosamente; e vinha-lhe um sem número de pensamentos.

Parou êle a alguns metros adiante e parecia preocupado em esperar alguém, perto de uma parada de ônibus.

Teve ela ímpetos de correr ao seu encontro, ajoelhar-se aos pés dêle, pedir-lhe perdão, afim de se libertar daquêle velho nojento que continuava com a mania de querer conquistar tudo quanto era mulher bonita. Iria morar onde quisesse o legítimo espôso e nunca mais sairia de casa. Queria dedicar-se ao marido, viver unicamente para o marido. Este perdoá-la-ia... Tinha quasi certeza... Perdoá-la-ia, sim.

Súbito, parou um *Grajaú*. Sorridente, desceu linda senhora a quem o empregado bancário deu a mão.

Reconheceu a senhora: Francisquinha!

Francisquinha era uma desquitada, de quem Longino lhe falava sempre com pena, por ser muito distinta, enquanto o ex-marido era homem desprezível que perdera a estima dos outros homens e a sua própria. Reconheceu-a imediatamente; logo veio à lembrança a profunda simpatia inspirada ao espôso por aquela mulherzinha, quando gozava, como legitima espôsa, suprema felicidade; e teve um insulto apoplético.

Acocorou-se o velho para, a geito, a amparar. O povo aglomerou em derredor de ambos.

Ficou Longino curioso por saber o motivo daquilo; mas, à vista da aglomeração, desinteressou-se do caso e seguiu tranquilamente o seu caminho em companhia de Francisquinha, aproveitando o sabado da semana inglesa para fazer algumas compras.

Quando despertou a pobre mulher, estava em quarto particular de casa de saúde, tendo ao lado Doutor Bolacha, o médico e a enfermeira.

A modo estava, para a enferma, deserto o quarto. Vazio tinha o peito. Como que se apoderava dela a sensação do medo, e sentia a tristeza da solidão, e teve nova crise.

Passou bem a noite. No dia seguinte, muito cêdo ainda, perguntava-lhe o velho se estava melhor. Respondeu simplesmente — *melhor*... sem poder encarar o causante da sua infelicidade.

Começava a querer-lhe mal. Repontava ódio implacavel.

Com auxilio da enfermeira-chefe, a quem contara como caiu em infortúnio, conseguiu ficar empregada na própria casa de saúde, afim de se ver livre de Doutor Bolacha.

Este ameaçou sacrificá-la a sua vingança. Resistiu com firmeza. Venceu.

Queria então viver virtuosamente. E só pedia a Deus lhe evitasse o profundo desgosto de topar algum dia com aquêle velho maldito.

Enquanto chorava Amora a sua desdita, Longino sentia-se feliz em companhia de Francisquinha.

O espirito do morto ganha a Eternidade, e transforma-se-lhe o corpo debaixo da terra; mas a sua memória é cultivada através da saudade, sempre renovada, sem nunca se extinguir. Porém, apurando a verdade, nem uma vaga lembrança fica do morto moral. Nada. Por isso, para Longino, a ex-espôsa estava bem morta, sob o ponto de vista do seu sentir; e, mais do que morta, entregue a eterno esquecimento.



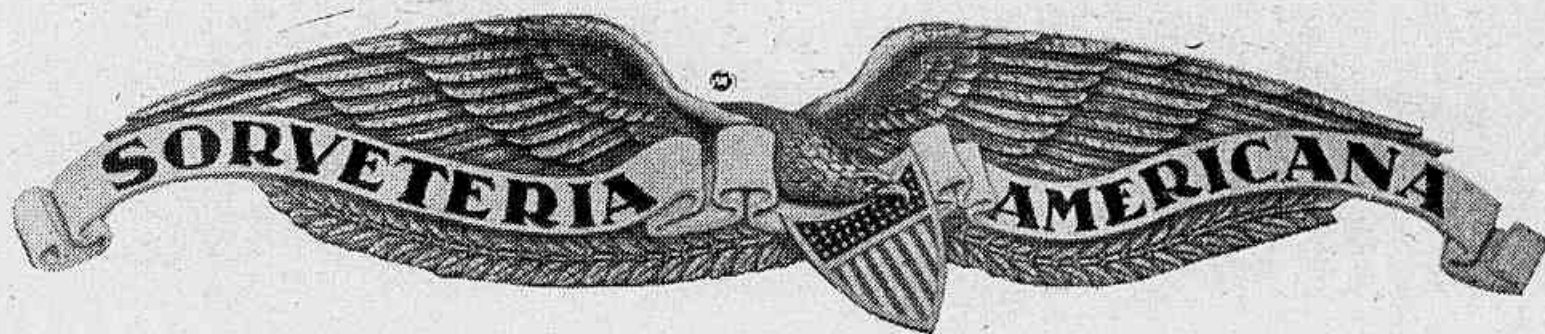


Um aspecto da parte lateral da rua Senador Dantas.



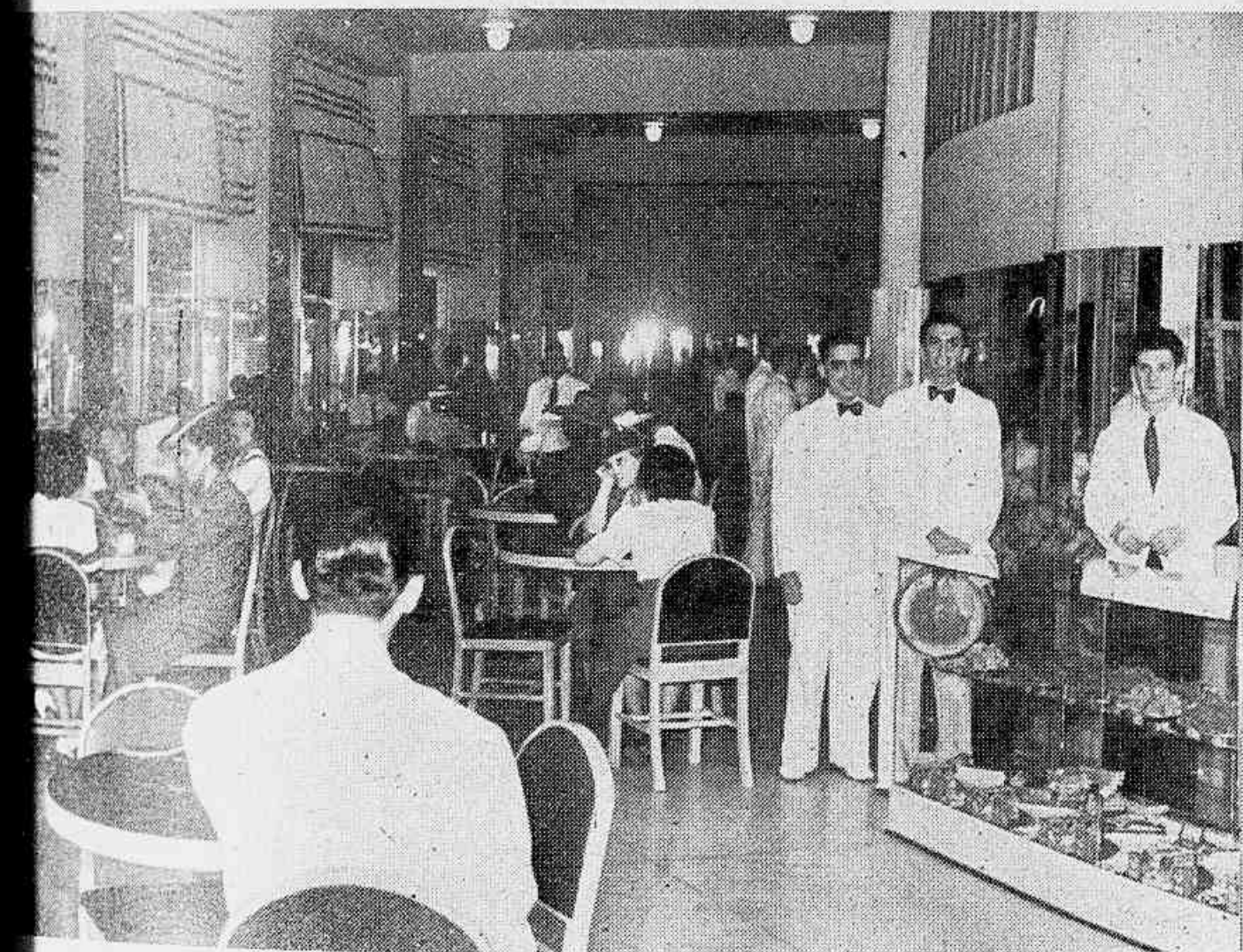
A senhora Alice Amaro, durante a inauguração, surpreendida em palestra com jornalistas.

Ha muitos anos que a elite carioca vem frequentando a tradicional Sorveteria Americana, casa que no seu gênero está situada entre as melhores que possui a cidade. Seus proprietários, no intuito de melhor atender seus inumeros freguezes e amigos, pensaram em ampliar as instalações; o que acabam de realizar, transferindo-se para o andar terreo do majestoso Edificio Serrador, à Praça Celulio Vargas, esquina de Senador Dantas e Alvaro Alvim.

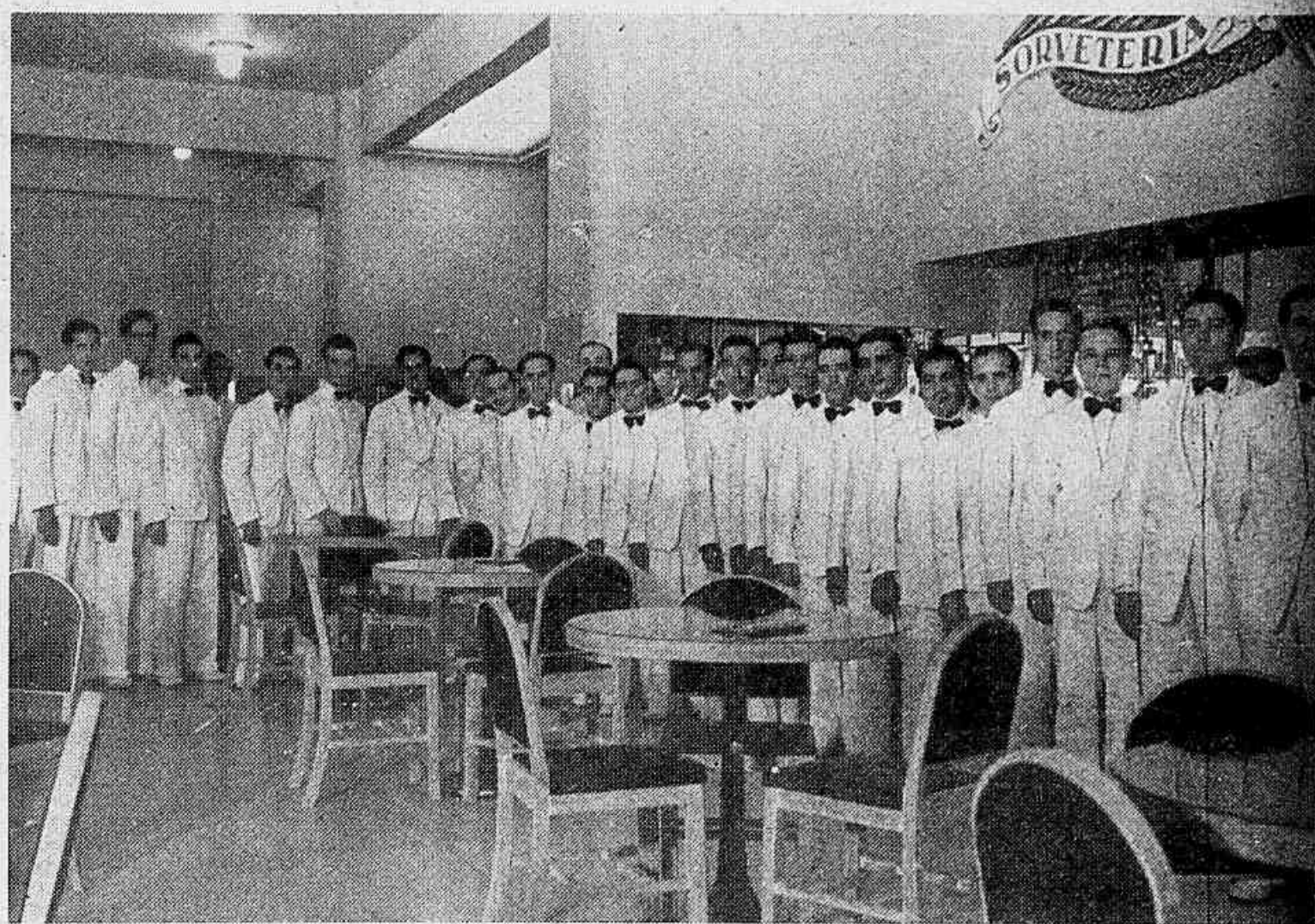


Com uma confortavel e modernissima instalação, ocupando uma área duas vezes maior que a antiga casa da Praça Floriano, a Sorveteria Americana tornou-se incontestavelmente um atestado flagrante do progresso e do bom gosto no comércio do Rio de Janeiro.

Os clichés que ilustram esta página apresentam alguns aspectos da solenidade de inauguração, que teve lugar no dia 17 do corrente, com apresença de várias autoridades, jornalistas, amigos e freguezes.



Outro flagrante de convidados.



Os vinte seis auxiliares, posando para a nossa objetiva.



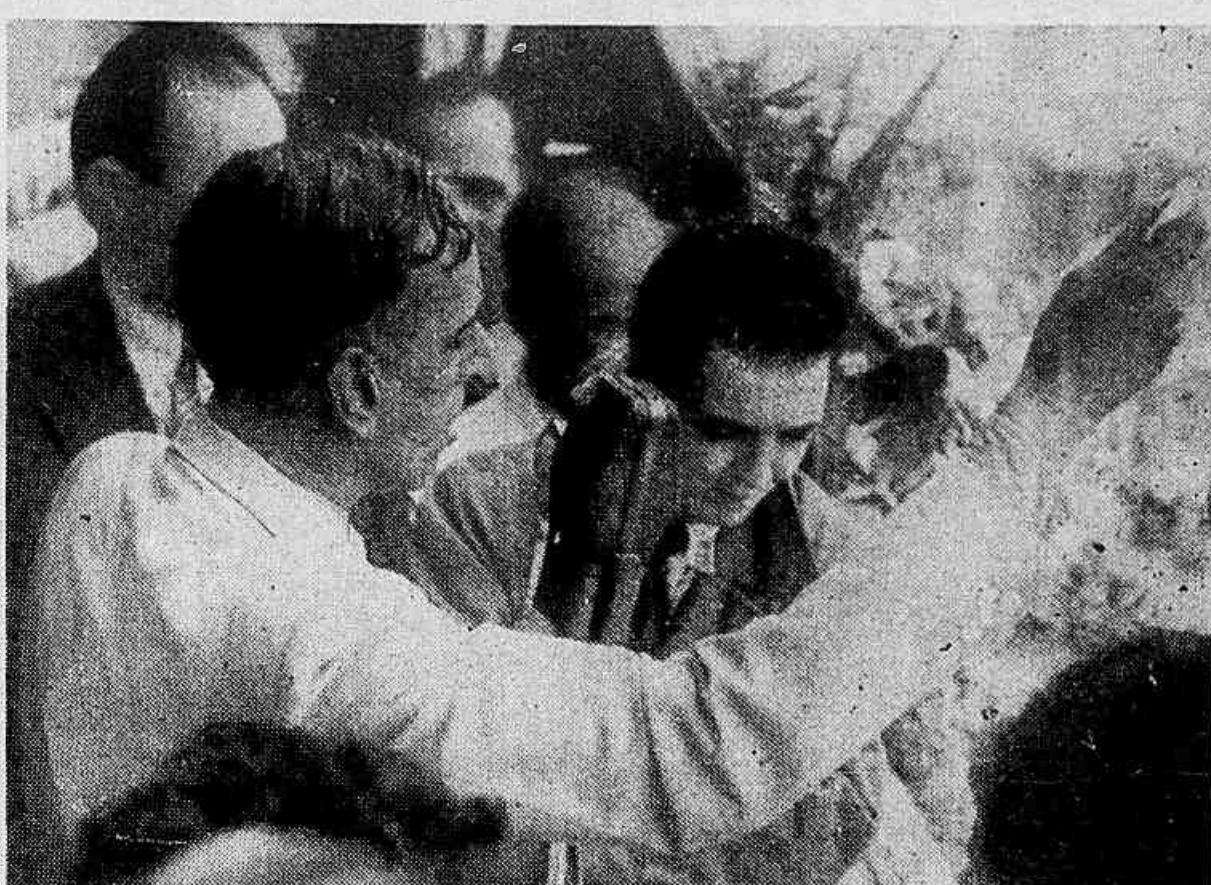
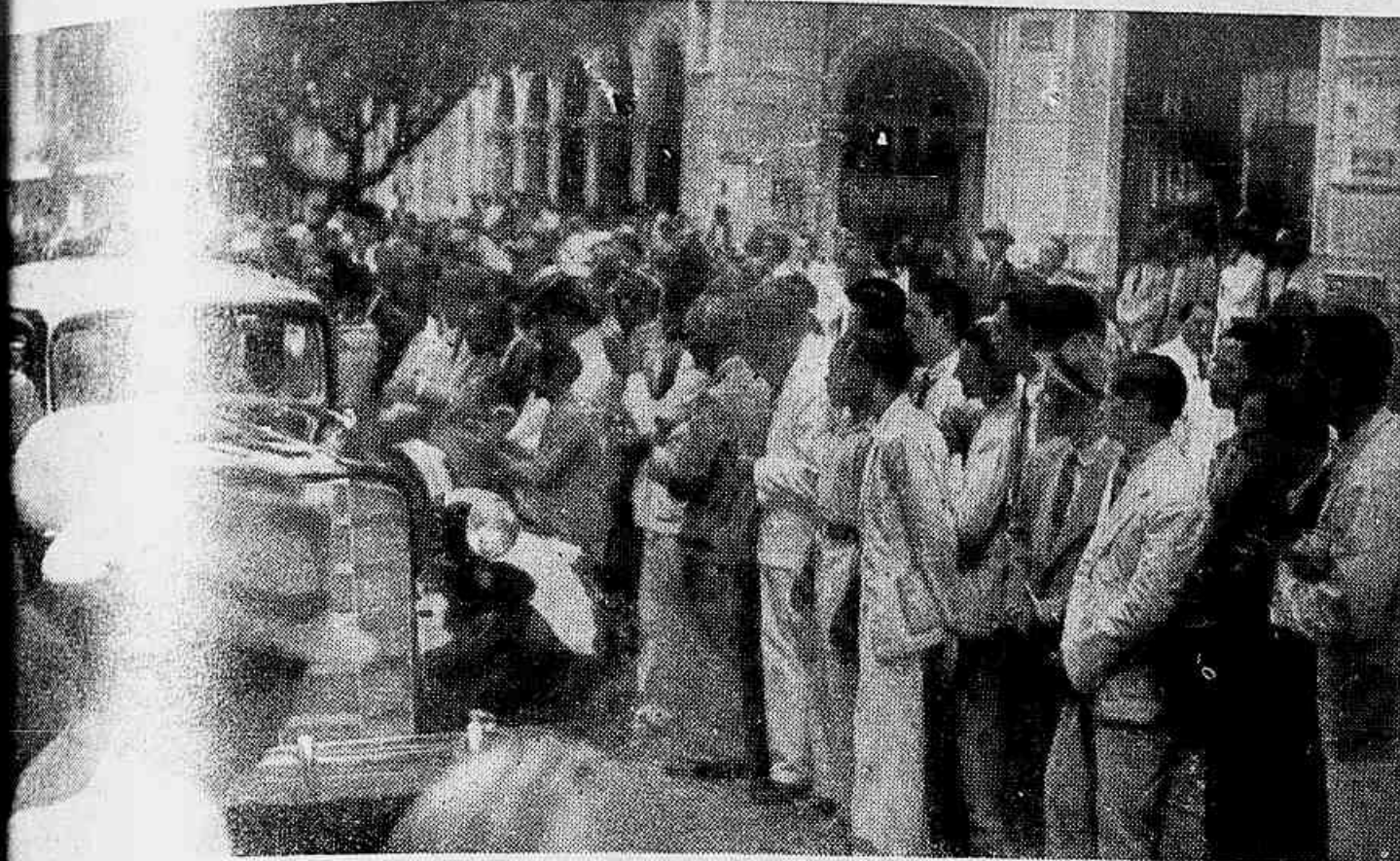
## VRARIA ESPANHOLA

Foi inaugurada na semana transacta a filial da Livraria Espanhola à rua Senador Dantas 46-A. São dessa solenidade os dois flagrantes que estampamos acima, nos quais se vêem o sr. José Nunez Macias, seu proprietario, no primeiro cercado de parentes e amigos, e no segundo sendo cumprimentado pelo professor Alarcon Fernandez, dr. José Augusto Bezerra de Medeiros e outros.









A viagem do sr. Interventor e de sua família, realizada em avião especial da F.A.B., transcorreu bastante agitada, em vista das péssimas condições atmosféricas. No dia 6 de Fevereiro, finalmente, depois de escalas forçadas em Caxias e Ilheus, o aparelho conseguiu alcançar o Salvador, pousando em Santo Amaro às 11,15. Aguardando-o, ali estavam todas as altas autoridades políticas e militares do Estado, entre outras o Interventor Federal Interino, dr. Artur Cesar Berenguer, e o Comandante Naval do Leste, almirante Lemos Bastos.

Em seguida formou-se um cortejo que remaneceu à cidade, tomando assento no mesmo automóvel do sr. Interventor, o professor Altamirando Requião secretário da Interventoria, e o Chefe da Casa Militar, major Maurino Cezimbra. Na cidade, embora perdurasse o mau tempo, o ambiente era festivo; uma salva de foguetes avisara o povo da chegada do general. Na rua do Imperador, uma Companhia da Força Policial prestou as honras de estilo; as ovações populares culminaram entre a Praça Castro Alves e a Praça Rio Branco. A cidade inteira estava engalanada e os pré-



dios ostentavam nas fachadas, dísticos alusivos ao grande acontecimento. Nas escadarias do Palácio Rio Branco foi Sua Excia. recebido por uma comissão composta dos srs. conselheiro Corrêa de Menezes, jornalista Odorico Tavares, desembargador Manoel Andrade Teixeira, sr. Vicente Pacheco, drs. Amaral Muniz e Teódulo Lins de Albuquerque, que o convidaram a chegar à sacada principal, para assistir a manifestação que lhe desejava prestar o povo baiano. Ante chuvas de pétalas e vivas entusiásticos, o general ouviu a palavra sincera dos representantes do povo, entre outros, a senhorita Jacinta Passos que falou em nome da mulher baiana. Agradecendo, Sua Excia. pronunciou um discurso de poucas palavras, que foi mais uma mensagem de sua inteligência e de seu coração ao povo que o recebeu com palmas e fiões.

Às 17 horas, no salão de despachos do Palácio Rio Branco, efetuou-se a cerimônia da transmissão do cargo de Interventor Federal, pelo dr. Artur Berenguer, assistindo ao ato o secretariado de Estado, membros de sua casa militar e pessoas gradadas.

# INTERVENTOR PINTO ALEIXO



HOMENAGENS

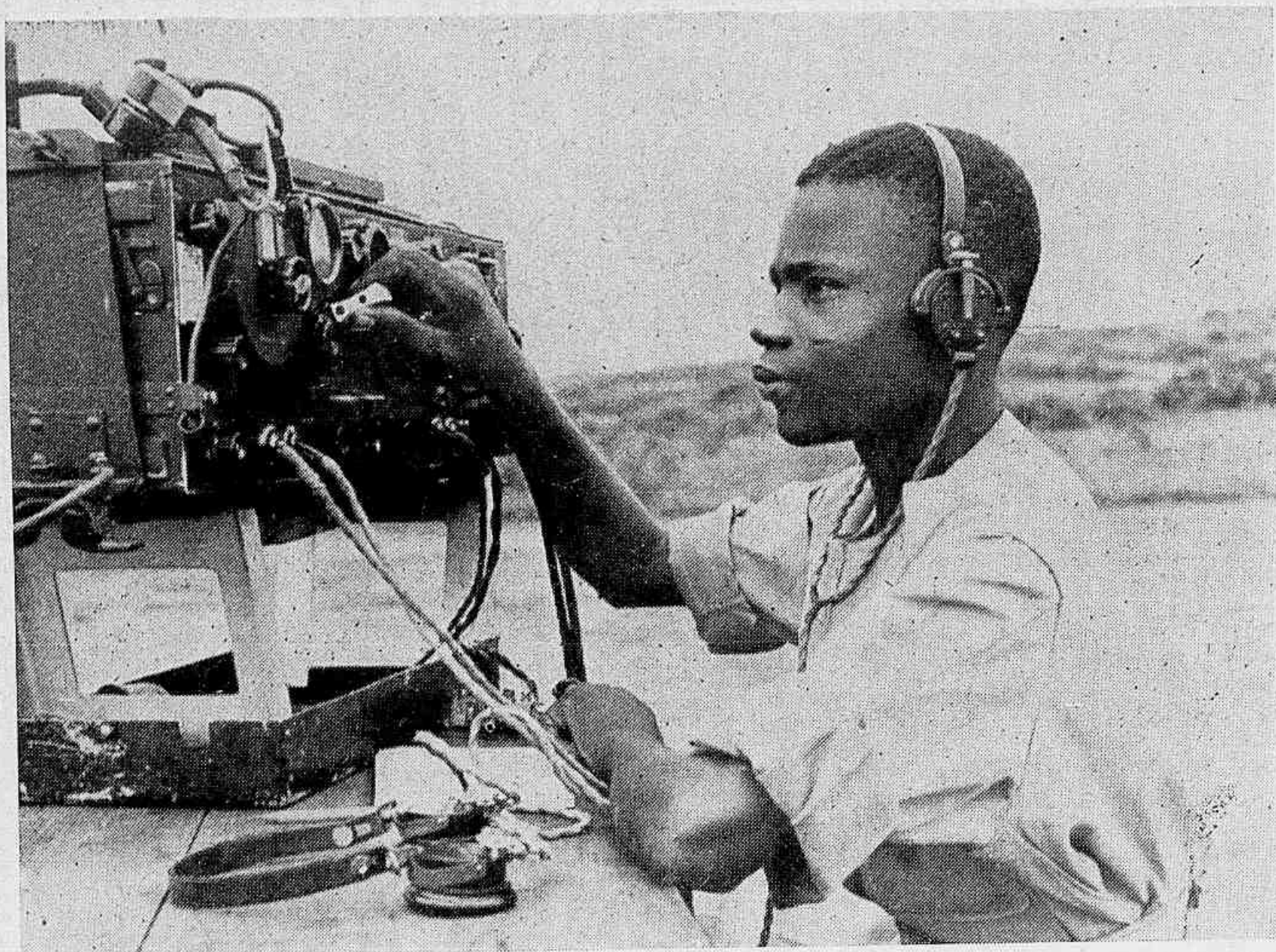
A SRA. RUTH VILABOIM PINTO ALEIXO — Não bastassem as manifestações e homenagens prestadas ao casal Pinto Aleixo, num testemunho impressionante da popularidade e do carinho com que a população da Bahia, ainda outros fatos viriam caracterizar a sua chegada ao Estado sem precedentes na história política do Estado. Entre eles o carinho sincero com que as elites sociais, as expressões femininas da Bahia acolheram a Sra. Ruth Vilaboim Pinto Aleixo.

Em virtude da incerteza existente sobre a hora da chegada, compareceu ao aeroporto

de Santo Amaro do Itipanga, uma representação da Legião Brasileira de Assistência, composta das sras. Olga Berenguer e Maria Gonçalves Peixoto, além de inúmeras outras damas da alta esfera social baiana, que ofereceram flores à virtuosa esposa do Sr. Interventor.

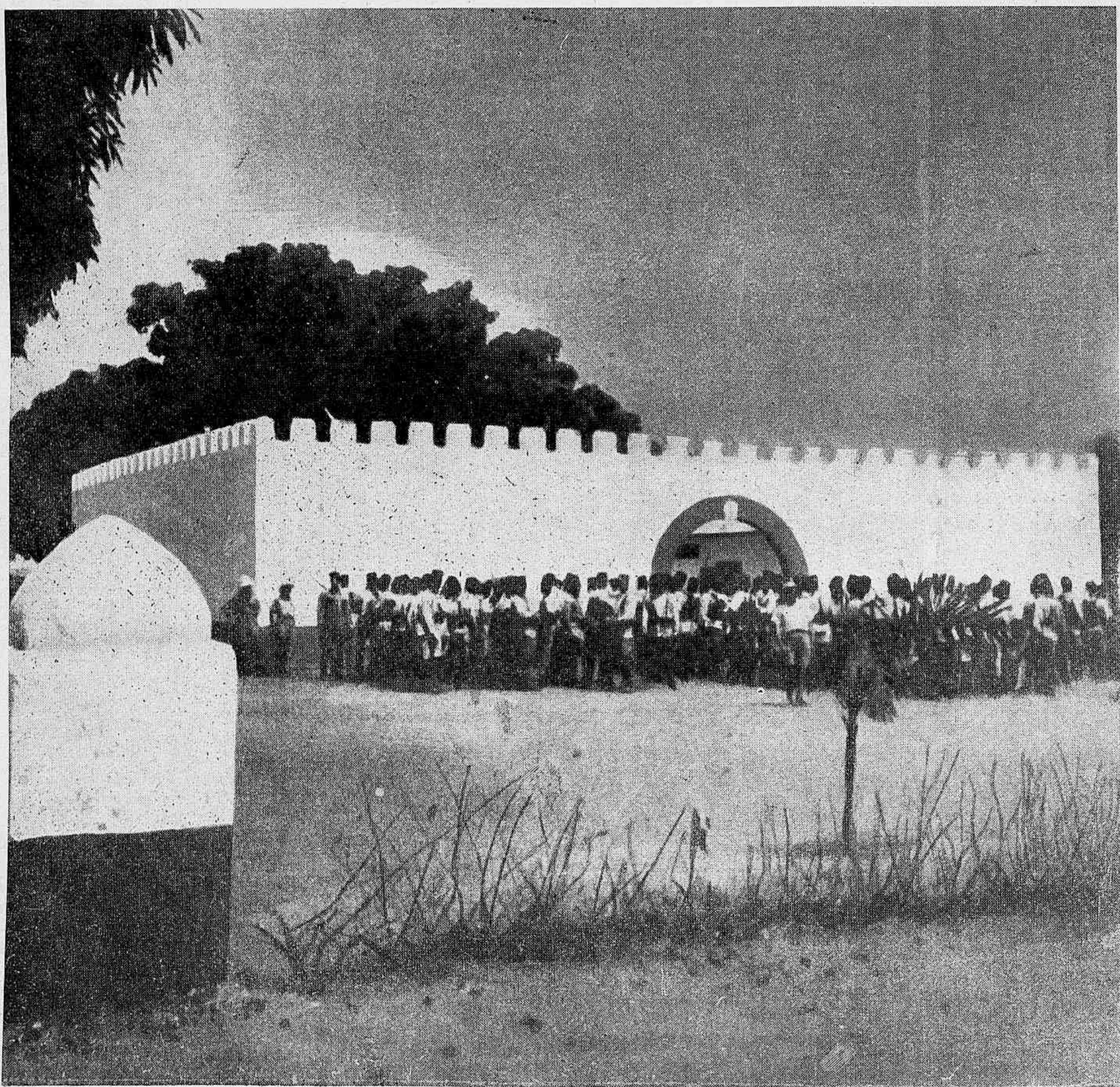
Mais tarde, outras manifestações seguiram-se a essa, promovendo uma a L. B. A., no salão do Departamento Administrativo e outra, as professoras da Capital. As fotografias acima representam, justamente, dois instantes dessas homenagens, a primeira, à esquerda, no aeródromo, e a segunda no Palácio Rio Branco.





Um operador de radio da Força Real da Africa Ocidental, deante dum aparelho de telegrafo sem fio, recebendo e transmitindo ordens durante os exercicios.

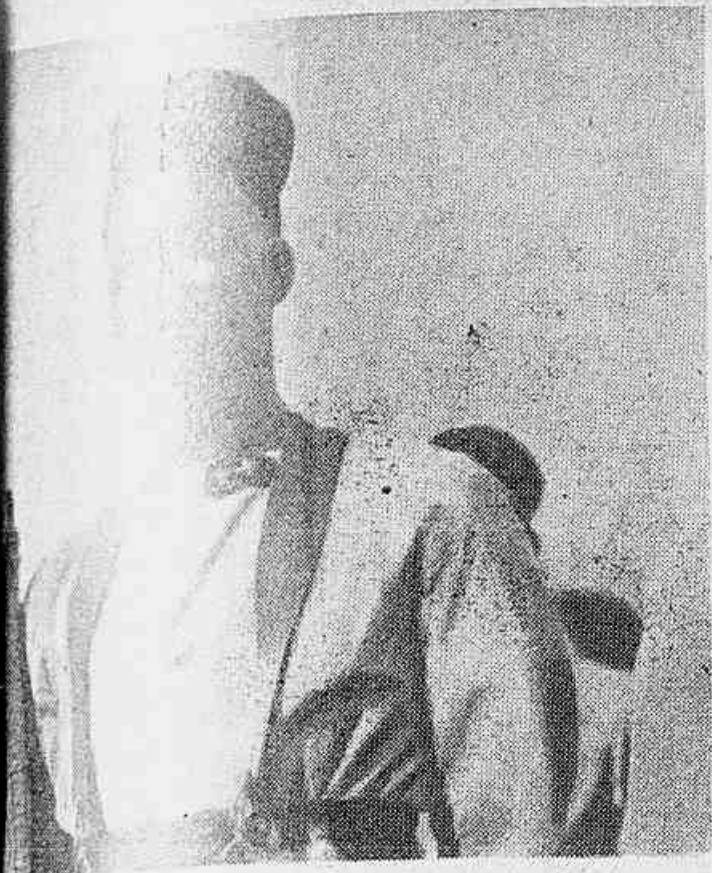
# Os ne- gros na



A' esquerda: — Uma tropa do Senegal, recolhendo-se ao quartel instalado numa prisão que nunca foi ocupada, ao fim dos exercicios do dia.

Em baixo: — Tiro de metralhadora. Este africano, concentrado, era o melhor atirador da sua aldeia e quer a reputação.



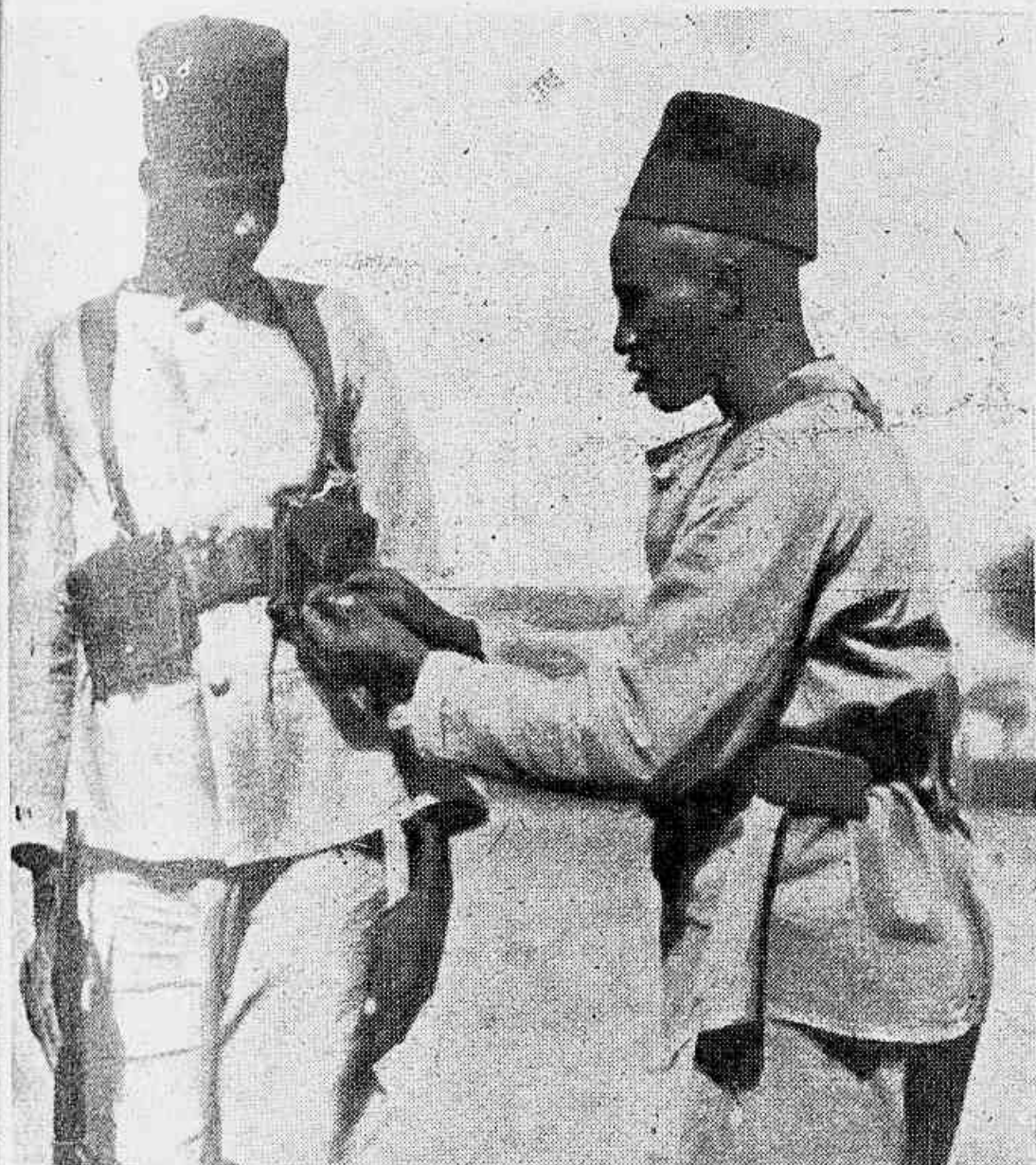


*A' esquerda: — Este preto senegalês mostra na cara contrada o esforço empregado para bem apreender o que o instrutor lhe está dizendo.*

*A' direita: — Os africanos são treinados para representar uma parte importante na defesa de seu país. Aqui vemos a guarnição duma bateria anti-aerea na Nigéria, manejando o complicado mecanismo dum previsor de canhão.*

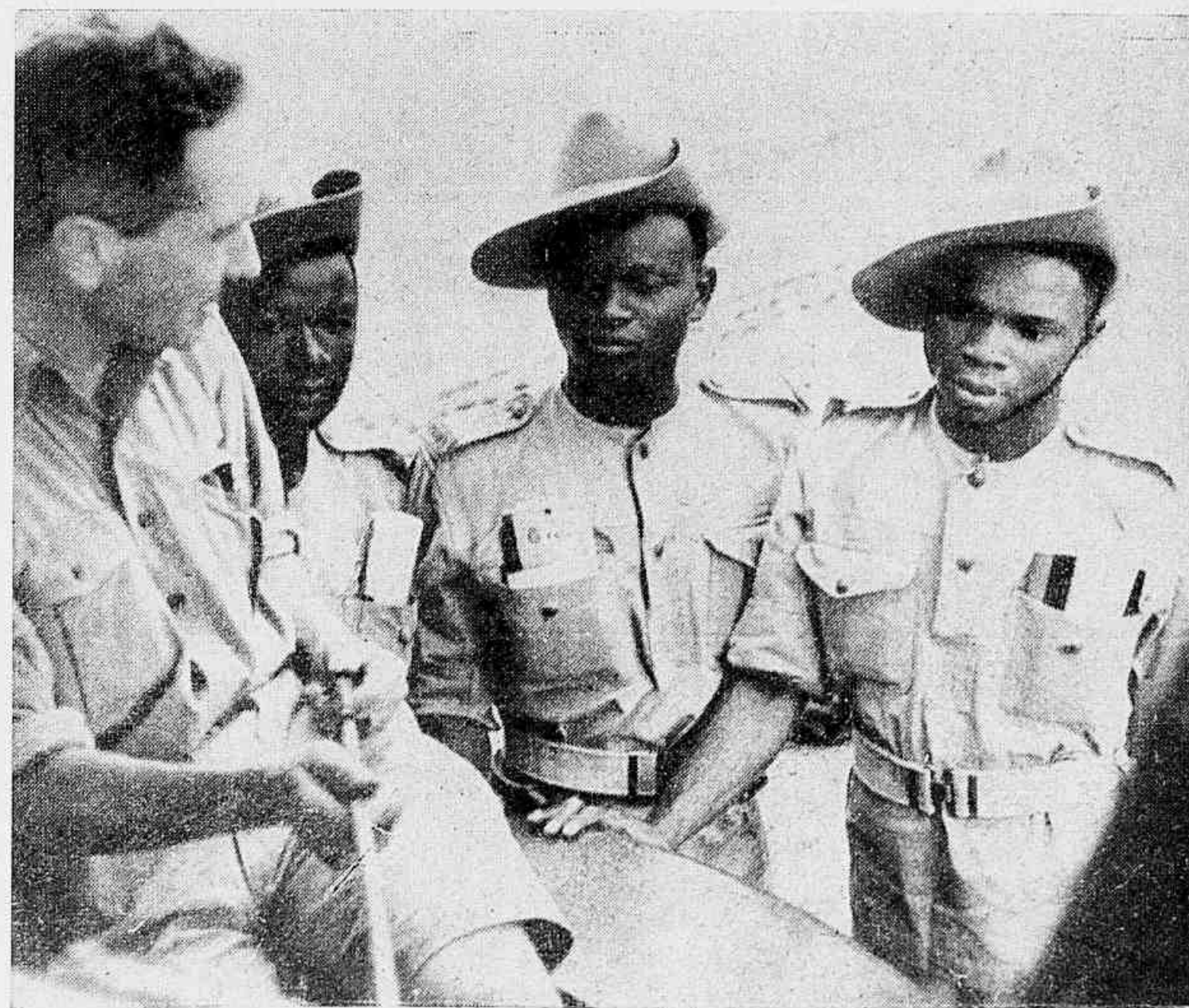


# guerra



*Em cima: — Chegou a hora do atirador senegalês receber seu fuzil. Na foto, vemos um soldado ajustando a cartucheira ao cinto do camarada de Tropa.*

*A' direita: — Africanos da Nigéria, encarregados duma bateria anti-aerea, recebendo instruções sobre as operações e manutenção dum gerador Diesel.*



Os negros, não sómente da América, mas principalmente da África, estão dando muito do seu melhor esforço para a vitória dos aliados.

Efetivamente os africanos das colônias francesas ou inglesas, desde o início das operações contra os exércitos nazistas, têm sido aproveitados brilhantemente pelos que se batem pela reimplantação da liberdade num mundo onde a opressão exista não se faça mais sentir.

Desde antes do colapso da França, do mesmo modo que na outra guerra mundial, as forças senegalesas vinham sendo treinadas do melhor modo pelos oficiais franceses. Sua cooperação na luta representa um poderoso auxílio, que as ultimas etapas da guerra na Líbia, na Tripolitania e na Tunísia, tornaram ainda mais evidente, pela ação em conjunto com as tropas de desembarque americanas, os corpos locais franceses e o oitavo exército do general Montgomery.

Enquanto os moradores de Harlem se alistam pressurosos, nas fileiras dos soldados de Roosevelt, para a defesa da pátria comum, tomando parte ativa em todos os trabalhos de organização e constituição das forças de guerra, o exército colonial africano continua a fazer jús aos mais vivos elogios de seus superiores, pela tenaz colaboração prestada na arremetida contra as forças de von Rommel e von Nehring, através dos ardentes areais dos desertos que os seus soldados conhecem tão bem, afeitos mais do que outro qualquer contingente aos tremendos sacrifícios de certas marchas sob o sol de fogo e as áreas infinitas.

Lutando contra os arianos que eles bem sabem serem seus inimigos de sempre, os negros estão escrevendo assim nas páginas da história desta guerra um trecho dos mais comoventes, pela sua dedicação de corpo e alma á causa dos batalhadores da liberdade, do direito e da justiça.





## JOCKEY CLUB MUNDANO



Foi sem dúvida uma das melhores corridas da temporada de verão a que se realizou domingo no Hipódromo da Gavea.

Assistência fôra do comum, apostas animadíssimas.

O «handicap» final do programa foi ganho por «Con Ochos», em grande estilo.

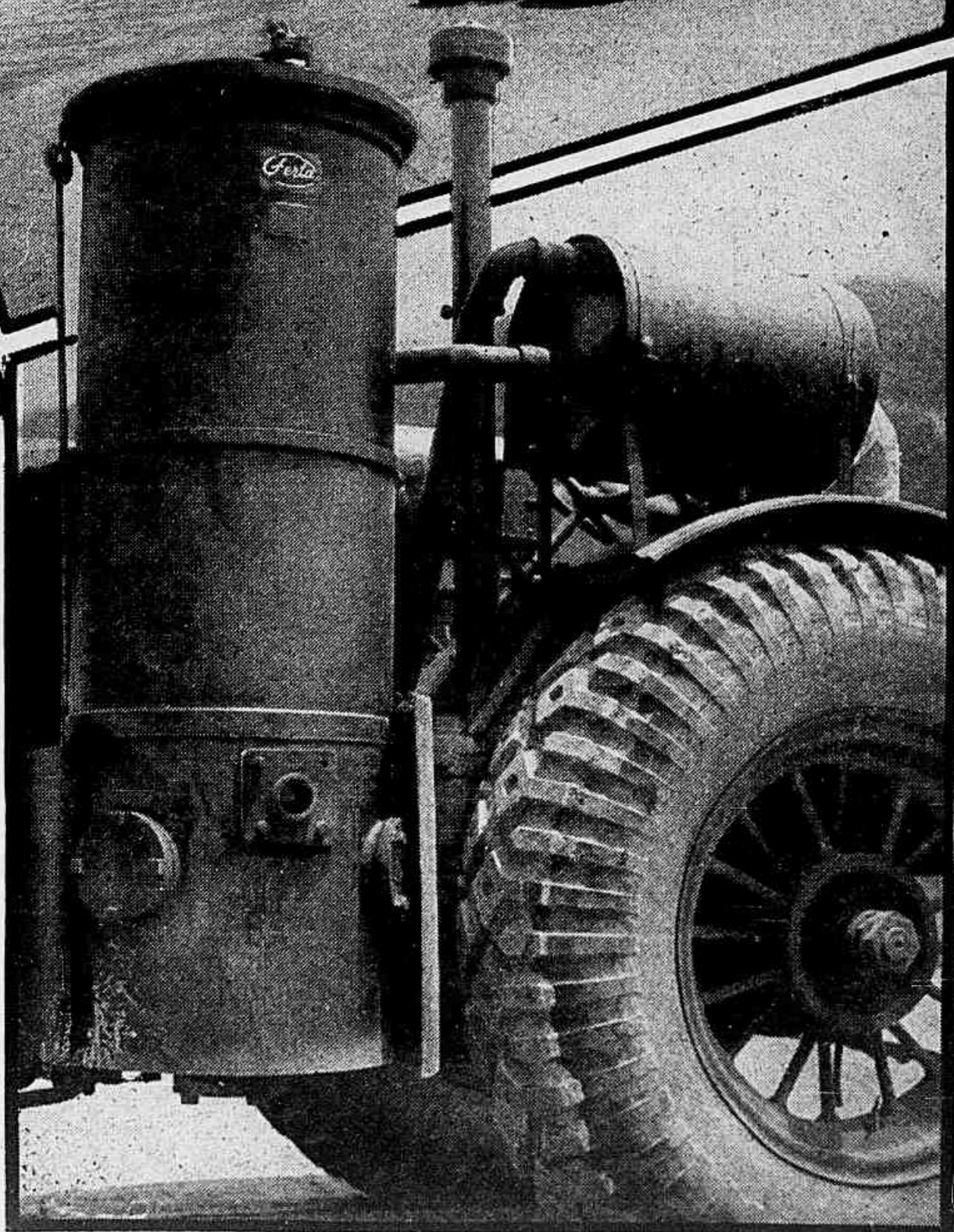
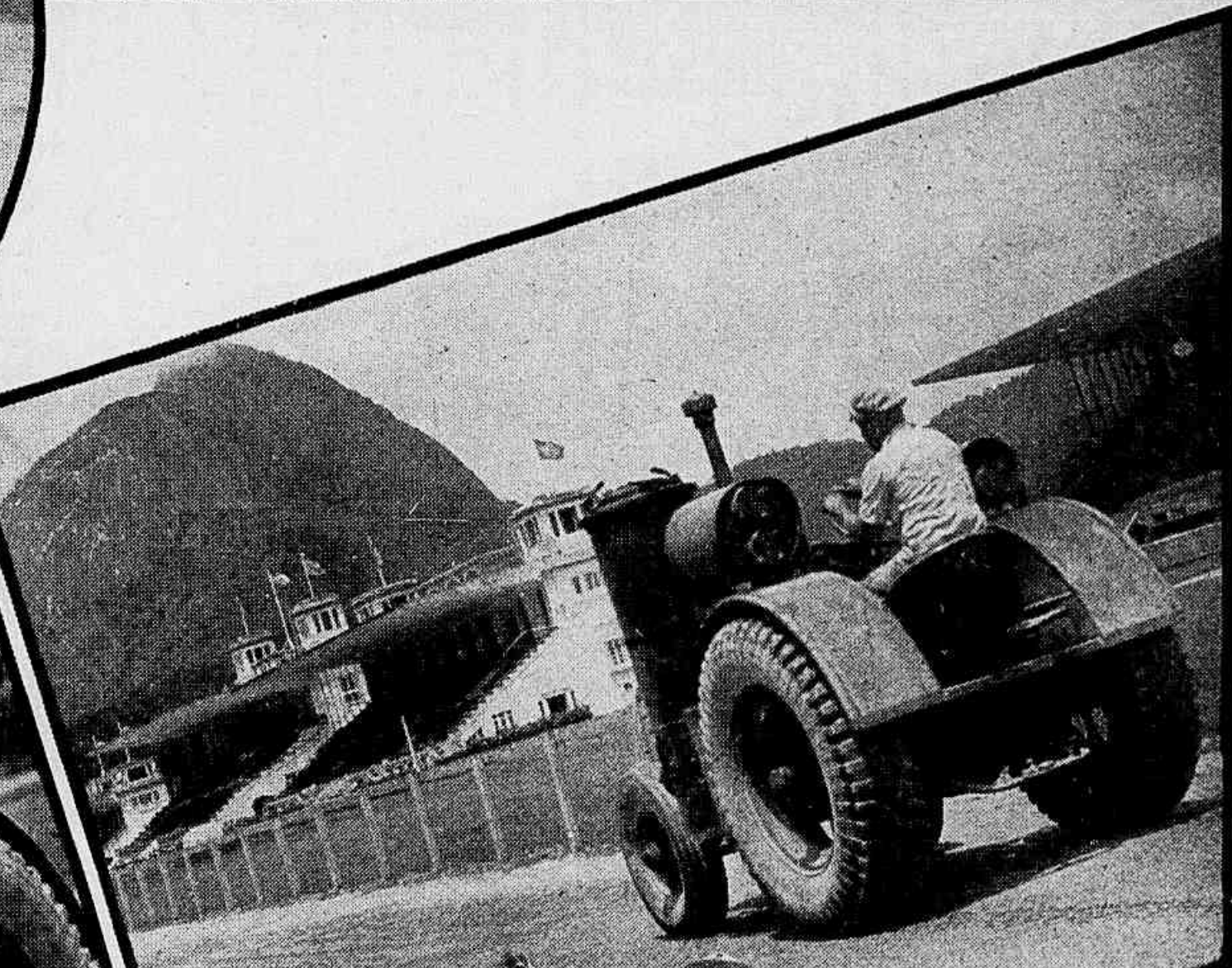
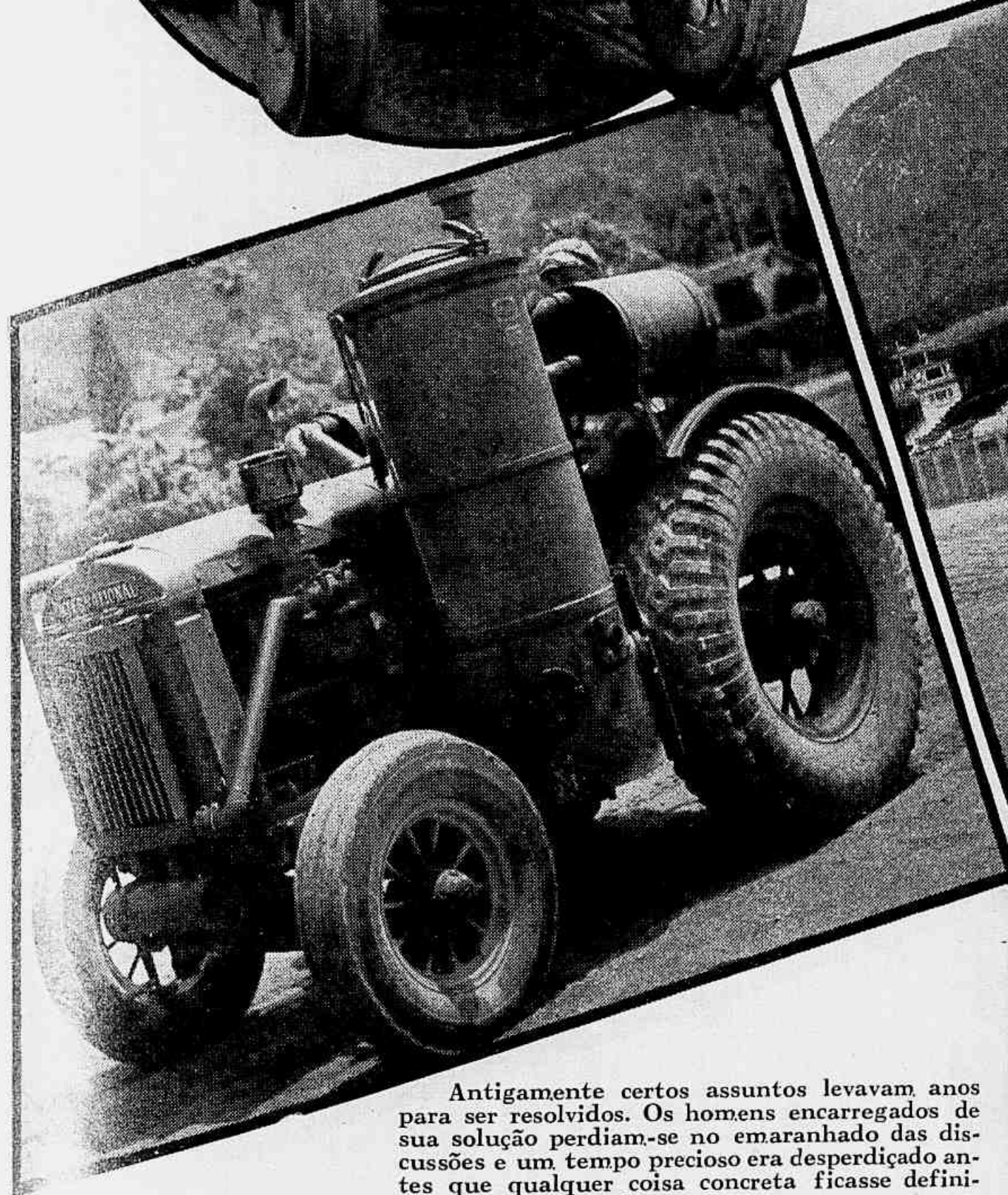
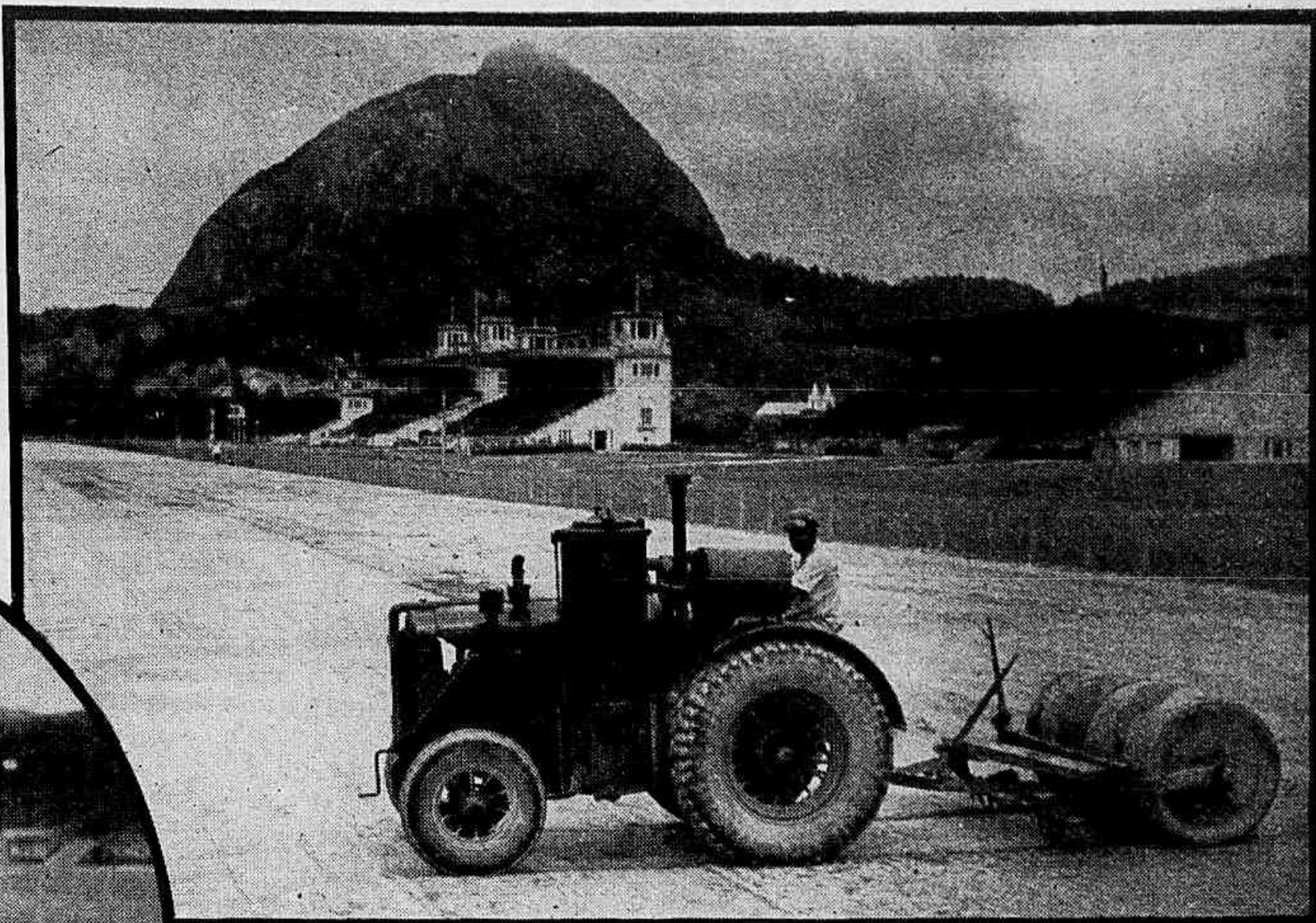
Nesta pagina, aspectos da seleta assistência.



## O JOCKEY CLUB

resolveu

de maneira inteligente o seu  
problema de combustível  
e a cooperação com a firma  
"CASOGÊNIO FERTA LTDA."



Antigamente certos assuntos levavam anos para ser resolvidos. Os homens encarregados de sua solução perdiam-se no emaranhado das discussões e um tempo precioso era desperdiçado antes que qualquer coisa concreta ficasse definitivamente acatada.

... talvez por que certos fatores nos obriguem a agir com decisão e pressa para resolver dificuldades de maneira rápida e eficaz, si não quizermos ficar a retaguarda dos povos civilizados. O que estamos fazendo, inteligentemente, ao procurar sucedaneos para os produtos que a guerra nos proibiu de importar. Há males que vêm para o bem. Depois da hecatombe a que estamos assistindo ficaremos conhecendo de uma maneira mais completa as nossas próprias riquezas, e bastando-nos a nós mesmos os setores que até agora continuavam invadidos pela importação. O Jockey Club Brasileiro, sempre na vanguarda das grandes realizações, e na atualidade dirigidos por homens que o têm elevado ao grau de prosperidade que hoje resolveu adotar o Casogênio nos seus tratores, caminhões e automóveis. As fotografias que estampamos nesta página são testemunhos insofismáveis da eficiência com a qual o problema ficou resolvido no Jockey, o qual deu preferência ao Casogênio "Ferta", cujos aparelhos se prestam a qualquer tipo de veículo, com grande eficiência e têm tido a máxima aceitação por parte do público.





### ENLACE MATRIMONIAL MAGALHÃES-TAVARES

Agitando festivamente a mais alta esfera social carioca, realizou-se em um dos primeiros dias da semana p. passado o enlace matrimonial do dr. Julio Pires Magalhães com a senhorita Marilurces Tavares, filha do brilhante homem de letras, desembargador Ademar Tavares.

No ato civil, efetuado no Palácio do Pretório, foram testemunhas da noiva o dr. Osvaldo Sousa e Silva e Sra.; e do noivo o acadêmico Olegário Mariano e senhora.

O casamento religioso foi celebrado na Igreja Coração de Jesus, sendo celebrante o padre José Castelo Branco, vigário da paróquia de Copacabana. Serviram de padrinhos, respectivamente, da noiva e do noivo, o Dr. Ademar Tavares e a Sra. Francisca Moreira Lima e o sr. João Magalhães e senhora.

## NOTICIARIO ELEGANTE

### ANIVERSARIOS

**27** Almirante dr. João Francisco Lopes Rodrigues, dr. José Meneses Franco; sr. Carlos A. Leal de Magalhães. Menina Carmen Sodré Viveiros de Castro.

**28** Drs. Luiz Augusto de Mordex Jardim e João Augusto Alves. Sr. Mozart Tavares Vieira. Senhorita Maria Jenny de Oliveira.

**1** Senhora Aida Lemos, esposa do dr. Floriano Lemos; drs. Arthur Carvalho Azevedo, Francisco Pereira e Alberto Reis; sr. Enio de Mendonça Lima.

**2** Drs. Arnaldo Guinle e Casper Libero, diretor da *Gazeta de São Paulo*.

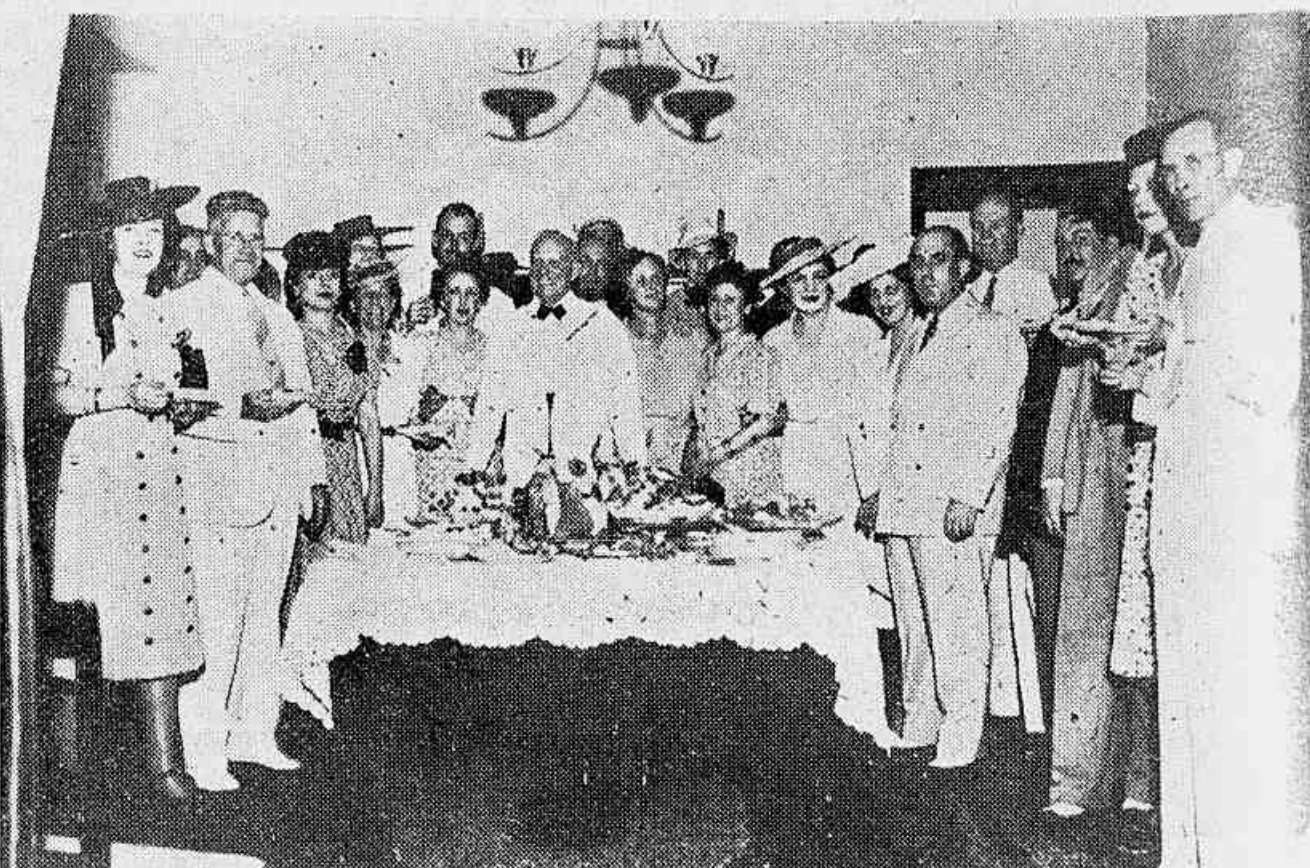
**3** Senhora Heloisa Cordovil, esposa do dr. Horacio Cordovil; sr. Mauricio Barros Barreto.

**4** Drs. Octacilio Pinto de Souza, Thomé Reis e Eloy de Souza.

**5** Senhoras Annita Cunha Guimarães e Maria Camargo de Almeida, esposa do sr. Otto Soares de Almeida; drs. Gastão de Carvalho, nosso colega da *Notícia*, Oswaldo de Noronha, Fernando de Azevedo Milanez e José Antonio Flores da Cunha, ex-interventor no R. G. do Sul; Gustavo Lopes; Emiliano Netto, nosso confrade de imprensa e Raul Penido; sr. Otto Soares de Almeida; menina Maria Helena, filha do dr. Gustavo Lopes; menino Marco, filho do dr. Fernando de Lucca Matera.



Senhorita Ivani Ribeiro, um dos nomes de maior relevo no "broadcasting" de São Paulo. Diretora do Teatro Bandeirantes, da P. R. H. 9, tendo escrito e radiofonizado mais de cinquenta peças, cantora e poetisa, a senhorita Ivani Ribeiro se coloca, destarte, entre os primeiros nomes dos que emprestam sua inteligencia ao radio brasileiro.



Flagrantes colhidos na residencia do casal Richard Lapeira, no cock-tail oferecido á sociedade carioca e ao corpo diplomatico, para festejar o regresso de Mme. Lillian M. Lapeira de sua recente visita aos Estados Unidos.



# FIGURAS E FATOS



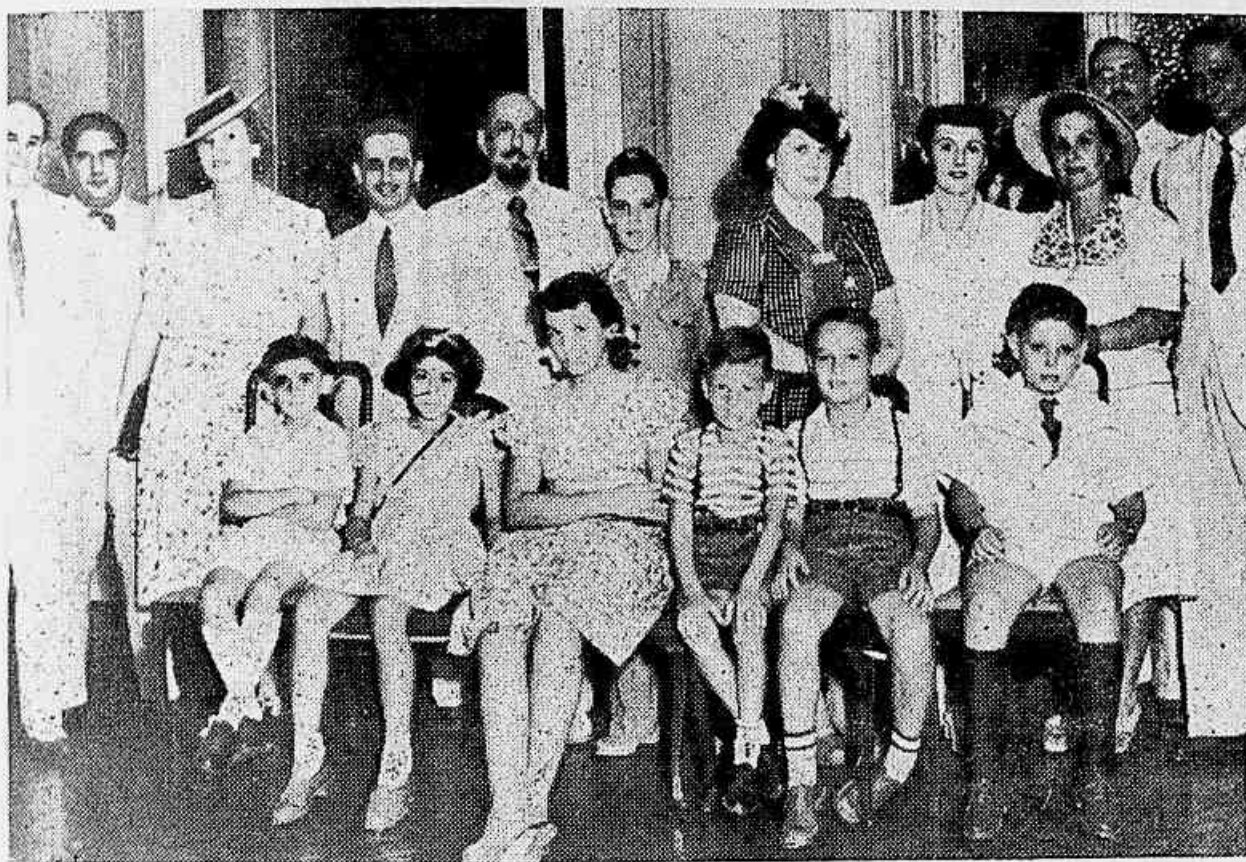
O sr. Eric Allen Johnston, Presidente da Câmara de Comércio dos Estados Unidos, que vem ao Brasil, em visita de coordenação de interesses dos dois países, ao descer do avião.



Ceremonia da assinatura do contrato relativo ao saneamento do vale do Rio Doce, realizada no Palácio Itamarati, tomando parte na mesma, como representantes do Brasil, os Ministros Oswaldo Aranha e Gustavo Capanema, e dos E. Unidos o Embaixador Jefferson Caffery e Sr. Georges Sander.



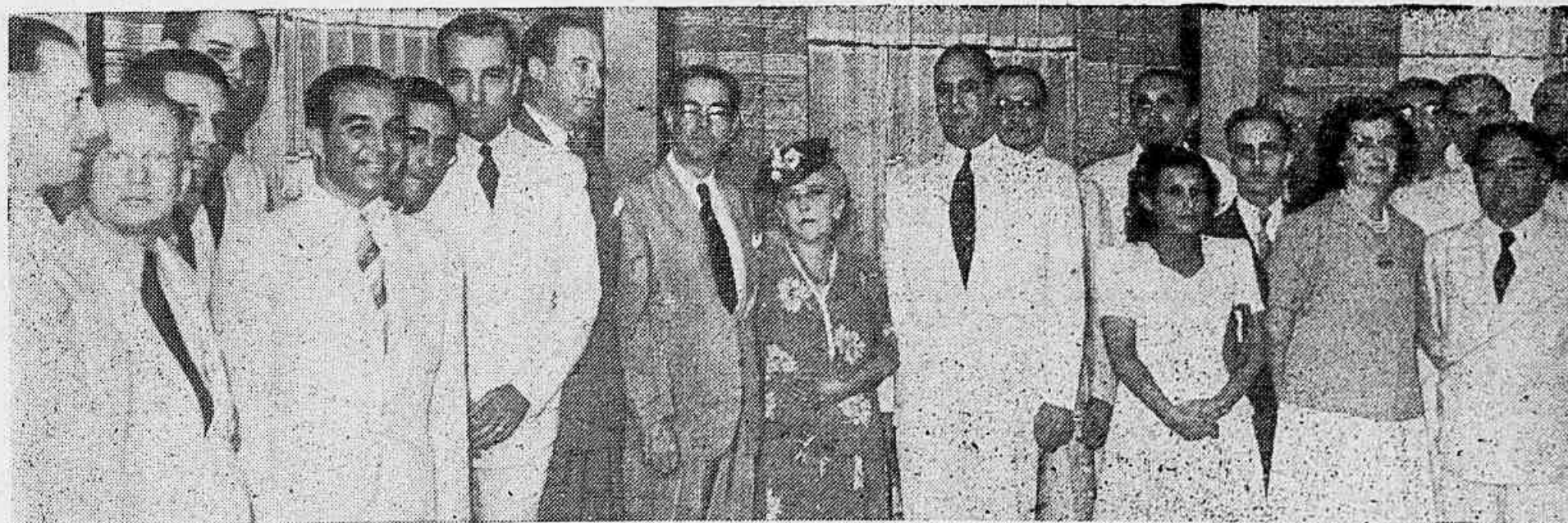
O Sr. Walder Sarmanho, adido Comercial em New York, ao desembarcar no aeroporto Santos Dumont, sendo abraçado pelo Sr. João Daudt de Oliveira, presidente da Associação Comercial.



A Diretoria da Associação dos Artistas Brasileiros ao distribuir os prêmios conferidos aos melhores trabalhos dos concorrentes ao grande Concurso de Desenhos Infantis, em 11 de Fevereiro de 1943, no Palace Hotel.

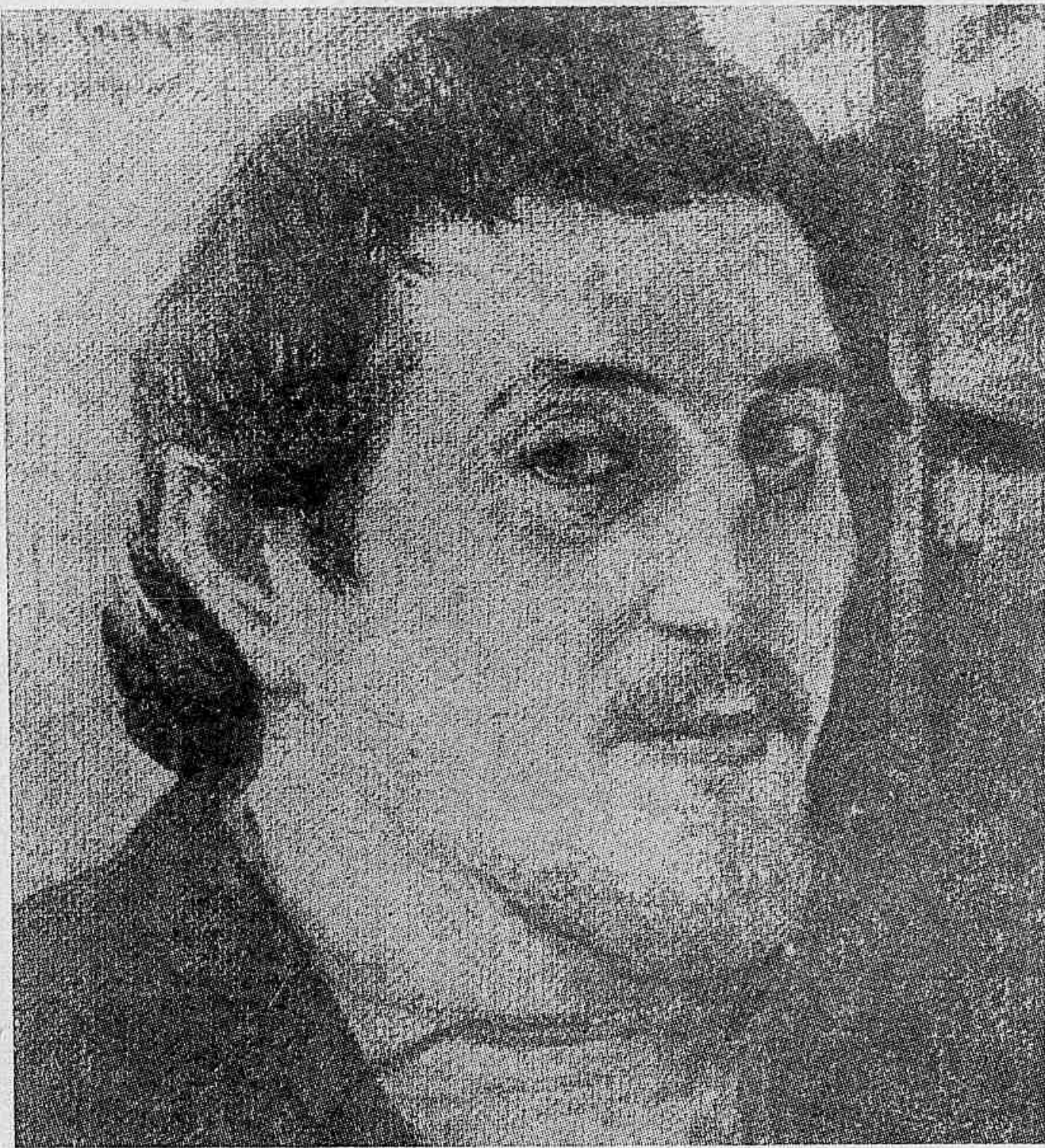


Flagrante do Restaurante Popular n.º 1, instalado por iniciativa da L. B. A. com o concurso técnico do SAPS, na Avenida Suburbana. Durante a sua primeira experiência de funcionamento, serviram-se 800 refeições gratuitamente.



As fotos ao lado focalizam dois aspectos apanhados na Sul America Capitalização, no momento em que assumiam os cargos, por merecimento, o sr. Arnaldo Lanibert que vem de ser nomeado inspetor técnico e o sr. Ubirajara Campos, chefe da "Agência Metropolitana". Ao alto, entre sua esposa, D. Margarida Lambert e diretores e funcionários de Sulacap, vê-se o sr. Arnaldo Lambert e, em baixo, entre amigos e admiradores, o sr. Ubirajara Campos. São esses os flagrantes das duas posses verificadas no limiar do corrente ano naquela prestigiosa companhia brasileira de economia.





Auto-retrato de Gauguin.

# A vida tragica de Paul Gauguin, pintor maldito

O cinema vai em breve levar a todos os recantos do mundo a vida aventureira e sob certos aspectos maravilhosa dum dos artistas mais estranhos de todos os tempos: Paul Gauguin.

Embora servindo-se duma historia romanceada, como seja a novela de Somerset Maugham, "The moon and six pence" ("Um gosto e seis vintens"), o filme, sob caracteres fictícios, pretende, como o próprio romance, retratar nada mais do que a vida do célebre pintor. É interessante recordar que ao ter noticia do preparo do filme, envolvendo as aventuras de seu pai, Emile Gauguin, um dos filhos de Paul, que vive atualmente nos E. Unidos, ameaçou de processo a companhia cinematográfica, caso reproduzisse na tela um só dos quadros do artista, capaz de servir para sua identificação, o que obrigou o produtor a apresentar um falso "Gauguin", cujas analogias com a maneira do pintor são, no entanto, tão obvias, como qualquer negativa a respeito da intenção da história.

A propósito do lançamento próximo desse filme sem duvida sensacional, é bem oportuno, sem duvida, o presente artigo de John Rewald, referente ao episódio mais trágico na vida de Gauguin: o da sua tentativa de suicídio.

Esperar "é quasi viver".

É Gauguin quem escreve estas palavras, de Taiti, para sua mulher, acrescentando: "Tu não tens confiança no futuro, mas eu tenho. Porque quero tê-la. Doutro modo, ha muito tempo teria feito saltarem os miolos!"

Para guardar esta esperança, era preciso que o artista tivesse uma coragem sobrehumana e uma terrível força de vontade. Porque as circunstancias da sua vida eram duma miséria lancinante, e nada, a bem dizer, permitia fazer acreditar que essa situação fosse mudar em breve. Aliás, as coisas não se modificavam; Gauguin mergulhava cada vez mais na desgraça: "Quando posso comer todos os dias meu pão seco com um copo d'agua — escrevia ele amargamente — chego a crer que é bifeck!"

Em pouco, no entanto, não terá mesmo sequer esta ilusão do bifeck, pois não lhe restarão senão dividas e nem mais um "sou" de crédito. O negociante chinês recusa vender-lhe pão pela promessa de um futuro pagamento, no qual não acredita mais. Não vê o pintor esperar em vão todos os meses o dinheiro que lhe devem enviar de Paris pelos seus quadros? Nada chega, nunca.

É Gauguin não sómente está pobre como também doente; os pés estão cobertos de eczemas, os sofrimentos impedem-no de trabalhar. Para refazer as forças perdidas, por falta dum pouco de tranquilidade, vive com al-

gumas goiabas e mangas. E' tudo. Nem mesmo pão tem mais. Como não começariam a atormentar-lhe o espirito as terríveis ideias de suicídio, desde que não pôde crer sequer em achar um pouco de consolo no seu trabalho? "Esperar é quasi viver" E desesperar será portanto morrer. No mês de novembro de 1897, Gauguin escreve a seu fiel amigo, Daniel de Monfreid, o unico que lhe ficou dedicado: "Hoje, minha resolução de acabar modificou-se, uma vez que a natureza agora se encarrega disso mesmo, mas isso será mais longo, o que é uma ideia terrível para mim, porém me força, por dever, a não me antecipar. O coração não tem podido resistir a tantos abalos, e agora os vomitos de sangue reiterados, sobrevivendo a cada emoção, a cada inquietação, devem ter cedo ou tarde, uma solução final. Desta maneira, morrerei sem uma queixa mas quando?"

Como descrever a angustia de Gauguin, verificando no mês seguinte que o correio de dezembro não lhe traz ainda coisa alguma. De então por diante, não pensa senão na morte. Mas, antes de morrer, quer pintar a maior tela que "tem na cabeça". Durante o mês inteiro trabalha dia e noite, numa febre inaudita. A' medida que o trabalho avança, parece livrar-se duma opressão e o considera com prazer. "Sim, senhor, — diz ele — não é um quadro feito como um Puvís de Chavannes, com estudos do natural, depois cartão preparatório etc. Tudo isto é pintado de memoria, feito com a ponta do pincel, num pano de saco cheio de nós e rugosidades, mas, também o aspecto é terrivelmente remoto".

"Dir-se-á, — prossegue ele no seu monólogo — que é frouxo... incapaz. E' verdade que não sabemos julgar-nos bem, mas creio que não somente este quadro ultrapassa em valor todos os precedentes, mas ainda que nunca mais farei coisa melhor nem igual. Nele puz todas as minhas energias, uma tal paixão dolorosa, por certas circunstancias terríveis, e uma visão de tal modo nítida, sem correções, que o prematuro desaparece e surge a vida".

Gauguin sente bem algumas imperfeições na sua execução, mas que importa? Ele se acha num tal estado de exaltação e de desespero que se tornou insensível a toda reflexão fria e repousada. Eis o quadro diante dele, essa imensa tela de quatro metros e meio, por um metro e sessenta de alto, e é preciso acabar. O trabalho absorve toda a sua vitalidade, só pensa nele, vive sómente para ele. Se, no mês seguinte, chegar enfim um pouco de dinheiro, veremos, porém se não chegar, poderá deixar-se morrer sem pena, terá cumprido seu-dever. "Talvez, neste quadro — diz para si mesmo —



Uma cena do filme sobre a vida de Gauguin: seu casamento com uma nativa da ilha de Taiti.



Um amigo de Gauguin, vindo da França, depois da morte do pintor, a quem a devotada nativa mostra o tumulto do desgraçado vitimado pela lepra.



o que falta em ponderação se ache compensado por alguma coisa inexplicável para aquele que não tenha sofrido ao extremo e não conheça o estado de alma do autor. "É retoma o pincel, misturando a suas cores todos os seus sofrimentos, todas as suas esperanças, todo o seu imenso amor à vida e à beleza. Assim, durante os últimos dias que lhe restam a viver, meditará, o pincel na mão, sobre a eterna interrogação: "Donde vimos? Que somos? Para onde vamos?"

É o assunto do seu quadro, dessa grande composição, na qual resume tudo o que sabe, tudo o que sente, tudo o que sonha.

Estas três perguntas que não terão resposta, Gauguin as inscreve no alto, num canto do painel, e depois põe-se a falar em voz alta, descrevendo para si mesmo tudo o que sua mão fixou na tela: os dois cantos superiores são amarelos de cromo com a inscrição à esquerda, tal qual um fresco deteriorado nos cantos e preso a um muro dourado. A' direita e em baixo, um bebê adormecido, depois três mulheres acoradas. Duas figuras vestidas de púrpura trocam confidências. Uma figura premeditadamente enorme e fora de perspectiva, levanta os braços no alto e olha, espantada, essas duas personagens que ousam pensar nos seus destinos. Ele fala cada vez mais alto, sózinho, na sua choça, sentado deante do cavalete, esquecendo as chagas abertas de suas pernas. Pronuncia com uma estranha violência todas as frases. Estas são muitas vezes curtas, porém ele pára a cada sentença, como que para tomar folego. Uma figura do meio colhe um fruto. Dois gatos perto duma criança. Uma cabra branca. O idolo, de braços misteriosamente levantados e em ritmo, parece indicar o além. Figura acorada parece escutar o idolo. Afinal, uma velha perto da Morte, parece aceitar, resignar-se ao que esta pensa e termine a legenda; a seus pés, um estranho passarinho branco tendo nas patas um lagarto que representa a inutilidade das palavras vãs: Tudo se passa às margens dum regato sob o bosque. No mundo, o mar, depois as montanhas da ilha vizinha. Apesar das nuances o aspecto da paisagem é constantemente dum ponto a outro, azul e verde veronese. Lá em cima, todas as figuras nuas se destacam em amarelo. Depois vem-lhe uma ideia que o faz sorrir: "Se dissessem aos candidatos de Belas Artes do concurso de Roma: O quadro que vocês tem de fazer representará: *Donde vimos, que somos, para onde vamos?* que fariam eles?"

O quadro fica terminado. Ele o olha sem cessar e confessa baixinho para si mesmo que o admira. Entretanto, quanto mais o vê, mais se convence do que chama "enormes erros matemáticos", porém não quer retocá-los por preço algum. A tela ficará como está, — resolve — em estado de esboço, se quiserem. "Aliás, sabe-se bem onde uma obra começa a ser esboçada e se torna quadro? "Onde começa a execução dum quadro? — pergunta a si mesmo — onde ela termina? No momento em que sentimentos extremados se acham em fusão no mais profundo do ser, no momento em que eles rebentam e todo o pensamento sai como lava dum vulcão, brutal, se quiserem, mas grande e de aparência sobrehumana? Os frios cálculos da razão não mais presidem a esta eclosão, mas quem sabe quando, no fundo do ser, a obra começou, inconsciente talvez?"

Que os outros achem este painel inacabado, pouco importa. Vai assiná-lo, agora, pois corresponde ao estado da alma no qual foi criado, e põe seu nome no alto, num canto à esquerda, oposto ao que leva a inscrição. Aliás, o momento fatal se aproxima, a chegada do unico correio de janeiro que decidirá tudo. Depois deste esforço desesperado, depois de tantas semanas sem alimento verdadeiro, atenuado pelos credores e ameaçado de despejo, Gauguin está ao fim de suas forças. Vão enfim mandar-lhe o dinheiro que lhe devem, permitir-lhe comprar um pouco de pão e de arroz? O correio chega: nada lhe traz. Então, tendo por fim acabado a obra que não poderá sobrepujar, o pintor teria podido deixar-se morrer sem pena, mas, para cumulo de desgraça, sua saúde parece restabelecer-se de repente. Não tem mais, portanto, a esperança duma morte natural muito próxima. Mesmo esta ultima graça lhe é recusada. Mas sua resolução está tomada: Vai esconder-se na montanha onde seu cadáver será devorado pelas formigas. Não tem revólver, mas tem arsenico, entesourado durante sua molestia da pele...



O grande escritor inglês Somerset Maugham, autor de "Um gosto e seis vintens" ("The moon and six pence"), ou seja a vida tragica de Gauguin, pintor maldito.

Seria a dose muito forte, e teriam os vômitos anulado a ação do veneno? O certo é que, depois duma noite horrível, estendido na montanha sob um céu sereno, sosinho com o seu desespero as entranhas torcidas por atrozes sofrimentos, as têmperas doloridas, o coração desfalecente, Paul Gauguin volta para casa.

A própria morte não o queria.



Um dos mais belos quadros de Gauguin, pintado na ilha de Taiti: "Maternidade" — "Io Orana Maria", na lingua da terra.



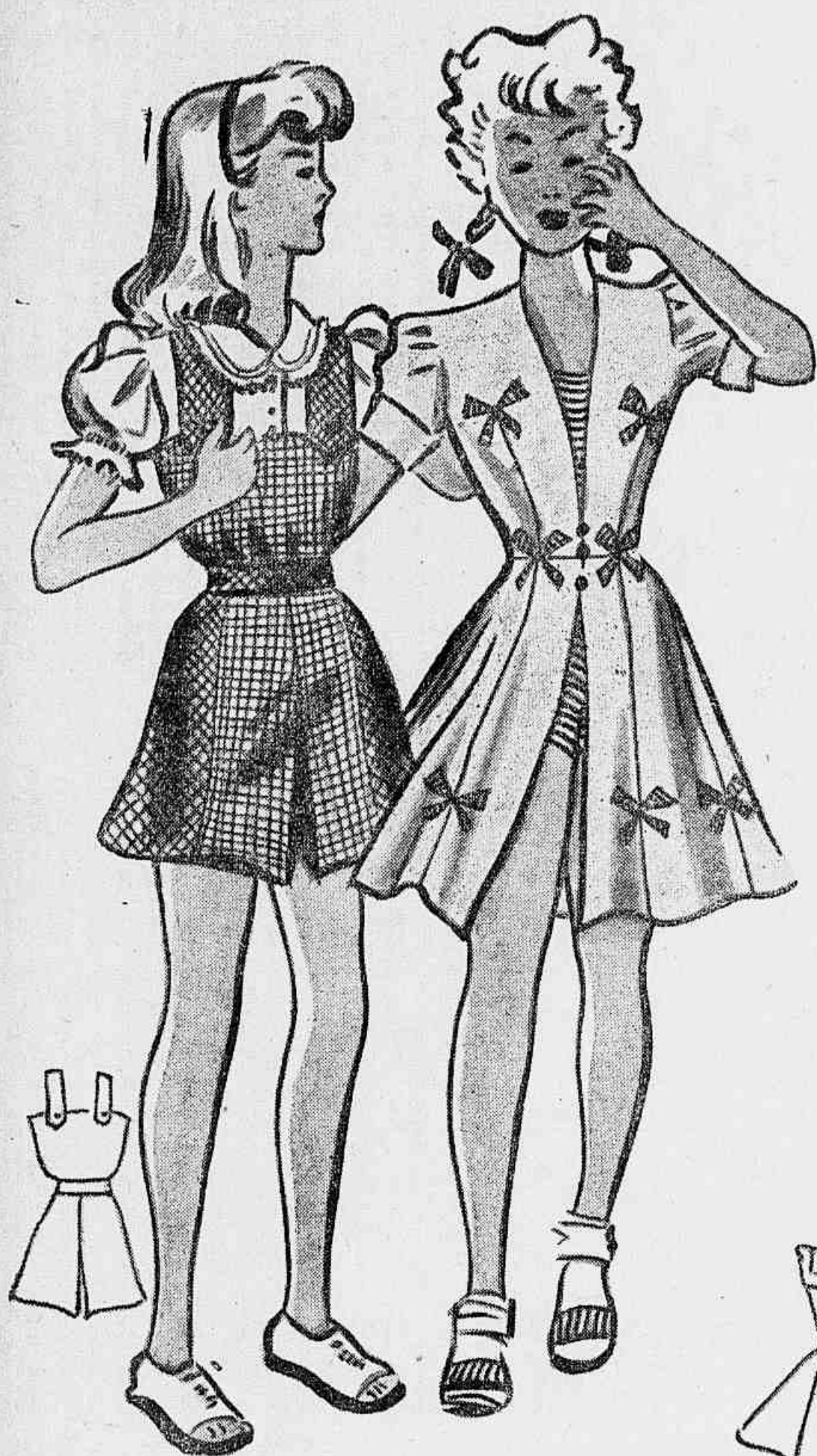
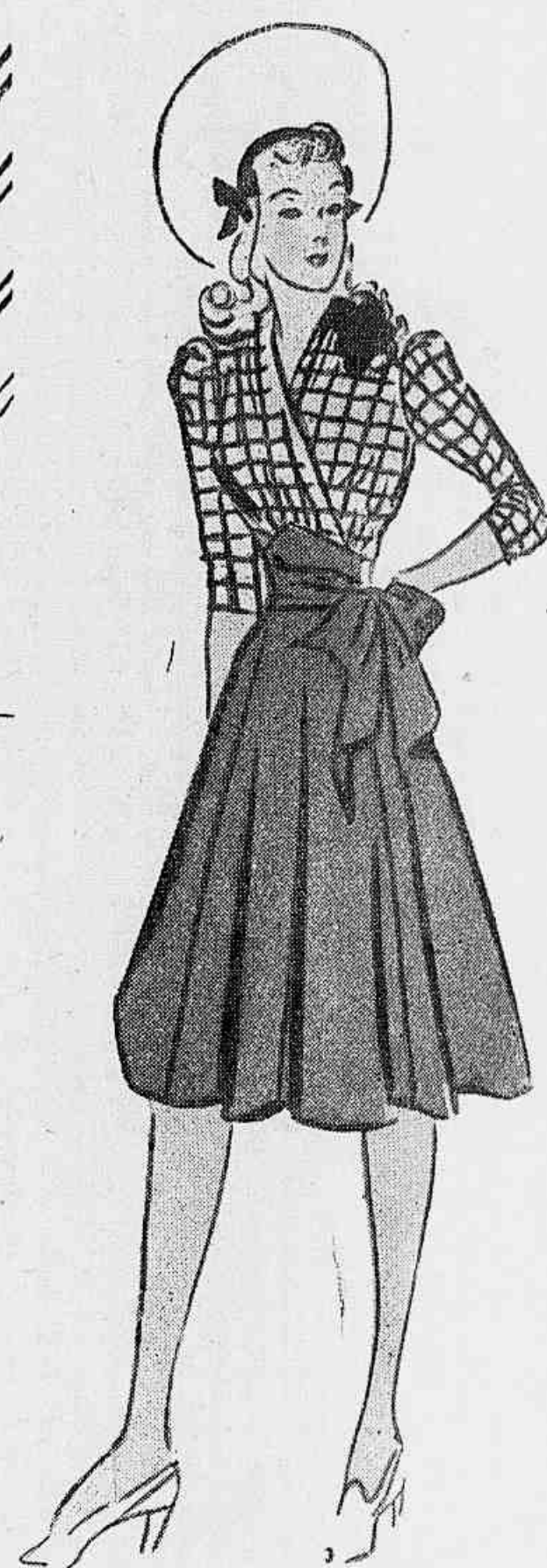
O falso "Gauguin", pintado em Hollywood, para figurar no filme.



# VINOVITA



TONIFICA O SANGUE ESTIMULA O CEREBRO DA ENERGIA AOS MUSCULOS



## Modelos juvenis



Vestidinhos leves e simples, para garotas de doze a quinze anos.

Em voile, sedinhas claras, ou cambraia de côr, estamos certos de que ficarão á maravilha em nossas leitoras da idade que Shirley Temple tem.





# lindos chapéus

## RUGOL

O CREME  
EMBELEZADOR DA PÉLE

Apesar da voga cada vez mais crescente da cabeça ao léu e da rede, um chapéu elegante é sempre uma nota de distinção. Nestas fotos, temos alguns modelos originalíssimos com o predomínio das sugestões orientais, que seguramente nossas leitoras não deixarão de aprovar.

**V** Bonbons  
ITÓRIA RÉGIA  
Cerejas ao  
Marrasquino  
**OS MAIS CAROS**  
Incontestavelmente os  
melhores.



*Fragrante e Aderente!*



PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES de

*Helena Rubinstein*

CONSERVE a beleza natural de sua pele com o uso do PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES.

Os grãos do PÓ FACIAL PÉTALAS DE FLORES que beneficiam e tornam a pele ainda mais atraente, são impregnados de bálsamos e refrescantes e constituem na realidade, um verdadeiro tratamento de beleza.

Peça que lhe mostrem os tons criados especialmente para seu tipo de pele.

**CASA HERMANNY**

RIO DE JANEIRO:  
Gonçalves Dias, 50

PETROPOLIS:  
Av. 15 de Novembro, 766





De SARAH MARQUES

(Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Quando elas passam sob as luzes rodopiano, são tão leves como se não houvesse o peso de uma alma dentro dos corpos estilizados. Tão leves como as flores da amendoeira quando o vento as sacode em plena luz e elas giram sobre a relva, sobre as águas, sobre as pedras das calçadas alamedas de romance. Tão distantes desta vida de cuidados e receios como o céu alto e claro de um punhado de serenatas brancas desfolhadas num crepúsculo sobre o mar.

Ela dansou vestida de joias aos olhos do Tetrarca. Seus cabelos encharcados de perfume, eram mais negros do que a sombra do pecado sobre a fronte da rainha. Sua clâmide transparente como a bruma da manhã era mais tênue que o perfume dos claros lírios do Hebron. E as luzes do palácio dansavam tontas no seu corpo elástico em cada opala dos colares longos, nas ametistas das pulseiras justas, nos rubis cintilantes como sangue. Como o sangue do Profeta. O sangue da grande cabeça de pálpebras cerradas, de lábios fechados sobre o último anátema. Ela dansou aos olhos do Tetrarca. E até hoje, quando as labaredas de junho iluminam a glória do Batista, no rumor da chama as sandálias batem, as sandálias cantam, as sandálias dansam nas fogueiras altas. Salomé, debalde, olha a estrada límpida por onde sobem os balões tranquilos. E a sua voz plangente às vezes passa dolorida no ranger das piras que se desmoronam. Em vão. Estão fechados os caminhos do céu. Não há piedade no coração dos homens. Ela foi tão bela que ninguém se lembra que havia uma alma no seu corpo frágil mais esguio que os salgueiros adolescentes do Cedron.

A alma das bailarinas! Quem se lembra delas quando os flocos de tule rodoviam, — ritmos de braços erguidos para a luz, de leves passos silenciosos nos tapetes?

Quando as "girls" lindas e iguais como rosas nascidas no mesmo ramo são uma ronda de corpos tão perfeitos como o mármore antigo das estátuas? Quando o cisne morria lentamente e a Pawlova baixava a fronte exangue sobre as longas mãos de brancura milagrosa? Quando a Duncan — uma rosa nos cabelos e rosas brancas na túnica vermelha pisava o palco revivendo a graça das pétalas caindo ao ritmo da flauta do velho Pan num mundo alvorecente?

Quem se lembra, ao menos, do corpo das bailarinas? Do corpo vivo e escravo da vida? Do corpo que tem fome, sede, cansaço, sofrimento? Do corpo que a velhice espremerá nas suas mãos nodosas? Do corpo que a morte imobilizará um dia? Ninguém. Ninguém. Não há piedade pelos pássaros mortos à beira do caminho, quando a chuva cai. Ninguém tem pena das flores que murçam, desfeitas em pó, em lodo, em nada. Ninguém se lembra das bailarinas quando o pano desce sobre a última valsa.

Elas sabem disso. Rosas que duram o espaço de uma breve manhã na memória dos homens, as bailarinas estão pensando no futuro. As pequenas, humildes, obscuras bailarinas dos "dancings" estão pensando na velhice. Quando o cansaço pesar sobre os ombros e entorpecer as pernas. Quando murcarem as cores da juventude.

# A CASA DAS BAILARINAS







de e aparecerem fios brancos entre as flores entrançadas nos cabelos. Quando passarem pelas ruas iguais, a todas as mulheres, sem nenhum eco de música nos passos, sem nenhuma sombra de beleza no sorriso. Quando chegarem o desemprego e a solidão. Quando não forem mais pequenas bailarinas vendedoras de ritmos e sorrisos.

Ela nasceu no subúrbio numa casa de porta e janela. Não conheceu o pai. A mãe não tinha o sorriso puro, esse olhar de santa, essa voz dulcíssima das mãis das outras moças. Chegou ao "dancing" por acaso. Como outras chegam ao balcão das lojas ou aos "ateliers" sem luz e sem ar onde as meninas pobres cosem para as ricas. Ficou dançando porque é esbelta e leve e tem nos olhos essa "qualquer coisa" que é melancolia e que os homens chamam de volúpia. Ficou dançando. Com quem chegar e tiver uma prata para uma valsa. Ela dança com a moeda. Depois estende o cartão para o "furo" habitual. Como as crianças que, na província pedem esmolas entre os amigos para a festa do padroeiro. Tantas valsas, tantos furos, tantas pratas. Todas as noites. Nunca sentiu a bailarina do "dancing" pobre, essa vertigem deliciosa da valsa louca unindo os pares no mesmo ritmo. Sente o cansaço de madrugada. E quando chove, e os pares não chegam e a orquestra cochila, a angústia passeia no salão deserto. Um cartão intacto é a fome, amanhã. E a vida passa. Na fila rígida das cadeiras melancólicas, as ausentes se substituem. A vendedora de dansas sente, sabe que ela, também, irá embora, um dia. Para onde?

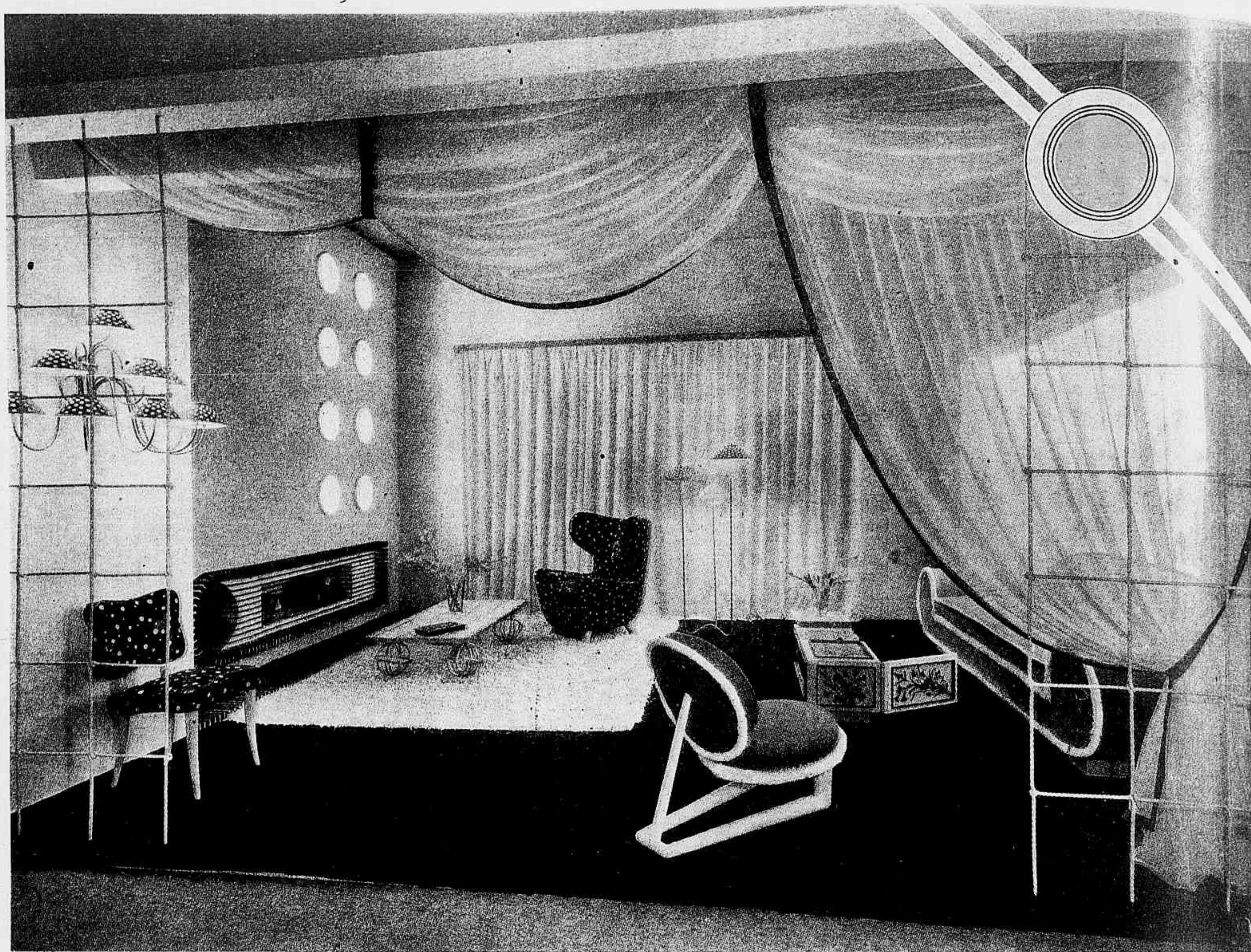
As luzes roxas caem sobre os rostos tristes. Há flores nas mesas. São longos e belos os claros vestidos das moças. Rebrilham os peitinhos engomados dos "garçons". Um tango arrasta os pares ao soluço dos bandoneons. Ela bebe. Martini seco. Preferia um sorvete. Um guaraná doirado e frio. Mas a bailarina só pôde beber o mais caro. E' a sua contribuição para a caixa... da casa. No fim da noite está ébria. No fim do ano está enferma. Uma noite não aparece no salão. Depois, ninguém mais sabe dela.

A "Casa da Bailarina"! Em Paris, foi um padre quem construiu o primeiro lar das meninas que dançam para viver. No Rio, elas mesmas estão unindo as frageis mãos, tão pobres de alegria, para erguer o refúgio da velhice e da doença. Querem um sindicato as pequenas dansarinas. Sabem histórias de companheiras que dançaram até a morte e morreram abandonadas num leito de hospital. Sabem histórias mais tristes ainda. Músicas tristes do que o violino dos cegos e a canção das crianças paralisadas. E o olhar dos marinheiros embriagados antes da última viagem sem roteiro. Por isso uma bailarina chorou quando falava às companheiras chamando-as para esquecerem o lar comum, o lar de todas, a casa fraternal. Sem radiolas berrando o último samba. Sem refletores mascarando a palidez. Uma casa tranquila com trepadeiras na sacada, avencas no jardim, sombra de árvores grandes no jardim, e um resto de todas as purezas perdidas, no cortinas de tule e no velho piano.

"Casa das Bailarinas!" Será silenciosa como um grande silêncio. E boa como a piedade. Lá dentro, numa noite serena, uma valsa a ser ignorada de dansar. Então, o pequeno mundo da bailarina compreenderá a vida que envenena tudo o que a toca. E polui o próprio milagre da dança. Porque é boa e nasceu para ser feliz. Não pedirá vingança. Dansará fela flor de amendoeira carregada de luz. Como um vôo de garça desfolhada no crepúsculo, sobre o mar.







## MODERNISMOS...

**N**UMA casa assim, aquela espécie de crianças "engraçadinhas" e terríveis teria muito por onde se espalhar... Parece, à primeira vista, que houve a preocupação de fazer apenas uma decoração bizarra, a começar pela linha enfezada dos moveis, semelhantes a míscaros, que a amplitude do salão torna ainda menores.

Mas o panejamento largo das cortinas do primeiro plano, executadas em voile claro, que uma tarja de tom escuro acentua graciosamente; aqueles pontos luminosos na parede, como uma reminiscência heráldica, a quebrar a nudez do rectângulo sobre o "fogão" exausto, que faz agradável "pendant" com o divan que lhe fica oposto; o contraste repetido de tons que se nota, desde a combinação dos tapetes e os vivos dos estofos até aos "abat-jours", todos de grande originalidade; as cordas tecidas em "filet", que indicam a separação para a peça contigua, e a mesinha rustica, suspensa em quatro esferas armilares de ferro-batido... tudo se impõe de tal maneira á nossa admiração que se fica querendo bem ao Decorador que os realizou, produzindo uma obra totalmente moderna, porém despretenciosa.

Repare, porém, leitora amavel, que constitue um sério perigo a copia ou a adaptação de tudo que é aparentemente simples; por isso, quando tiver de resolver qualquer problema de decoração, chame um técnico no assunto.

# MOBILIARIOS TAPEÇARIAS DECORAÇÕES

## OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

**ASA**  
MARCA

**INES**  
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL  
AGÓRA SÓMENTE

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais completo para higiene e conservação dos dentes.



# O Café

## Riqueza alimentar

suas aplicações no uso doméstico em doces, bebidas, gelados, de que daremos, por hoje, algumas receitas que acabam de fazer sucesso nos Estados Unidos.

**Bolo de café** — 1 xícara de manteiga, 4 ovos, 2 xícaras de açúcar mascavo, 2 xícaras de farinha de trigo, 1 xícara de fubá de arroz, 1 xícara de café bem forte, 1 colherinha de fermento Royal. Juntam-se os ingredientes na seguinte ordem: a manteiga batida com o açúcar, depois os ovos batidos à parte, as duas farinhas o fermento e, por último, o café. Forno regular.

**Café gelado** — para fazer café bem forte, empregam-se 1 xícara d'água e 4 colheres das de sopa de pó de café. Pronta a infusão, é posta sobre o gelo em copos grandes. Serve-se com açúcar, puro ou misturado com leite.

**Refresco de café** — Misture uma porção de sorvete de creme de baunilha em cada copo grande de café ge-

lado. Por cima, deite uma colher de creme de leite. Pode ser servido com biscoitos finos e secos.

**Caramelos de café** — para 40 caramelos: desmanche num tacho 250 grs. de açúcar com um pouquinho d'água, junte o caldo de  $\frac{1}{2}$  limão e  $\frac{1}{4}$  de litro de creme de leite. Leve a ferver uns 4 minutos e depois adicione 4 colheres de café forte. Deixe ferver ainda e quando deitar uma gota de calda em água fria e enrolar com os dedos, adicione mais duas colheres de café forte e uma de manteiga. Deixe derreter e derrame numa pedra-mármore untada de manteiga. Depois de frio é cortado em quadradinhos.

Encarecendo o valor alimentício do café e suas múltiplas aplicações, daremos, gentis leitoras, uma demonstração de pura brasilidade.

MISS CAKE

Embora se tratando de uma planta exótica, o café — *coffea arabica* — se adaptou às condições mesológicas do nosso país a partir do século XVIII — para constituir a nossa maior riqueza econômica.

Introduzido no Pará no começo do século XVIII, dali, transportado para o Maranhão, depois para o Rio de Janeiro, penetrando pelo Vale do Paraíba, atingiu as zonas limítrofes de Minas e São Paulo. Sua expansão se faz através dos Estados de Paraná e Goiás.

Assim como a cana de açúcar, o fumo, o algodão, foram as grandes bases da agricultura colonial — o café representou no Império e na República, o alicerce mais sólido da economia brasileira.

O uso do café como bebida generalizou-se no mundo e principalmente na Europa e na América do Norte, onde com o *blending* dele obteve variações de sabor.

Ha dezoito países que o usam como bebida em que encontram altas virtudes alimentícias e estimulantes. O café tem alterado os costumes sociais, a feição das cidades. Quem não terá notícia dos cafés bulhentos de Paris, de Viena, de Buenos Aires, de New-York, Chicago, Cairo.

Em países frios, o café é hoje reconhecido como poderoso estimulante do organismo, sendo prova disso a Suécia, um dos países que mais o consome.

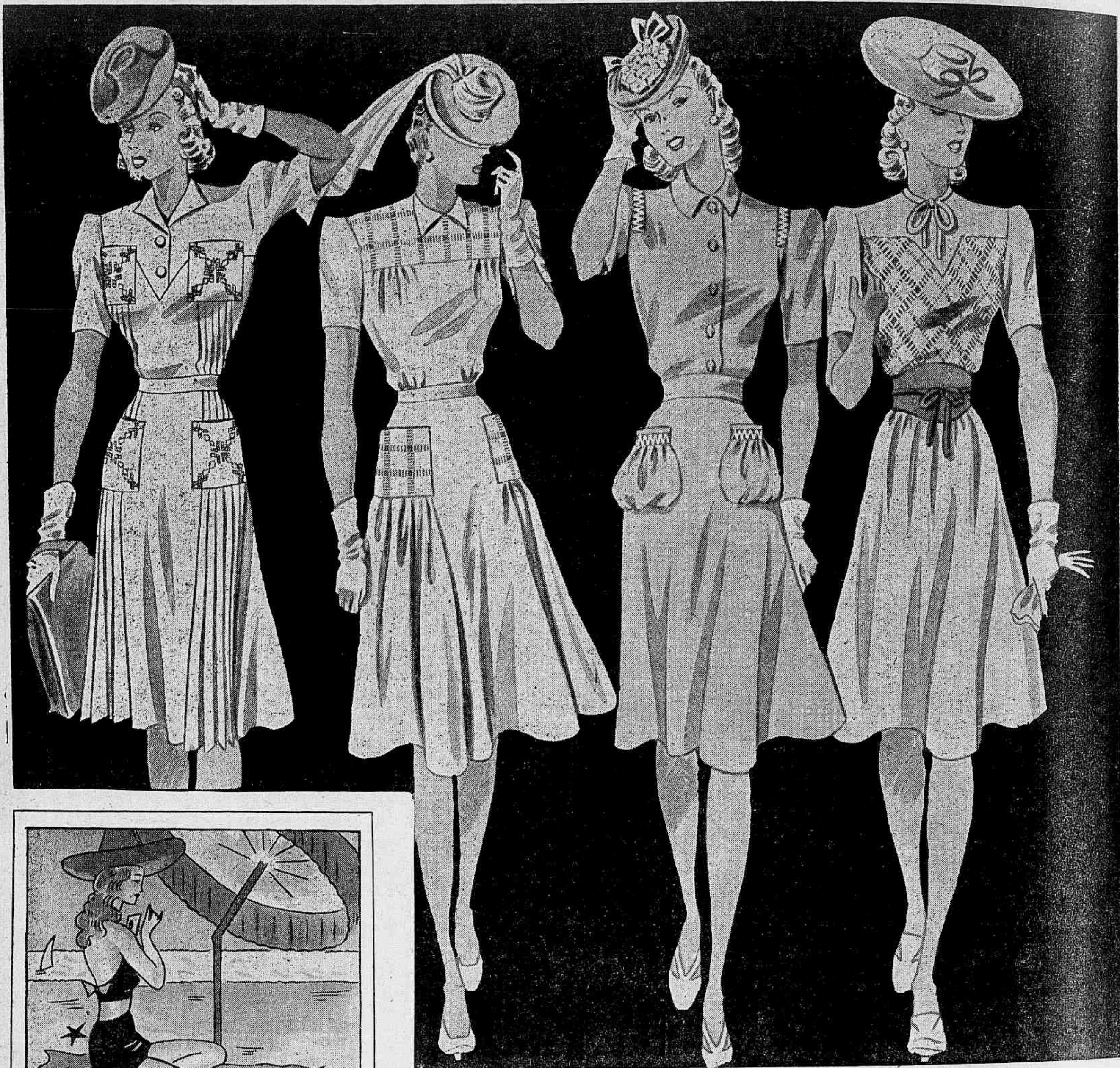
Na guerra, é utilizado pelos exércitos como alimento de pouca duração durante as grandes marchas. E' também matéria-prima para muitos produtos industriais — cafeína, óleos, aplicações plásticas diversas, etc., etc. Não esqueçamos, que o café é o *ouro-verde* do Brasil. Foi ele que levou a colonização para o *hinterland*. Foi o criador de cidades, — planta sagrada, portanto.

Depois da abolição da escravatura, foi o café que serviu de estímulo para a economia brasileira. E' ainda hoje o fator de balança comercial. Dele depende toda a vida financeira, social e política do Brasil.

O consumo do café pode ser aumentado grandemente de duas maneiras: não somente como bebida, tornando-a mais acessível às classes pobres, como ainda aumentando







O pelo nas axilas, pernas e braços compromete sua presença nas praias. Evite esse dissabor usando RACE', o maravilhoso e mais eficaz depilatório. RACE' não irrita a pele e é fácil de usar. Duas ou três aplicações eliminam para sempre os pelos que a incomodam e enfeiam seu corpo.

À VENDA NAS PRINCIPAIS PERFUMARIAS E FARMACIAS

LABORATORIOS VINDOBONA

RUA URUGUAYANA, 104 — RIO

PEÇA FOLHETOS GRATIS — PEDIDOS DO INTERIOR ATENDEM-SE NO MESMO DIA

**Race'**

LABORATORIOS VINDOBONA

Rua Uruguayana, 104

5.º and. — Rio de Janeiro

Queira enviar-me o folheto explicativo do DEPILOTÓRIO RACE' (RS R-12)

Nome . . . . .  
Rua . . . . .  
Cidade . . . . . Estado . . . . .

## VESTIDOS LEVES

Estes quatro modelos de verão são deliciosos para passeio e chás elegantes.

Em crepe, "shantung" ou seda de cor clara, a saia esvoaçante e folgada com a nota pitoresca e original dos bolsos laterais, podem ser bem aproveitados por nossas leitoras que saberão tirar o maior partido possível da combinação do tom da pele e do tecido, para um conjunto floral do mais agradável efeito.

Os bordados e pespontos à mão acrescentam ainda um toque de graça que não é para desprezar.

LABIOS LINDOS — COR NATURAL E FIXA  
FLEUR DE ROSE  
**RAINHA DA HUNGRIA**  
De Mme. Campos  
A VENDA EM TODA A PARTE

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA  
PASTA DE AMENDOAS  
**RAINHA DA HUNGRIA**  
De Mme. Campos  
A VENDA EM TODA A PARTE





# Vogue

o seu cabeleireiro

Servido por um competente corpo de profissionais em ambiente de alto luxo e conforto. Determine pelo Fone 27-8711 a hora em que Mme. deseja ser atendida, e terá a certeza de que jamais precisará ir à cidade para este fim.

**RUA RODOLFO DANTAS 26 - A**  
(ao lado do Copacabana Palace)

Cabeleireiro — Manicure  
— Pedicure — Perma-  
nentes — Perfumaria.

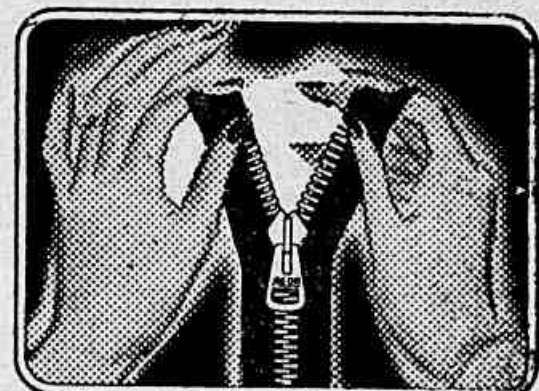


## VERÃO

Para as manhãs de verão na praia, aqui têm as nossas leitoras estes dois lindos "shorts", vistosos e práticos.

Os motivos gregos, em cores vivas contra o tecido branco, do modelo de cima, constituem uma nota da mais alta originalidade. O gracioso modelo em tafetá empresta, por sua vez, um aspecto ainda mais juvenil à gentil portadora.

O conjunto masculino de outra fotografia é delicioso para os passeios á tardinha, á beira-mar.



**PREFIRA O ZIP NACIONAL**

**Reor**

**É MAIS BARATO  
E É MELHOR!**

Si a senhora é modista, não perca mais tempo procurando zips estrangeiros. Hoje, em qualquer loja do ramo, V.S. obterá facilmente o insubstituível REOR — o zip nacional de absoluta confiança, fabricado em todas as cores, para as mais diversas peças de lingerie.

REOR lhe oferece todas as vantagens dos melhores zips estrangeiros, a preços vantajosos. Para sua garantia e satisfação de sua clientela, tenha somente, em seu atelier, o rápido, seguro e resistente fecho REOR.

**COMPANHIA BRASILEIRA  
DE METAIS**







# A arte de pintar cabelos

Este livro útil para todas as senhoras é oferecido pela

## TINTURA FLEURY

O rejuvenescedor dos cabelos

Solicitem-no à Rua 7 de Setembro, 40 sob. - Rio de Janeiro

## UTILIDADES

### PARA CONSERVAR ESPELHOS E VIDROS

Numa colher de amoníaco em meio litro d'agua embebe-se um pano para limpar vidros. Enxuga-se com um tecido fino. Dá-se brilho com a camurça.

Processo mais prático: estando os vidros muito sujos passar rodela de batata. Lava-se depois com agua e um pouco de álcool que apressa a secagem. Passar, por fim, a camurça.

Quando os vidros estão muito prejudicados, passar agua, tépida, com um pouco de bicarbonato de soda. Enxugar ligeiramente depois passar um pouco de gesso desmanchado em álcool. Por fim, enxugar com um pano seco que dará o brilho necessário.

Ha o processo de limpar o vidro com um pano humedecido, em que se adiciona um pouco de anil. Antes que seque completamente, friccionar com uma camurça.

Para vidraças, o papel de jornal amassado com agua, dá o melhor resultado. Fricciona-se, por último, com papel de seda.

Limpar vidros foscos com um pano humedecido em álcool ou vinagre, enxugar com um pano seco. Terminar com camurça.

Para limpar espelhos, friccionar com pano humedecido em álcool e gesso. Deixar secar. Friccionar depois com pano fino e, por último, com uma camurça.

### SENHORA:

CONSERVE A SUA PELE PERFEITA, SAUDAVEL E LINDA, USANDO

## OLEO DE VIOLETAS

DE

MME. GRAÇA

DELICIOSAMENTE PERFUMADO, FIXA O PÓ DE ARROZ E CORRIGE QUAISQUER IMPERFEIÇÕES E DEFEITOS.

O "CREME ANTI-RUGAS", CONTRA RUGAS E FLACIDEZ DOS MÚSCULOS; A "LOÇÃO ACNEA", PARA ESPINHAS E CRAVOS; O "BALSAMO BRANCO", PARA CLAREAR — PRODUTOS DE MME. GRAÇA SÃO PERFEITOS.

CATALOGOS GRATIS PELO CORREIO.

Distribuidores: — ESPANHA PARAMÉS & IRMÃO

RUA DA ALFANDEGA, 181 — RIO.



## SIMPLES E ELEGANTES



Quatro modelos para fazer compras pela manhã. Tão simples, parecem mesmo desenhados a proposito para facilitar a confecção em casa, por qualquer mocinha principiante e inexperiente nos segredos da costura.







Uma Experiência Pessoal a convencerá  
de que o  
BATON *Michel*  
DÁ AOS SEUS LÁBIOS BELEZA  
ARDENTE E SEDUTORA

Seus lábios serão sempre jovens, belos e viçosos, se usar o baton que lhes dá verdadeira proteção: Michel. É um produto puro, que permanece nos lábios o dobro do tempo e dá à boca uma sensação de constante frescor. Seu perfume é atraente e discreto. Faça sua escolha entre as 10 tonalidades de Baton Michel. Uma delas se adaptará perfeitamente aos matizes mais sutis da sua tez, acentuando-lhe a beleza natural.

Realce sua beleza e triunfe! Nos lances sentimentais vence a mulher que melhor se trata. Assim, pois, dê ao seu rosto a maior atração possível, começando por um colorido bem harmonioso. Escolha um rouge Michel que combine com o seu Baton Michel: um rouge que reflita o tom de seus lábios e dê às faces um matiz suave e encantador.

Insista em obter a marca Michel legítima. Não se conforme se lhe derem imitações, pois pode obter o genuíno Michel. Procure o nome "Michel" no seu Baton, Rouge, Pó de Arroz e Cosmético para os olhos. É marca de qualidade, sinônimo de beleza.

10 sedutoras tonalidades do Baton:  
AMARANTH - VIVID - CHERRY  
BLONDE - BRUNETTE - SCARLET  
RASPBERRY - CYCLAMEN  
CAPUCINE - AMAPOLA

7 atraentes tonalidades do Rouge:  
BLONDE - BRUNETTE  
CHERRY - CYCLAMEN  
CORAL - RASPBERRY  
MANDARINE

Em guarda! Para proteção da beleza!  
Para proteção do nosso hemisfério!

BATON *Michel*

Michel Cosmetics, Inc., New York

432

## MODELOS PRATICOS

Meia duzia de lindos modelos estivais, próprios para tardes e visitas a amiguinhas.

A leitora pôde usar á vontade, cambráia, linho ou "shantung", de acordo com o seu tipo e a sua figura.

NÃO SOFRA  
POR GÔSTO...

A Senhora pode aliviar  
os males próprios de seu  
sexo, usando

**REGULADOR SIAN**

Indicado nas dismenorréas



# VESTIDOS DE BAILE

Loura e morena — dois tipos — duas cores, dois modelos. Assim, imaginemos uma loura trazendo este rico modelo executado em musseline azul-pastel. E' alta, fina, tem um talhe de vespa o que lhe permite usar com realce um modelo em que o franzido predomina. Vemo-lo cruzando o corpete, formando o cinto, constituindo a manga original e longa; reaparecendo nas basquese ainda na saia muito ampla, muito longa. Para a morena, que desejamos representar bem brasileira, temos um vestido de noite em crepe-setim verde-chartreuse bem ajustado. E' guarnecido com applicações bordadas que lembram em detalhe folhas de palmeira. O bordado é feito em quatro tons, a saber: ouro-verde, ouro-velho, ouro-branco e ouro-ruivo. A saia tem originalidade de um drapeado na frente e fechado somente até a altura dos joelhos. Deixa aparecer, quando em movimento, os sapatos, gênero sandália, em lamé dourado com os tons da applicação.

TANAGRAN



Tonico sexual feminino. Asthenia, frieza, memoria fraca, insônia, tristeza sem motivo etc. Sempre aconselhado pelo medico Dr. A. TEPEDINO. Em todas as Drogarias TANAGRAN!



FRIBERGO



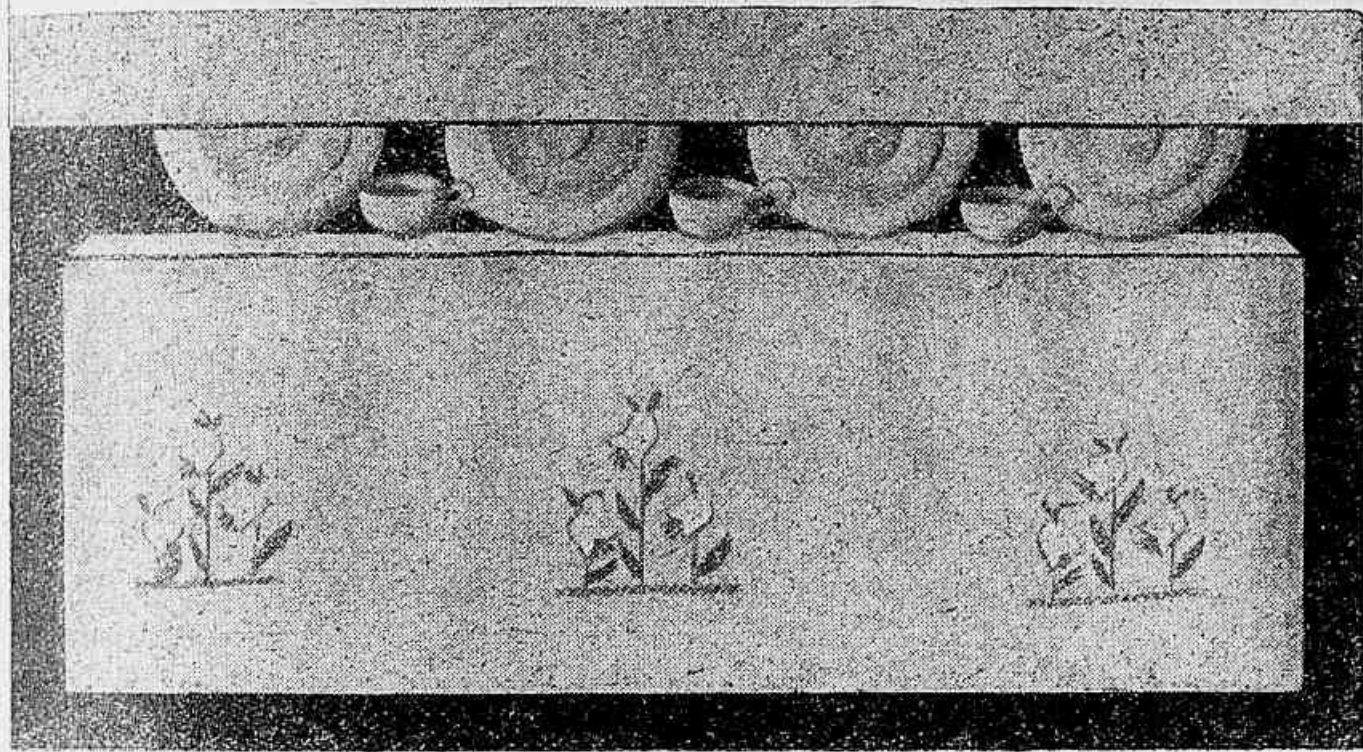
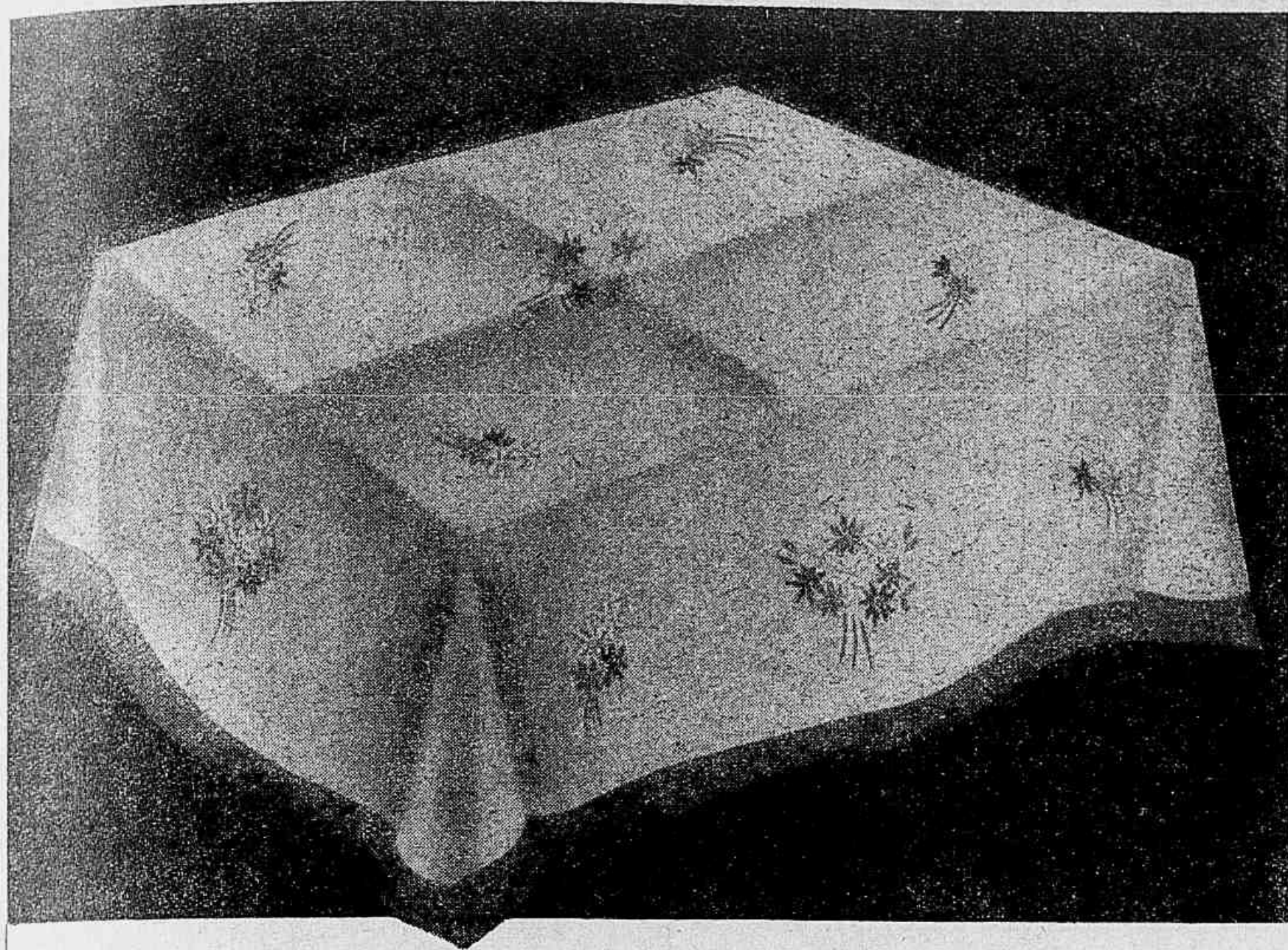
# O Lar

## MOBILIARIOS PARA ESCRITORIOS

A Fábrica de Moveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionarios, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente seção de desenho para projetos e orçamento, facilitando em certos casos o pagamento.

Os moveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.



## Para as donas de casa



Singelas margaridas num pequeno *sketch*... Mas, quanto partido poderá com ele tirar a mulher que ainda sabe servir-se da agulha!

Temos uma toalha para a mesa na salinha de almoço. Ficará bem em linho *granité beije* com 1 metro e vinte quadrados. Dispõem-se os ramos como a gravura indica — menores nos cantos, ampliados no centro; o que é ainda observado na barra. As margaridas serão em vários tons de vermelho, com os centros em amarelo. Remata-se essa toalha com uma tira de *royal* verde-forte.

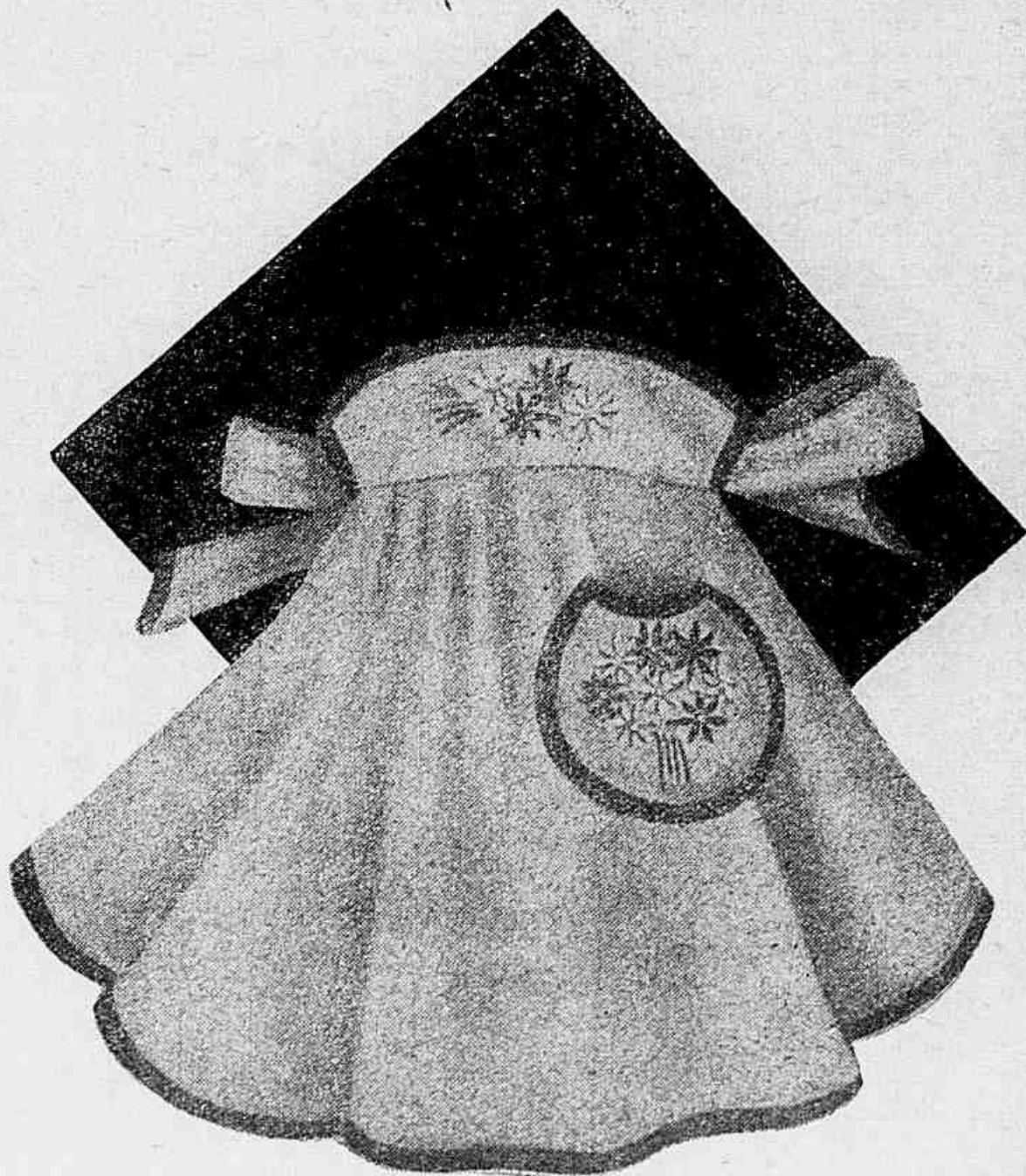
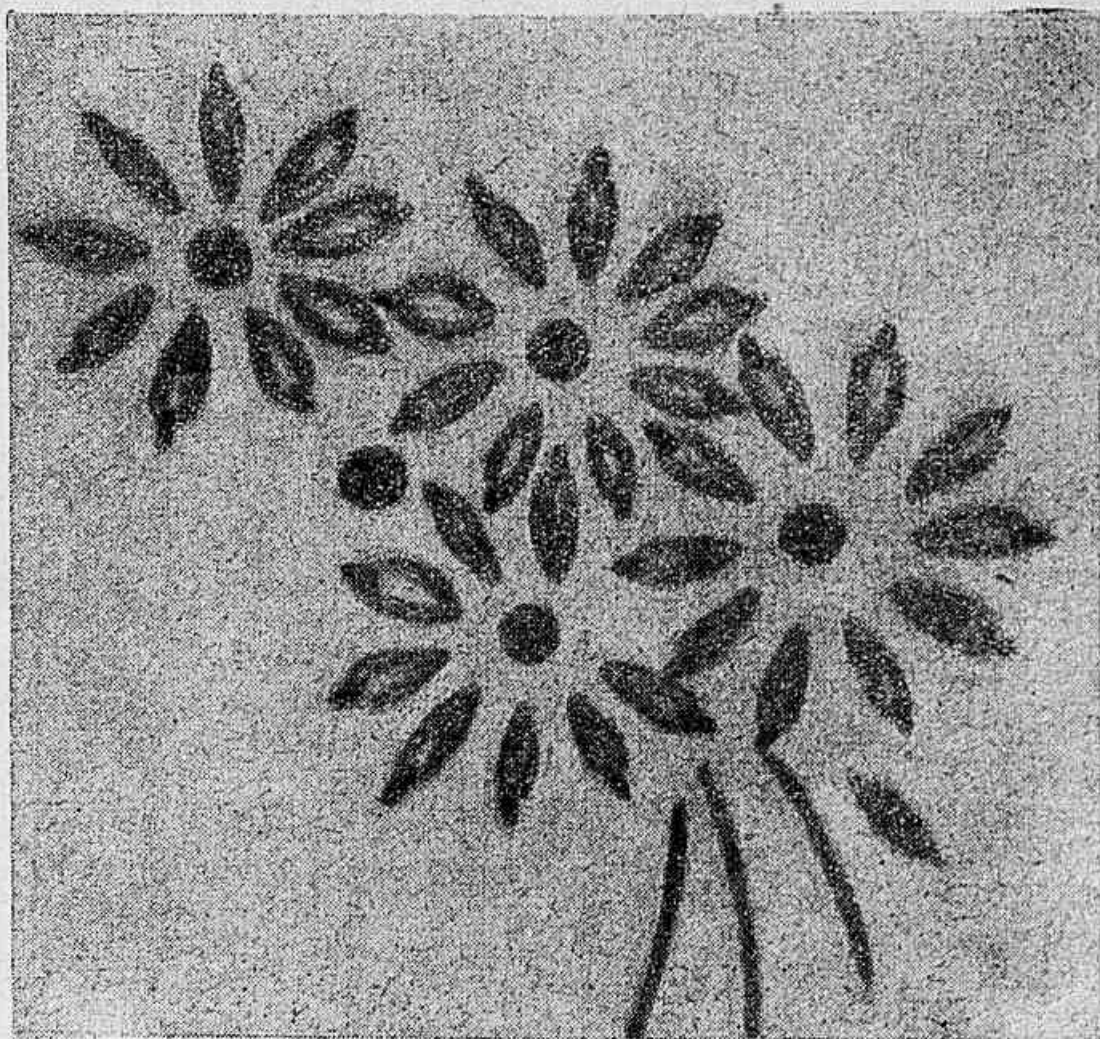
A coberta do *buffet* deve ser condizente com a toalha.

Quanto aos aventais, o número 1 indicado para uso diário, será em linho azul-pálido, com cinto e barra de um azul mais vivo. As margaridas multicoloridas.

O avental n. 2, tipo mais faceiro, ficará bem em *organdi* branco, laço armado do mesmo *organdi*; barra estreita em tres côres: *bleu, blanc, rouge*. As margaridas serão igualmente nessas 3 côres, com o miolo amarelo, astes verdes. O bordado ficará bem em seda grossa — para maior realce.

E ainda fica a sugestão para as senhoritas que servem chá no Payssandú — em prol dos franceses combatentes...

Variando as côres, ficarão de acôrdo para outros chás em benefício da Cruz Vermelha Brasileira ou das Nações Unidas.





Hugo Carvalho Ramos foi um jovem contista goiano, bem cedo vítima de cruel neurastenia que o mataria, aos 23 anos duma vida cheia de esplendidas promessas.

Esquivo, taciturno, solitário, desde os tempos académicos, seu refugio de todas as horas foram sempre as letras.

"Tropas e boiadas", publicado em segunda edição, pela editora de Monteiro Lobato, depois da morte do autor, vale como uma admirável afirmação da sua arte. Alguns contos, como o que publicamos hoje, "Ninho de periquito" e "Caminho das tropas", não de figurar entre os melhores do género regional do Brasil.

Prefaciando esse livro, dele diz seu irmão Victor: "Durante o período de sua vida escolar, Hugo foi sempre um menino inquieto, de génio turbulento. Com as suas primeiras e intensas leituras, porém, o seu temperamento modificou-se subitamente. Quasi não

saía, quasi não falava. Lia muito, escrevia ainda mais. Aos 12 anos não parecia uma criança, tal o seu horror e desprezo pelos prazeres mundanos, tal o seu amor pelo estudo e seu sonho de perfeição na Arte. Quando queria descansar da vida da cidade, retirava-se para a "Chapada", um pequeno sítio nosso, passava semanas inteiras em pescarias e passeios campestres. Lá tem ele o seu nome gravado num genipapeiro que fica fronteiro á casa, conforme evoca em "Nostalgias", sem duvida um dos melhores trabalhos de "Tropas e Boiadas".

E' justamente essa página de tão sugestiva delicadeza de sentimento nativo que oferecemos aos nossos leitores, em memoria de um espirito animado pelo mais nobre idealismo e que um drama de insondáveis profundezas morais — talvez mais intelectuais do que morais — haveria de destruir tão cedo.

## NOSTALGIAS

(Continuação da pag. 11)

á frente, onde Victor e os primos tripudiavam contentes, os mais pequenos receiosos e assustados dum trambolhão a um pinote ou volteio mais rapido.

Caía sobre o Vermelho, que passava ao fundo, a grande, merencoria tristeza da tarde. Berravam nos cercados os bezerros. Piavam guachos e João-congos nas grimpas dos genipapeiros, onde ninhos caprichosos, ao feitio de compridas bolsas, balouçavam prenhes. Mosquitinhos azoanantes e zumbidores enxameavam ao longo das franqueiras, nas "perébas" dos moleques, sobre a lombeira sarnosa da cachorrada, que, a bruscos estremeções do pelo arripiado, gania relambendo-se entre palhas, no borralho.

Distante, na estrada da Barra, cargueiros passavam ajouçados e resfolegantes sob a carga de mantimentos, em bruacas de couro cru, rumo da cidade e do mercado. Escutava-se o relho a estalar ao longe, e a voz pigarrosa do capipira, batendo fogo, assoprando o chumaço da binga, a incitar aos muchochos a mulada:

— Ehúl ehúl ehúl... Crioulo!... Penacho!...

E mais além, aqui na mata, ali nos "furados" de jaraguá, jaós e perdizes correspondiam-se, moduladas e dolentes as primeiras, subitaneas e estridulas as outras, de lado a lado rememorando a historia pungentissima de seu mutuo apartamento...

Anoitecia. A paz do sertão, sugestiva e boa, descia nos escampos solitários. Na mesa tosca, ao canto da sala, fumegava a "janta" sobre a toalha alvacenta d'algodão, alumada ao centro, vagamente, pela candeia de três bicos, que se espevitava de vez em vez.

Surgiam o angú de carurú nos tigeloes pintalgados, a feijoadá, o ensopado de peixe, farto, em travessas e pratos estanhados, rebrihando á luz entre olhos de gordura. Ao lado, o garrafão de caninha e o frasco de malagueta para os mais velhos, os que gostassem do condimento rustico.

Empanturrava-se como pagãos que eramos, á primitiva moda e ao apetite das velhas colonias...

Que rica "boia" e depois que rico sono, aquele que nos surpreendia pela volta das nove, ao tempo que se contava ainda na fieira dos anos onze, doze, treze primaveras apenas!

Não raro, o caseiro do sítio, forte e desempenado em sua robustez de oitenta anos — o braço mais rijo e feroz dos eitos da roça três leguas derredor, — vinha para a soleira da porta, encapotava-se bizonto ao batente, acendia um cigarrão e, a cabeça nevando ao luar como capucho de algodoeiro, punha-se a devanear, baforando. Cercavamo-lo todos, grandes e pequenos.

Eram sempre historias antigas, das passadas eras do Imperio e presidios do Araguaya. Ficavamos a escutar, sonhando com essa região longinqua de cangussús e caboclos desnudos, areias infundáveis alvejando á distancia, onde a pintada vinha uivar em cio á noite, agoniada do luar, e de cujo fundo das aguas saíam, em estação propicia, as tracajás á desóva pelas praias de arribação...

E a mente exaltava-se, repassando contos e lendas, frutos de leituras precoces duns e outros que, mais felizes, tinham visto ou descrito o Araguaya, e bebido em suas paragens a selvatica poesia dos sertões brasileiros...

— Ah! tempos que passaram, tempos de moço, como cabo ordenança e vaqueiro particular do capitão José Manoel, teu pae, nosso tio-avô!

Vinham logo narrações da vida á beira do grande rio, proezas de caça e pesca, combates e matanças dos indios canoeiros, caiapós e chavantes; o ataque do fortim de Santa Maria, como ele, ajoelhado á soleira do rancho, a velha espingarda reúna e respectiva munición ao lado, mordendo impassível o cartucho, fizera frente a toda uma tribo encarniçada de guerreiros, fuzilando-a á queima roupa e dando assim tempo á guarnição de tocar a rebate e acudir em defesa ás muralhas.

— Era pelo meio da noite, um luar tão claro como o d'a. A caboclada tingira-se de preto, uma larga faixa branca pintada na testa. Isso servia de pontaria. Não perdera um tiro. O rancho ficara que nem porco-espim: crivado de alto a baixo de frexas, e tantas que, ao outro dia, andando os soldados a apanha-las nos arredores, ajuntaram feixes enormes, que depois serviram para manter o fogo da cosinha semanas a fio. De sua parte, por conta e risco, só ele mâtara oito...

— Tempos "brabos", comentava.

— (Ai, meu pobre herói obscuro, que dormes hoje, entre florinhas agrestes, o teu sono de paz numa cova rasa do cemiterio da Barra, junto ao filho do Anhangüera, o desbravador de meus pagos!)

Relatava agora, entre serio e jocoso, como a colerina alastrara subito no presidio, afrontando do ultimo recruta ao comandante; de como faltaram então todos os recursos e mantimentos naqueles fundões. Só a ele poupava, a danada! Ia para o fundo do quintal, o pão de fogo aperrado, entre os bamburraes, assuntando. Tucanos, quebrando talas, grazinavam saltitantes nas embaúbas.

— Pum! pum! Botava um, botava dois, três abaixo; e era essa a canja que, com milho pilado, servia ao pé do leito aos patrões devorados de febre.

— Bicho duro, o tucanol! Pernoitava dias inteiros no fogo, e nada de dar caldo que prestasse. Como ele, só papagaio, vôtel! Parecia até o capêta em figura de ave.

Depois, era como duma feita sangrara um cabra intrometido que se lhe fizera engraçado com a mulher. O camarada riscara a parnaíba com vontade; ele aparou e deu-lhe resposta bem segura, entre costelas, no bucho...

E explicava: O asneçada fôra procura-lo no açougue da vila — estavam então em Santa Leopoldina — onde ele acabara de abater uma rez gorda, cria da fazenda, por ordem de "seu" capitão. O cabra chegou como quem vinha mesmo decidido a armar sarceiro, cara amarrada, berrando alto, gesticulando atrevido, arrotando pacholice e valentias, uma dose forte de cachaça nos bofes.

Ele ouviu, ouviu, como quem não entendia; mas num repente, ante um desaforo mais grosso, quando o provocador transpunha já o limiar, saltou por cima do balcão, ajuntou o famanaz pelos peitos, atirando-o com violencia ao meio da rua.

O Domingos foi de roldão bater na quina dum "frade", e voltou de lá cego, facão á mostra, piscando os olhinhos de cobra assanhada, sobre o adversario, que já o esperava tambem do lado de fôra, a comprida faca do "côrte" — reluzente e ensebada do serviço — na mão firme.

O crioulo marrou-lhe, a bem dizer, uma pontada direita ao coração; ele torceu e deixou-o passar. De novo, frechou-lhe em cima o asneçada, faca a prumo num bote curto, procurando aberta; novamente ele furtou o corpo, mas esperava-o dessa vez na ponta do ferro, onde o cabra veio espetar-se, bruscamente, o sangue esguichando com fartura para os lados, aos borbotões.

— Ah, como que ainda sentia pelas mãos, na cara — vão quarenta e cinco anos — o sangue do Minguinhos salpicando-o de alto a baixo, todo fumegante, como brazal!

Animado pelo calor da narrativa, acrescentava depois como derrubara doutra vez, numa tarde mui limpida e calorenta de Agosto, um velho carajá que topara acororado no alto duma arvore, todo acobardado e tremulo ao vê-lo, duma feita, quando vinha do campeio...

E anotava:

— Quall Carajás... nação fraca...

— Mas mataste-o á toa, Casimiro?

— Ora, ora, o velho coróca arregalava-me o olho do alto do páo, assim que nele botei a vista, como guariba assustada, batendo os dentes, a dizer com perrengue:

— Aí tory... Aí tory... (cristão, cristão), mata Bremery... (nome lá da lingua deles), aí ele não faz mal... Aí tory valente!... E tremia, que nem atacado de maleitas.

Eu atravessara o meu pampa campeador no meio do caminho, a coronha da lazzarina sobre o serigote dos arreios, todo encruado em minhas perneiras e guarda-peito de "mateiro", o chapelão para traz, preso ao queixo pela barbela de sola, mão em pala, assuntando...

Dera com aquele diabo ao sair do cerrado, onde andava a campear umas rezes do capitão José Manoel, seu tio-avô, que Deus tenha em sua santa guarda. Tinha achado rastros frescos num brejal, entre touças de caranan, mas batêra três dias seguidos as redondezas, não topando viva alma.

Daí a presunção em que vinha: Pintada não fôra, senão deixava algum sinal, resto de carniça, marca das patas, qualquer cousa; e só muito faminta atacava cria taluda... Os indios, talvez...

Vae senão, tópo aquele estorvo.

— Desce do páo, ó tapuyol...

— Aí tory... aí tory... mata ele... Brequety não faz mal... Aí tory valente!...

— Ora, ora, o pereréca batia a queixada como caitetú acuado, e eu — diacho de velho p'ra viver!... — quando o pampa dera já algumas passadas, torci-me no arção da cutuca, e despejei-lhe nas costelas a carga da reúna. Que bufo, vôtel!

Aqui interrompia a segunda mulher do caseiro — que a primeira ha muitos anos morrera — toda lastimosa, um travo de zanga na voz:

— Pois tu não tens vergonha de contar cousas dessas, Casimiro! Crédo! olha o purgatorio.

— Mulher, mulher, mete-te com tua vida, deixa os outros sossegados. Mortes, tenho treze nas costas, mal contado; e não me arrependo, mais não fôra, tanta gente ruim anda pelo mundo!...

— E remorsos, nunca os teve? — indago.

O velho, cuja cabeça nevava ainda mais o luar, olhou-me em silencio, como se não compreendéra. Depois rio, a boca murcha espi-





chando num bocejo cynico, onde sobressaía desenhada toda aquela vida primitiva no seio bruto do deserto a par de feras e perigos, sem contemplações e sem piedade para com os mais fracos, os vencidos...

— Leréia...

— Sim, lerias, discutia eu no meu intimo, que nessa epoca já começava a tirar lições praticas do mundo, e sabia que o cafuso que ali estava, o busto ainda alto e espigado, onde os três sangues da raça se caldeavam apaziguados, nunca passara da cartilha de mão, e vivera assim desde rapazote, á gandaia da natureza, a grande mestra da vida.

— Quando fôra da estopada do Minguinhos, cristão como ele e companheiro de tarimba, não tivera, quanto mais daquele velho corôca, a bem dizer bicho do matol...

— Ora, anos depois, de passagem, fôra ver o local; a caveira reluzia ao sol e ria macabramente no aceiro da selva, enquanto a ossada se espalhava em torno, dispersa pelas enxurradas e animais bravios...

Terras barbaras, gente forte!

— Ai, a nostalgia do sertão!

Pela manhã a Merencia papuda e avara, ia ao curral ordenhar a sua parelha magricela de vaquinhas barrosas, cujo leite nos vendia sovinaamente a tostão o guampo. Também, crivavamos-lhe de epítetos e epigramas, á veia estudantal, a papeira mazomba, mal virava, resingando, a costa acorcovada.

Amigo: não val descrever a vida que aí levamos e da qual frues ainda os doces encantos. Longe, numa terra inhóspita para os pequenos e humildes, nesta trapeira velha onde noite alta zune a ventania e vêm visitar-me alcateias de ratazanas, ás voltas com os meus tedios e minhas pequenas manias de rabiscador anonymo, o espetaculo grandioso da civilização desenrolando-se ao pé pelo buzinar alacre dos autos nas avenidas e pedalar intermitente de tranvias, tão só, á espera dum futuro que não chega e sabendo quão amarga sóe ás vezes ser a solidão para os que meditam e sonham, e quão duro é viver distante das cousas que nos foram familiares, relembro a paizagem adusta de nossa velha terra, e — confesso — não raro uma lagrima furtiva regoma em minhas faces escaldadas, como obolo votivo ao torrão onde vi a luz, onde minha infancia decorreu como todas, ai, tão depressa, tão descuidosa... Mas... basta de sentimentalismo:

Revel-a-ei? Não sei. Talvez nunca. Entretanto, nesta luta insana pela existencia que é o viver quotidiano das grandes cidades, assediado a cada momento por vivos e contrarios embates de interesses e paixões mesquinhas, sinto que o meu intimo permaneceu o mesmo d'outrora insensível e sereno a todas as agressões brutaes deste meio material e grosseiro, que o cinge e aperta num supremo e frenetico esforço de conquista, e erguendo, em meio o seu abandono e em meio a sua tristeza, a grande escada de fogo por onde se guindará a outras paragens mais altas, filhas do meu Sonho e da minha Saudade...

## A imprensa e a falta de papel

O "Diario de Noticias" apresenta-se, hoje, com 10 páginas apenas, e assim, deficientes e sacrificadas, terá de manter as suas próximas edições dos dias uteis, até que chegue á Guanabara o ultimo lote de papel embarcado em Nova York. O navio que o transporta é esperado a qualquer momento, mas pode demorar ainda oito a quinze dias. E pode não chegar... As edições dos próximos domingos serão reduzidas a vinte páginas, resultando desses cortes uma economia que nos permitirá manter o jornal em circulação até o fim deste mês. Se até lá não houvermos recebido a partida embarcada, cairemos, como já ocorreu á maioria dos nossos colegas, no papel nacional.

Para dar aos leitores uma idéia do que significa para os jornais a contingencia de recorrer ao papel produzido pelas fábricas locais ou paulistas basta esclarecer-lhes que, alem da má qualidade do artigo e do péssimo aspecto que tomam os jornais que o utilizam a diferença de preço é simplesmente escorchante. Enquanto o magnifico papel canadense, embarcado via Nova York, pagando fretes altos e altissimos seguros marítimo e de guerra, chega ao Rio, depois de longa e arriscadissima travessia marítima, em comboio, a Cr. 1,90 o quilo, o papel de qualquer das nossas fábricas e vendido a Cr\$ 4,20. Tomando-se por base o consumo normal desta folha, reduzido, depois da crise de transporte, a 130 toneladas mensais, verifica-se que ao invés de pagarmos Cr.\$ 247.000,00 pelo papel canadense, teriamos de entregar aos fabricantes nacionais Cr.\$ 546.000,00, cerca, portanto, de Cr.\$ 300.000,00, cada mês!

Como se vê, são as mais sombrias as perspectivas para a imprensa brasileira, cujo consumo total não excede, entretanto, de 3.500 a 4.000 toneladas mensais. Se os governos brasileiro e americano não se empenharem firmemente em sustentá-la, por meio de um tratamento especialissimo na questão de embarques, não tardará muito o seu perecimento.

(Do "Diario de Noticias" de 17 de fevereiro de 1942)

## Não ha duvida: está no fim

Restam poucos exemplares do **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943, edição largamente distribuida por todas as livrarias e bancas de jornais do Brasil.

E, em verdade, outro não poderia ter sido o destino de um livro com trezentas páginas, muitas das quais coloridas, cheio de assuntos interessantíssimos, informações utilísimas, leitura variada para todas as classes, condições e idades.

Ter por oito cruzeiros uma enciclopédia composta de assuntos por assim dizer "concentrados", embora variadíssimos; ter em mãos uma soma de informações que, de outra forma, só seria obtida mediante longo trabalho de consulta a toda uma biblioteca; conduzir facilmente para qualquer parte, uma obra que educa e diverte, porque é ao mesmo tempo instrutiva e repousante, são privilégios de quem compra o **ALMANAQUE EU SEI TUDO** — o livro dos mil assuntos.

Assim, antes que seja tarde, peça a seu jornaleiro ou a seu livreiro um **ALMANAQUE EU SEI TUDO** para 1943.

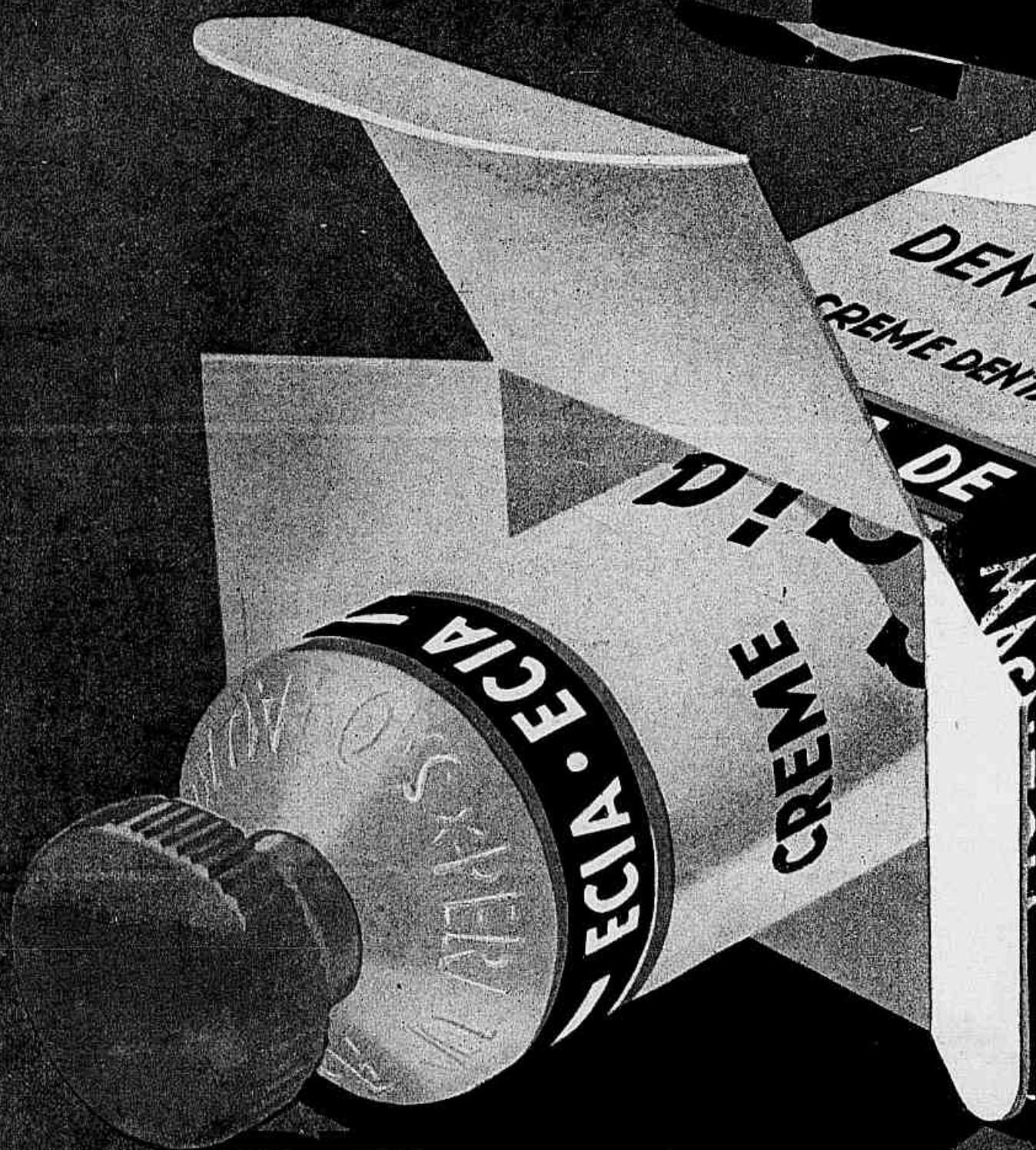
Leia-o, deixe que todos os de sua casa também o leiam e, depois, mande-o ao encadernador para que passe a figurar em sua estante, confundindo-se com os seus melhores livros.

Se o fornecedor não atender a seu pedido, solicite um exemplar, mediante o envio de oito cruzeiros em vale postal ou pelo reembolso dos Correios, à CIA. EDITORA AMERICANA: Rua Maranguape, 15 — DISTRITO FEDERAL



ATELIER  
Mirza

CREME DENTAL



Ecija